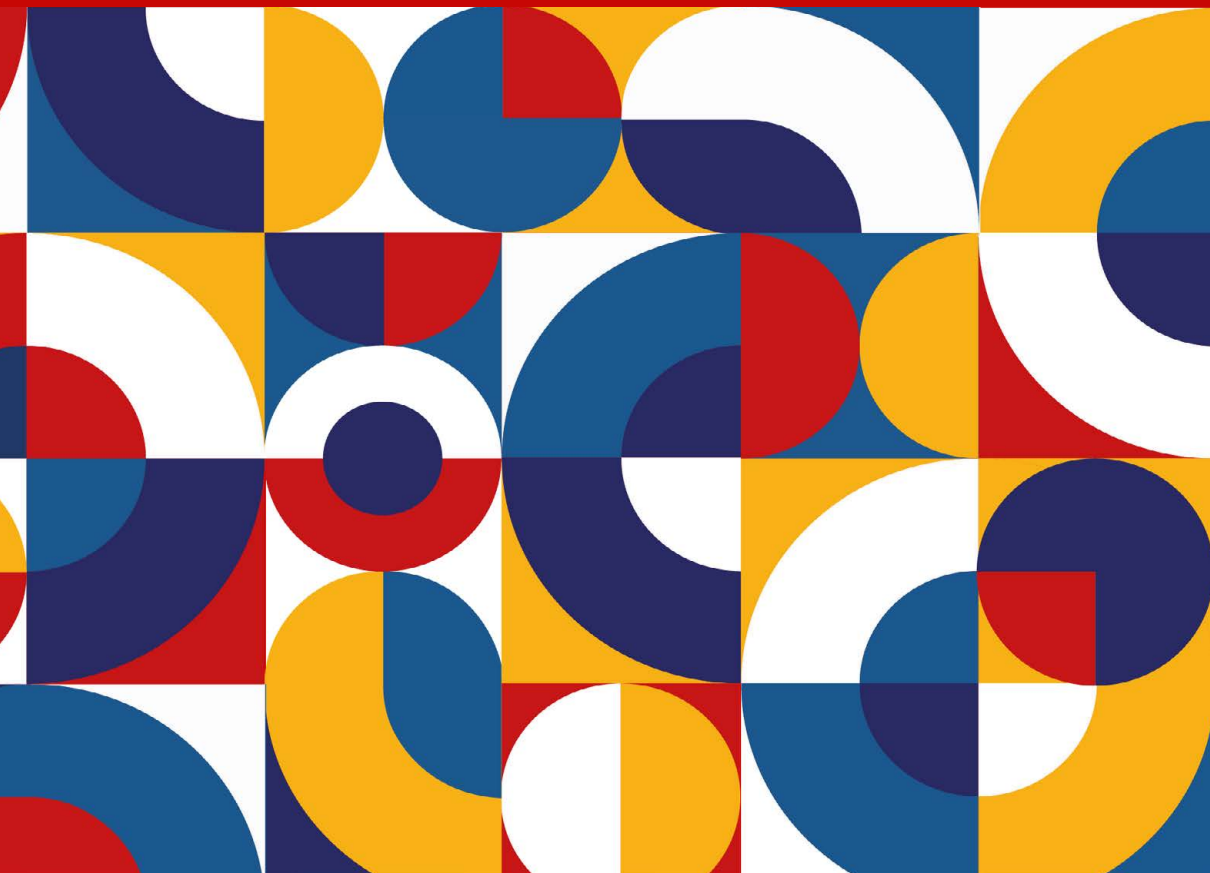
Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting 2024*

Edna Frasson de Souza Montero
Juliana Maria de Sousa Pinto
Silvia Regina Galleti
Organizadoras

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do ABEC Meeting 2024

Edna Frasson de Souza Montero
Juliana Maria de Sousa Pinto
Silvia Regina Galleti
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MONTERO, E. F. S., PINTO, J. M. S., and GALLETI, S. R., eds. *Desafios e perspectivas da editoria científica*: memórias críticas do ABEC Meeting 2024 [online]. Botucatu: ABEC Livros, 2025, 104 p. ISBN: 978-85-939100-7-4. Available from: https://books.scielo.org/id/4my8j.
https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento 4.0.

ABEC Meeting 2024

5 a 7 de novembro • São Paulo • SP

Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting 2024*

Edna Frasson de Souza Montero
Juliana Maria de Sousa Pinto
Silvia Regina Galleti
Organizadoras

2025 Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil)

Esta obra está sob a licença *Creative Commons* Atribuição CC BY 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte.

Organização
Edna Frasson de Souza Montero
Juliana Maria de Sousa Pinto
Silvia Regina Galleti

Conselho Editorial
Ana Marlene Freitas de Morais
Carlos Herold Junior
Edna Frasson de Souza Montero
Emerson Wagner Mainardes
Heloisa Junqueira Fleury
Lia Machado Fiuza Fialho
Sigmar de Mello Rode

Produção Editorial
Elisabete Werlang

Projeto Gráfico
BW Editora de Arte
Programação visual do evento | SAWAI

Revisão Ortográfica e Gramatical
Aliria Aiara Duarte Lemos | Universidade de Fortaleza (Unifor)

Normalização ABNT
Heloisa Costa

Padronização Textual
Simone Bacilieri

Diagramação
Antonio Franciel Muniz Feitosa | Universidade de Fortaleza (Unifor)

Fotos
Arquivos pessoais dos resenhistas

Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil)
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75
Bairro Chácara Floresta
CEP 18603-550, Botucatu, São Paulo.
Fone: (14) 3815-5095
abec@abecbrasil.org.br
www.abecbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecária: Heloisa Costa CRB14/977

D450 Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do ABEC Meeting 2024 [Recurso eletrônico] / Organizadoras : Edna Frasson de Souza Montero, Juliana Maria de Sousa Pinto, Silvia Regina Galleti. – Botucatu, São Paulo : ABEC Brasil, 2025.
104 p. : il. ; color ; 16 x 23 cm.
e-book (PDF.)

ABEC BRASIL: Associação Brasileira de Editores Científicos
Modo de acesso:
https://www1.abecbrasil.org.br/arquivos/desafios_e_perspectivas_da_editoria_cientifica_2024.pdf
ISBN: 978-85-93910-07-4
DOI: https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4
Inclui Bibliografia.
Possui versão impressa.

1. Editoria científica. 2. Memórias críticas. 3. Inteligência artificial. I. Associação Brasileira de Editores Científicos. II. Montero, Edna Frasson de Souza. III. Pinto, Juliana Maria de Sousa. IV. Galleti, Silvia Regina. V. Título.

CDU: 050
CDD: 050

Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting 2024*

Edna Frasson de Souza Montero
Juliana Maria de Sousa Pinto
Silvia Regina Galleti
Organizadoras

Unifor

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos
40 Anos

Avançando na qualificação e
inovação da editoria científica

Botucatu
2025

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CIENTÍFICOS | ABEC BRASIL

DIRETORIA

Mandato (março/2024 – março/2026)

Presidente

Edna Frasson de Souza Montero | Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Presidente anterior

Sigmar de Mello Rode | Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José dos Campos, SP

Vice-Presidente

Ana Marlene Freitas de Morais | Linceu Editorial, São José dos Campos, SP

Secretário-Geral

Lia Machado Fiuza Fialho | Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE

1o. Secretário

Carlos Herold Junior | Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

1a. Tesoureira

Heloisa Junqueira Fleury | Federação Brasileira de Psicodrama, São Paulo, SP

2o. Tesoureiro

Emerson Wagner Mainardes | Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Finanças, Serra, ES

CONSELHO DELIBERATIVO

Mandato (março/2022 – março/2026)

Ivone Evangelista Cabral | Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Leila Posenato Garcia | Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho, Florianópolis, SC

Mandato (março/2024 – março/2028)

Germana Fernandes Barata | Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

Natalino Perovano Filho | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

Piotr Trzesniak | Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

CONSELHO FISCAL

Mandato (março/2024 – março/2026)

Ilda Fontes | Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP

Silvia Regina Galleti | Instituto Biológico, São Paulo, SP

Mandato (março/2024 – março/2028)

Juliana Maria de Sousa Pinto | Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Sumário

Prefácio **7**
Washington Segundo

Reflexões sobre os desafios contemporâneos na editoria científica: Solenidade de abertura do *ABEC Meeting 2024* **9**
Silvia Regina Galleti
Edna Frasson de Souza Montero

Indexação: o que precisamos? **15**
Carlos Herold Junior

A qualidade da publicação requer pessoas qualificadas e motivadas **25**
Lia Machado Fiuza Fialho

A inteligência artificial brasileira na prática **35**
Edna Frasson de Souza Montero

Aplicação de inteligência artificial generativa na comunicação de pesquisas com ênfase em periódicos **41**
Juliana Maria de Souza Pinto
Eli Lopes da Silva

Integração dos identificadores persistentes: gestão dos IDs **55**
Heloisa Junqueira Fleury

Inteligência artificial e a responsabilidade na editoria científica **61**
Sigmar de Mello Rode

Desempenho do periódico: indicadores de impacto **71**
Natalino Perovano Filho

Periódicos predatórios: impactos e estratégias de combate na comunidade científica 79
Silvia Regina Galleti

Periódico de qualidade requer investimento: quem paga? 87
Edna Frasson de Souza Montero

Panorama da publicação científica no Sul Global: desafios e oportunidades 95
Sigmar de Mello Rode

Prefácio

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.prefacio

Washington Segundo

Foi com profunda honra e satisfação que aceitei o convite para prefaciar esta obra essencial: *Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do ABEC Meeting 2024*, organizada por Edna Frasson de Souza Montero, Juliana Maria de Sousa Pinto e Silvia Regina Galleti. Como coordenador-geral e pesquisador, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), e dedicado ao ecossistema da comunicação científica, reconheço a urgência dos debates aqui reunidos, que refletem não apenas as transformações e desafios recentes da comunicação científica, mas apontam caminhos para a editoria acadêmica no Brasil e no Sul Global.

O evento de 2024 – com painéis multilíngues, minicursos técnicos e debates sobre Ciência Aberta – reafirmou que a implementação de suas práticas não é opcional, é um imperativo ético. A tradução simultânea em português, inglês e espanhol, além das 27 horas de programação, garantiu um diálogo verdadeiramente coletivo.

A ABEC Brasil, ao longo de sua trajetória, consolidou-se, com responsabilidade e inovação, como referência em boas práticas editoriais, bem como um fórum qualificado para realização de debates. Em 2024, diante dos desafios trazidos pela aceleração do desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial (IA), pela necessidade da sustentabilidade financeira e pela persistência de periódicos predatórios, o *ABEC Meeting* reafirmou seu papel como espaço vital de diálogo crítico em temas tão caros à academia e à sociedade.

Os capítulos da presente obra traduzem esse espírito combativo e visionário, articulando reflexões que vão desde a indexação e a profissionalização dos editores até a ética na aplicação de IA generativa – temas que definem o cerne do debate contemporâneo em editoria. O livro, portanto, é mais do que uma coletânea de textos, é um retrato da editoria científica brasileira em transformação, com cada capítulo dialogando com urgências contemporâneas.

Dedico este prefácio com reconhecimento a todos os que dedicaram horas, saberes e entusiasmo à realização do evento e desta obra: à organização, aos palestrantes, aos apoiadores institucionais e, sobretudo, aos editores que se empenham diariamente para que o conhecimento científico circule com rigor, transparência e alcance amplo na comunidade acadêmica.

Realiza-se, portanto, um chamado à profissionalização editorial, ao uso crítico da tecnologia e à defesa intransigente da integridade científica.

Agradeço à ABEC Brasil, aos organizadores e aos autores por transformarem desafios em soluções concretas. Que estas memórias inspirem editores, bibliotecários, agências de fomento e pesquisadores a construir uma editoria científica mais socialmente justa, sustentável e comprometida com o avanço do conhecimento científico nacional.

Washington Segundo
Coordenador-geral de Informação Científica e Técnica | Ibict
http://lattes.cnpq.br/9453481318889500
https://orcid.org/0000-0003-3635-9384

Reflexões sobre os desafios contemporâneos na editoria científica

Solenidade de abertura do *ABEC Meeting 2024*

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.1

Silvia Regina Galleti
Edna Frasson de Souza Montero

A **solenidade de abertura do *ABEC Meeting 2024***, realizada na Fundação Getulio Vargas (FGV-EASP), foi marcada por uma atmosfera de celebração e reflexão sobre a importância da editoria científica para o desenvolvimento do conhecimento no Brasil. Com uma programação cuidadosamente elaborada, o evento reuniu autoridades, editores, pesquisadores e representantes de instituições parceiras para compartilhar experiências, fortalecer parcerias e destacar os avanços alcançados pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil). A diversidade de temas abordados, desde inteligência artificial (IA) na publicação científica até as novas diretrizes da CAPES, destacou o caráter multidimensional do encontro.

A condução por **Heloisa Fleury**, mestre de cerimônias e editora-chefe da Revista Brasileira de Psicodrama, trouxe um tom acolhedor e dinâmico, enquanto as falas das autoridades ressaltaram os valores de ética, inovação e colaboração, fundamentais para a ciência e a comunicação científica.

A solenidade de abertura contou com a presença de Edna Frasson de Souza Montero, Silvia Regina Galleti, Juliana Bonomi Santos e Lia Machado Fiuza Fialho, representando importantes instituições e a própria ABEC Brasil. Ainda na sua fala de boas-vindas, Heloisa agradeceu às autoridades presentes e destacou o apoio de parceiros e apoiadores da ABEC Brasil.

Silvia Regina Galleti, coordenadora-geral do evento, iniciou sua fala expressando orgulho e satisfação por abrir o *ABEC Meeting 2024*, bem como enfatizou que o evento foi fruto de uma colaboração entre a ABEC Brasil e a Fundação Getulio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EASP) –, destacando a relevância de São Paulo como sede do encontro.

A identidade visual do evento, inspirada na escola Bauhaus, foi evidenciada por refletir valores de inovação e integração. Silvia também apresentou as realizações da ABEC Brasil ao longo do ano, incluindo quatro webinários e seis minicursos pré-evento, e destacou a programação do *ABEC Meeting 2024* como um espaço privilegiado para discutir temas como inteligência artificial na publicação científica e boas práticas editoriais. Silvia mencionou a escolha das lembranças para os palestrantes – chocolates feitos com cacau de Itariri, São Paulo – como um símbolo das raízes locais.

Um marco do evento foi o recorde de submissões de trabalhos para a sessão de comunicação oral, com 37 submissões, das quais 28 foram aprovadas. Silvia agradeceu aos patrocinadores do evento, mencionando 15 empresas parceiras ligadas à editoria científica, e destacou a entrega do prêmio Jürgen Döbereiner na categoria Jovem Editor e a concessão da Medalha ABEC Brasil de Mérito Editorial, modalidade honorária, como momentos especiais da solenidade.

A professora **Juliana Bonomi Santos** representou a FGV-EASP e deu as boas-vindas aos participantes em nome da instituição. Ela destacou a missão da FGV em promover o desenvolvimento econômico e social por meio da ciência e da tecnologia, enfatizando o compromisso com a editoria de revistas acadêmicas de relevância internacional. Juliana ressaltou a importância do evento em tempos de transformações significativas, como as novas diretrizes da CAPES e o impacto da inteligência artificial na ciência, incentivando os participantes a aproveitarem o encontro para trocar experiências e fortalecer conexões.

Edna Frasson de Souza Montero, presidente da ABEC Brasil, também deu as boas-vindas aos presentes, destacando a alegria e a satisfação pelo início do evento, planejado com dedicação ao longo do ano. Edna ressaltou que o *ABEC Meeting* é um espaço essencial para debates sobre temas relevantes da editoria científica, reunindo todos os atores do processo de publicação. Ela agradeceu à professora Juliana Bonomi e à FGV-EASP pela acolhida, bem como às 15 empresas parceiras que apoiaram a realização do evento.

A presidente destacou os esforços da ABEC Brasil em promover a profissionalização da editoria científica por meio de minicursos, *workshops* e outras iniciativas. Valores como ética, integridade e profissionalismo foram apontados como fundamentais para elevar a qualidade dos periódicos brasileiros, assim como a formação de pessoas capacitadas para atuar no campo editorial. Edna também abordou a importância de parcerias com instituições como o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) para ampliar a visibilidade das publicações nacionais.

Alinhada à missão da ABEC Brasil de capacitar o editor científico para divulgar os avanços das pesquisas brasileiras para a sociedade, Edna anunciou o lançamento de um novo curso de gestão editorial científica e revelou que o *ABEC Meeting 2025* será realizado em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba. Ela encerrou sua fala com uma citação de Albert Einstein, enfatizando a conexão entre ciência e transcendência: "O mais belo que podemos experimentar é o mistério. Essa é a fonte de toda arte e de toda ciência verdadeira".

Nesse momento, foi dedicado um espaço especial para reconhecer o trabalho e a dedicação de profissionais que se destacam no campo da publicação científica. **Lia Machado Fiuza Fialho**, primeira-secretária da diretoria da ABEC Brasil, foi convidada a conduzir a entrega do Prêmio Editor do Futuro.

Lia iniciou sua fala ressaltando que sua trajetória na editoria científica foi marcada pelo Prêmio Editor do Futuro, que recebeu em 2016. Segundo ela, essa honraria foi decisiva para sua aproximação com a ABEC Brasil e continua sendo uma fonte de aprendizado e crescimento na área editorial.

Enfatizou a relevância do prêmio como uma iniciativa alinhada à missão da ABEC Brasil de desenvolver e aprimorar a publicação de periódicos científicos. Ela destacou a importância de investir na formação profissional e no incentivo à participação de jovens pesquisadores no universo da editoria científica. Desde 2001, o Prêmio Editor do Futuro tem como objetivo

reconhecer jovens integrantes de comitês editoriais, com até 40 anos de idade, que realizam ações significativas ou inovadoras para qualificar periódicos científicos.

Em 2002, o prêmio foi renomeado como Prêmio Jürgen Döbereiner e, a pedido da comunidade de associados, passou a ser concedido em duas modalidades alternadas anualmente: Editor do Futuro, sem limite de idade, e Jovem Editor, priorizando novos talentos. Na edição de 2024, oito candidatos qualificados foram inscritos, demonstrando engajamento em diversas atividades editoriais, como indexação, divulgação, internacionalização e agilidade nos fluxos editoriais. A comissão julgadora enfrentou uma tarefa desafiadora para escolher o vencedor entre tantos excelentes candidatos.

Assim, o ganhador do Prêmio Jürgen Döbereiner na modalidade Jovem Editor, **João Paulo Moreira Silva**, foi anunciado. O vencedor recebeu um troféu, um certificado, participação gratuita no *ABEC Meeting 2024*, inscrição gratuita em eventos de curta duração promovidos pela ABEC Brasil até o próximo evento, além de 70% de desconto nos cursos do Programa ABEC Educação.

Visivelmente emocionado, João Paulo iniciou sua fala agradecendo às pessoas que contribuíram para sua trajetória, mencionando o professor Edmundo Inácio Júnior, o qual considerou seu mentor tanto na editoria científica quanto em outras áreas. Ele se apresentou como doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor do Mestrado *Stricto Sensu* do Centro Universitário Una e da PUC Minas, e editor-executivo da REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal.

João Paulo compartilhou as conquistas recentes alcançadas durante sua gestão na REGEPE, como a indexação no SciELO (Scientific Electronic Library Online), a inclusão na Scopus e parcerias estratégicas, incluindo a implementação de Reviewer Credits, além da colaboração com o SciELO *Preprints.* Ele destacou que essas realizações foram possíveis graças ao apoio de colegas como Patrícia, Gildenir Carolino Santos e outros envolvidos no processo editorial.

Concluindo sua fala, João Paulo expressou sua profunda gratidão e disse estar motivado a continuar contribuindo para a melhoria da editoria científica no Brasil.

Em seguida, a presidente da ABEC Brasil, professora Edna Montero, iniciou a condução da entrega da Medalha ABEC Brasil de Mérito Editorial.

Edna afirmou que este é um momento especial para todos nós. Instituída na renovação do Estatuto da ABEC, a medalha reflete nossa gratidão a quem contribui significativamente para a editoria científica. Conforme o artigo 18 do Estatuto, a honraria possui duas modalidades: honorária e benemérita, premiando indivíduos que prestaram relevantes serviços ao desenvolvimento dos periódicos científicos e à comunicação científica.

Assim, anunciou a concessão da medalha honorária ao professor **Benedito Barraviera**, figura central na história da ABEC Brasil. Durante sua gestão como presidente, modernizou a editoria científica no Brasil, promovendo a internacionalização de publicações e a adoção de práticas editoriais de alto padrão. Foi pioneiro na integração de tecnologias digitais, facilitando o acesso aberto e ampliando o impacto da ciência brasileira.

Barraviera sempre destacou a ética na publicação científica e incentivou a capacitação de editores, transformando profundamente a comunicação científica no Brasil. Além disso, foi mentor de novas gerações, promovendo colaboração e troca de conhecimentos. Sua dedicação é uma inspiração para todos nós.

Edna, ao continuar sua fala, relatou que sua introdução na ABEC se deu graças ao Professor Benedito. Conheceu-o durante uma visita ao professor Saul Goldenberg, em um momento de intensa atividade na editoria científica médica. Desde então, Edna afirmou que mantém sua ligação com a ABEC Brasil, sempre admirando sua liderança.

Junto a **Ana Morais**, vice-presidente da ABEC Brasil, Edna fez a entrega da medalha para o professor Barraviera, prestando-lhe uma homenagem à doutora Silvia Regina Sartori Barraviera, esposa do homenageado, que sempre esteve ao lado dele em sua jornada.

O professor Barraviera iniciou seu discurso agradecendo profundamente pela honra de receber a Medalha ABEC Brasil de Mérito Editorial. Afirmou, ainda, que o reconhecimento é emocionante, especialmente vindo de uma entidade que tanto admira. Sempre trabalhou para melhorar a qualidade das publicações científicas brasileiras, continuamente focado em ética, integridade e rigor científico. Mencionou que seu trabalho silencioso impactou profundamente como a ciência é disseminada e percebida.

Segundo Benedito, a ABEC Brasil tem sido um pilar nessa transformação, o que motivou sua homenagem àqueles que constantemente o apoiaram, especialmente à sua esposa Silvia, sua maior fonte de motivação. Ele finalizou sua fala inicial reafirmando seu compromisso com a ciência e a comunicação científica, sempre guiado pela coragem e pela ética.

Em seguida, o professor Barraviera fez uma breve apresentação da sua trajetória. Mencionou que, desde os primórdios, o ser humano registra sua história e transmite conhecimento. A invenção da imprensa por Gutenberg, em 1450, e os primeiros periódicos científicos do século XVII, como Journal des Savants e Philosophical Transactions, revolucionaram a comunicação científica. Com o tempo, a publicação eletrônica transformou esse cenário, culminando em iniciativas como a Los Alamos e Print Archives, em 1991, e o SciELO, em 1997.

No Brasil, o CEVAP, Centro de Estudos de Venenos de Animais Peçonhentos, foi pioneiro na distribuição eletrônica do seu periódico científico, The Journal of Venomous Animals and Toxins, inicialmente em disquetes e depois em CD-Roms. Posteriormente, o periódico foi disponibilizado on-line, promovendo acesso global ao conteúdo. Sua integração ao SciELO e outras bases internacionais, bem como a parceria com a BioMed Central e a Springer, reforçaram sua relevância, elevando sua qualidade e impacto.

Desse modo, a evolução desse periódico reflete a importância da adaptação gradual a novas tecnologias. Hoje, ele é um ícone da publicação científica brasileira, destacando-se na toxinologia e nas doenças tropicais. O legado de iniciativas como esta demonstra que inovações bem-sucedidas demandam perseverança, visão e trabalho colaborativo.

Professor Barraviera encerrou sua apresentação enfatizando que essas histórias inspiram a ABEC Brasil e seus associados a continuar promovendo a ciência, reforçando a ética e buscando a excelência na comunicação científica, em prol de um futuro mais conectado e inovador.

Assim, encerrou-se a solenidade de abertura do *ABEC Meeting 2024*, que se destacou pela articulação entre tradição e inovação, evidenciada na escolha do local, na temática do evento e nos discursos das autoridades. Silvia Regina Galleti, coordenadora-geral do encontro, destacou a relevância simbólica de São Paulo como sede do evento e a valorização dos elementos locais. Essa valorização do regionalismo, associada à identidade visual inspirada na Bauhaus, evidenciou um equilíbrio entre raízes culturais e inovação estética, reafirmando o compromisso da ABEC Brasil com a criatividade e a integração.

Outro ponto de destaque foi a ênfase na capacitação e no fortalecimento das redes colaborativas. Silvia apresentou as realizações da ABEC Brasil ao longo do ano, incluindo minicursos e webinários, que ampliaram o alcance das atividades formativas da associação. A presença de 15 parceiros institucionais e o recorde de submissões de trabalhos para a sessão de comunicação oral ilustraram a credibilidade e o impacto do evento na comunidade científica. Além disso, os prêmios concedidos, como o Prêmio Jürgen Döbereiner, reforçaram a valorização de jovens talentos e a importância da renovação na editoria científica.

A homenagem ao professor Benedito Barraviera, com a entrega da Medalha ABEC Brasil de Mérito Editorial, foi um momento emblemático que sintetizou o espírito da solenidade. Sua trajetória, marcada por contribuições significativas à modernização e internacionalização da publicação científica brasileira, serviu de inspiração para os participantes, destacando a importância do trabalho ético e colaborativo. O reconhecimento público de figuras como Barraviera simboliza a continuidade de um legado que combina inovação tecnológica com princípios de integridade e rigor científico.

Outro momento de grande relevância foi a entrega do Prêmio Jovem Editor, que reconhece a excelência e o potencial de jovens profissionais na área de editoria científica. A premiação reforça o compromisso da ABEC Brasil em incentivar novas gerações de editores, promovendo a continuidade e a renovação no campo científico.

Por fim, os discursos das autoridades, como o de Edna Montero e Juliana Bonomi Santos, trouxeram reflexões sobre os desafios contemporâneos na editoria científica, como as transformações digitais e a inteligência artificial. Além disso, Edna ressaltou a relevância da profissionalização dos atores envolvidos na editoria científica, destacando os princípios fundamentais da ética e integridade. Esses temas, ao serem inseridos no contexto da solenidade, indicaram a preocupação da ABEC Brasil em manter-se alinhada às tendências globais, promovendo debates que são tanto estratégicos quanto visionários. Assim, o *ABEC Meeting 2024* consolidou-se não apenas como um evento técnico, mas também como um espaço de diálogo sobre os rumos da ciência e da editoria científica no Brasil.

SOBRE AS PALESTRANTES E RESENHISTAS

Silvia Regina Galleti é graduada em Biologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Biotecnologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora científica no Instituto Biológico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Coordena a Comissão de Integridade Científica do Instituto Biológico. Atua na área de Editoria Científica como editora-chefe dos Arquivos do Instituto Biológico (AIB) e é editora do SciELO *Preprints* na área de Agrárias. É membro suplente do Conselho Consultivo do SciELO Brasil, representando a área de Agrárias. Certificada pelo Council of Science Editors no Programa de Capacitação em Publicação Científica (ProCPC) (2021). Foi membro da Diretoria da ABEC Brasil por três gestões (2010 a 2015), presidente do Conselho Deliberativo (gestões 2020 a 2023) e, atualmente, é presidente do Conselho Fiscal (gestão 2024-2025).

https://orcid.org/0000-0002-0745-5716
silvia.galleti@sp.gov.br

Edna Frasson de Souza Montero é Professora Associada Livre-Docente do Departamento de Cirurgia da FMUSP, professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar da Escola Paulista de Medicina (EPM) na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) – 2024-2026, 2a. Tesoureira nas gestões de 2020-2021 e 2022-2023. Pertence ao corpo editorial dos periódicos científicos: Acta Cirúrgica Brasileira como editora-chefe; da Revista da Associação Médica Brasileira, como editora-associada da Área Cirúrgica; da Brazilian Journal of Transplantation, como editora-associada. Membro da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP – Câmara CONEP).

https://orcid.org/0000-0003-1437-1219
edna.montero@fm.usp.br

Indexação: o que precisamos?

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.2

Carlos Herold Junior

A sessão **Indexação: o que precisamos?**[1], apresentada por **Gildenir Carolino Santos** e **Luisa Veras de Sandes-Guimarães** no *ABEC Meeting 2024*, proporcionou reflexões sobre as práticas editoriais essenciais para a inserção e manutenção de periódicos científicos em bases indexadoras reconhecidas. De um modo geral, exploraram-se os princípios de transparência, a composição das equipes editoriais, os processos de avaliação por pares, a internacionalização e a preservação digital, destacando os requisitos fundamentais para o aprimoramento e a sustentabilidade de periódicos acadêmicos para que eles façam frente às exigências dos principais indexadores. Dito de outra maneira, os palestrantes se concentraram em fornecer perfis editoriais vigentes na comunicação periódica e que, por consequência, são buscados pelas bases indexadoras em suas avaliações para a incorporação de novos títulos.

Inicialmente, a transparência nas publicações foi abordada como uma base essencial para a credibilidade dos periódicos. Os princípios que regem práticas transparentes, elaborados por organizações – tais como o Committee on Publication Ethics (COPE) e o Directory of Open Access Journals (DOAJ) – demandam dos periódicos uma estruturação do perfil e das atividades editoriais, a partir de um modo que fique explícito o comprometimento inequívoco da publicação, com sólidos padrões éticos na pesquisa e na sua divulgação. Esse comprometimento passa por aspectos como a definição precisa do escopo do periódico, a formação de uma equipe editorial especializada e diversa, a manutenção de uma periodicidade regular e a implementação de processos bem documentados de avaliação por pares. Segundo os palestrantes, a incorporação de princípios assegura a confiabilidade dos periódicos e facilita sua inclusão em indexadores internacionais, ampliando sua visibilidade e impacto.

A formação da equipe editorial também foi apontada como outro elemento crucial para o periódico galgar o reconhecimento das bases indexadoras. Sublinhou-se que a divisão de papéis entre o corpo editorial – responsável pela seleção e avaliação dos artigos e do conselho editorial –, que define políticas gerais e fomenta conexões institucionais, deve ser claramente definida e apresentada. Além disso, a diversidade institucional e geográfica da equipe é vista

[1] SANTOS, Gildenir Carolino; SANDES-GUIMARÃES, Luiza Veras. **Indexação de periódicos científicos**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Sessão]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/gildenir_e_luiza_indexacao_periodicos.pdf. Acesso em: 11 fev. 2025.

não apenas em sua contribuição para a internacionalização do periódico, mas também reflete um compromisso com a inclusão e a diversidade de pesquisadores, instituições e países no circuíto de produção e divulgação de conhecimento acadêmico. Essa diversidade amplia o alcance do periódico ao atrair autores e colaboradores de diferentes regiões e disciplinas, potencializando as submissões internacionais e promovendo a circulação de conhecimento em escala global.

Embora se trate de um advertência recorrente, a sessão, acertadamente, aprofundou análises no processo de avaliação por pares e seu impacto na credibilidade científica dos periódicos. Foram descritos modelos tradicionais de avaliação. Gildenir e Luisa destacaram que, para atender aos critérios dos grandes indexadores, os periódicos precisam não só adotar boas práticas de avaliação, mas também documentá-las e torná-las acessíveis para auditorias externas. A documentação minuciosa das etapas de avaliação e a gestão adequada de divergências entre avaliadores são vistas como práticas essenciais para garantir decisões editoriais consistentes e justificadas.

A sessão também deu ênfase à importância das políticas de ética editorial atinentes ao recebimento, processamento e avaliação das submissões, que envolvem a prevenção de plágio, o manejo adequado de conflitos de interesse e a correção de erros após a publicação. Foi ressaltado que essas diretrizes não devem ser apenas adotadas formalmente na apresentação do periódico, mas implementadas de forma prática em todas as rotinas, com a explicitação de procedimentos claros para identificar e corrigir irregularidades. Afinal, a comunidade acadêmica, de modo geral, e os indexadores, em particular, estão cada vez mais atentos a práticas que indicam se os periódicos não apenas possuem diretrizes e procedimentos éticos claros, mas demonstram inequívocamente de sua aplicação efetiva.

Outro ponto de destaque da sessão foi o empenho da apresentação em esquematizar indexadores por níveis de exigência. Cientes de que qualquer tentativa de classificação deve levar em conta que as diferentes áreas do conhecimento destacam determinados indexadores em detrimento de outros, os palestrantes apresentaram um percurso cuidadosamente progressivo para os periódicos que desejam expandir sua presença em bases indexadoras internacionais. No nível mais básico, foram apresentados indexadores tais como o DOAJ, que demandam, entre outros pontos, um compromisso consistente com o acesso aberto. À medida que os periódicos amadurecem, capacitam-se a buscar indexação em bases com níveis intermediários de exigência, como o Latindex e o Redalyc, até alcançarem indexadores que impõem critérios mais rigorosos e seletivos, tais como o SciELO, Scopus e Web of Science. Enfatizou-se que, para atender às exigências desses indexadores, os periódicos precisam demonstrar consistência editorial, impacto acadêmico e compromisso com a internacionalização.

A internacionalização foi abordada como um critério central para os indexadores de maior prestígio. Segundo os palestrantes, não basta que os artigos sejam publicados em inglês. É

necessário a promoção de uma efetiva inclusão de autores, editores e avaliadores internacionais. Isso envolve a ampliação de redes de colaboração, a participação de pesquisadores estrangeiros no conselho editorial e a publicação de artigos relevantes para uma audiência global, caso esse seja um aspecto compatível com a área e o escopo do periódico. A internacionalização não apenas melhora a qualidade das publicações, mas também aumenta o potencial de citação dos artigos, contribuindo para o impacto geral do periódico, sem esquecer que, muitas vezes, essa inserção pode ocorrer por um foco consistente no local, no regional ou em qualquer outra especificidade deliberadamente definida na política editorial.

Outro ponto discutido de modo atento pelos palestrantes foi a avaliação do impacto na literatura científica, que foi destacada como um aspecto fundamental para os indexadores mais exigentes. Tradicionalmente, o impacto é medido pelo número de citações recebidas, mas Gildenir e Luisa chamaram atenção para a necessidade de estratégias que promovam citações legítimas, de modo a evitar práticas acadêmicas espúrias, tais como o estímulo às autocitações. A recomendação é que os periódicos busquem colaborações internacionais e publiquem artigos em áreas de interesse global, bem como introduzam o uso das *altmetrics* para captar outras formas de engajamento, como menções em redes sociais, citações em *blogs* acadêmicos e *downloads* de artigos.

Por útimo, mas não menos importante, a preservação digital foi apontada como um fator importante para a sustentabilidade dos periódicos a longo prazo. Os palestrantes recomendaram o uso de sistemas de preservação como o LOCKSS e a Rede Cariniana, que garantem a disponibilidade dos conteúdos mesmo diante de falhas técnicas ou institucionais. A interoperabilidade entre sistemas de submissão – como o Open Journal Systems (OJS) e as bases de dados – foi mencionada como essencial para facilitar a disseminação dos artigos e indexação automática. Por meio dessa interoperabilidade, os metadados dos artigos podem ser compartilhados de forma eficiente, aumentando a visibilidade das publicações em redes internacionais.

Em resumo, a sessão ofereceu uma visão abrangente sobre os passos necessários para que os periódicos acadêmicos alcancem os padrões exigidos pelas principais bases indexadoras. Desde a adoção de práticas editoriais éticas e transparentes até a busca por colaborações internacionais e a preservação digital, Gildenir e Luisa apresentaram um roteiro prático para os editores que desejam melhorar a gestão de seus periódicos e expandir seu alcance global.

Ao lado das valiosas e necessárias orientações que a sessão Indexadores: do que precisamos? ofereceu para a adequação dos periódicos aos critérios de indexação vigentes, apresentou-se também uma oportunidade para perspectivarmos cenários a partir das transformações estruturais que afetam a comunicação científica no século XXI. Salienta-se que dois aspectos em particular merecem maior atenção em futuras discussões organizadas pela ABEC Brasil. Esses pontos não apenas representam tendências emergentes, mas podem

redefinir os papéis dos periódicos e dos próprios indexadores, oferecendo tanto desafios quanto oportunidades para a Ciência Aberta (Rafols; Meijer; Molas-Gallart, 2024).

O fato de vivermos em uma "sociedade em rede" (Castells, 1999) ou em uma "cultura da convergência" (Jenkins, 2008) – caracterizada pela interconexão constante entre pesquisadores, plataformas digitais e redes sociais – tem transformado significativamente a maneira como o conhecimento é produzido, disseminado e avaliado. No contexto atual, as métricas tradicionais de impacto, como as citações em artigos indexados, tornam-se alvo de reflexões sobre seu potencial de medir a influência de uma pesquisa. A altmetria vem se somando a essa realidade, colocando-se como uma baliza para aperfeiçoarmos a disseminação do conhecimento divulgado em nossos periódicos (Luc *et al.*, 2021). Em complemento às métricas tradicionais, novas formas de medir o impacto dos artigos e do periódico refletem um cenário em que o conhecimento não está mais restrito ao público acadêmico formal, mas circula amplamente em redes digitais globais, embora, mesmo nos limites corporativos acadêmicos, existam redes sociais com potencial de transpor fronteiras comunicacionais e de atribuição de autoridade que sustentam os tradicionais papéis cumpridos por indexadores (Van Bellen; Alperin; Larivière, 2024). Destarte, Ribeiro, Oliveira e Furtado (2021) apresentam considerações sobre as redes sociais Researchgate e Academia.edu, que são importantes nessa perspectiva.

Talvez por isso, a integração da altmetria com os indexadores tradicionais ainda enfrente resistência e desafios técnicos. Indexadores como Scopus e Web of Science, embora venham incorporando lentamente algumas métricas alternativas, ainda dependem majoritariamente das citações convencionais para avaliar o impacto dos periódicos (Van Bellen; Alperin; Larivière, 2024). Isso cria uma lacuna que pode ser preenchida por novas plataformas de indexação, capazes de captar a dinamicidade comunicacional do contemporâneo e de proporcionar uma visão mais acurada da multiplicidade de interações acadêmicas em um cenário de "convergência" (Jenkins, 2008), em diálogo também com o panorama promovido pela Ciência Aberta.

Consequentemente, outro aspecto crucial que ganha visibilidade e que merece maior atenção, por se relacionar visceralmente com a dispersão comunicacional gerada pela "sociedade em rede" (Castells, 1999), é a descentralização dos repositórios e sistemas de indexação. Para além disso, não se deve negligenciar a definição de procedimentos e consequências, o avanço das redes de repositórios interconectados – como o OpenAIRE e o CORE – e o potencial oferecido por tecnologias como o *blockchain* (Lawlor, 2023). Esses processos emergem de um cenário em que a centralização das grandes bases indexadoras começa a ser questionada em sua efetividade para uma ampliação da comunicação científica, sem comprometer os padrões rigorosos que protegem a integridade da produção acadêmica, prevenindo práticas eticamente condenáveis ou também a disseminação de pseudociência (Hotez, 2021). Atualmente, indexadores – como Web of Science e Scopus – atuam como intermediários indispensáveis, endossando o acesso

e a visibilidade das publicações científicas indexadas em suas bases. No entanto, *pari passu* aos impactos da "cibercultura" (Lévy, 1999), redes descentralizadas oferecem uma alternativa promissora ao criar um ecossistema em que os próprios autores e instituições podem gerenciar a disseminação, a avaliação e a validação do conhecimento.

A descentralização que se desenha no horizonte – proporcionada por iniciativas como OpenAlex, CORE e OpenAIRE – representa uma mudança estrutural na forma como a comunicação científica é gerida e disseminada (Manghi *et al.*, 2019; Knoth; Zdrahal, 2012). Essas plataformas não atuam como indexadores no sentido mais tradicional do termo – que centralizam o controle da seleção e visibilidade dos periódicos –, mas funcionam como agregadores interconectados de dados científicos abertos, promovendo um acesso mais democrático e inclusivo ao conhecimento, incluindo artigos, *preprints*, dados de pesquisa e produções de países sub-representados, sem impor restrições econômicas ou editoriais.

Essa descentralização impacta diretamente os papéis tradicionais das bases indexadoras ao permitir que os próprios pesquisadores, instituições e repositórios compartilhem informações sem intermediários centralizados (Van Bellen; Alperin; Larivière, 2024; Casadevall; Clark; Fang, 2024). No caso do CORE, por exemplo, a plataforma coleta artigos diretamente de repositórios institucionais e temáticos, sem depender de contratos com editoras comerciais. De forma semelhante, o OpenAIRE integra dados de múltiplos projetos de pesquisa, financiados publicamente, e os conecta com repositórios distribuídos, garantindo a interoperabilidade e facilitando a rastreabilidade das publicações. A descentralização promovida por essas plataformas não apenas amplia o acesso ao conhecimento científico, mas também questiona a necessidade da mediação proprietária, impõe altos custos de indexação e barreiras para a entrada de periódicos que aderem às diretrizes éticas e acadêmicas vigentes, mas não possuem condições institucionais e de financiamento que permitam fazer seus artigos alcançar um público mais amplo.

Nesse contexto, o papel dos indexadores tradicionais passa a ser alvo de uma reflexão profunda. A dependência excessiva de métricas de impacto restritivas e o alto custo de adesão às bases proprietárias estão sendo, progressivamente, desafiados pela Ciência Aberta e pelas tecnologias de interconexão descentralizada. Plataformas como o OpenAlex não apenas oferecem dados abertos sobre publicações e citações, mas também integram fontes diversas, como redes sociais acadêmicas e patentes, rompendo com o modelo tradicional de controle centralizado. Assim, embora essas iniciativas não eliminem completamente o papel das bases indexadoras, apontam para uma possível reconfiguração, onde a avaliação científica se torne mais distribuída, transparente e colaborativa, bem como alinhada aos princípios da Ciência Aberta e à democratização do conhecimento (Rafols; Meijer; Molas-Gallart, 2024).

No entanto, a implementação de sistemas descentralizados enfrenta barreiras significativas, incluindo a padronização de metadados e a interoperabilidade entre diferentes plataformas. A ABEC Brasil poderia desempenhar um papel fundamental na promoção de parcerias com algumas das iniciativas internacionais de Ciência Aberta, tais como as mencionadas acima. Ainda, é relevante colaborar no processo de conscientização das editorias sobre a importância de projetos-piloto que explorem o uso de repositórios descentralizados para a publicação e indexação de artigos científicos brasileiros, destacando, nesse sentido, o valioso papel desempenhado por iniciativas da Rede SciELO e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) (Amaro; Campos; Boas, 2022). Por meio dessa conscientização, a ABEC Brasil poderia colaborar na criação de uma mentalidade efetivamente viva no dia a dia dos periódicos focada na adoção de tecnologias descentralizadas para garantir maior autonomia.

Em resumo – tendo por base a rica apresentação sobre os procedimentos editoriais visando elevar o nível de indexação dos periódicos brasileiros feita por Gildenir e Luisa – colocamo-nos em uma condição privilegiada para compreendermos que a comunicação científica periódica tem se transformado estimulada pela hiperconectividade e a descentralização da informação e conhecimento, em um processo pleno, tanto desafios quanto oportunidades para os periódicos científicos e os sistemas de indexação. Nesse sentido, além de continuar a oferecer espaços para atualização e formação de editoras e editores para incrementar o leque de indexação dos periódicos que editam, a ABEC Brasil pode aproveitar essa valiosa chance, proporcionada pelos palestrantes e estimular a reflexão sobre esse processo, de modo mais amplo e conectado com as maneiras e velocidades de criação e comunicação de conhecimento. Caso passe a focalizar as possibilidades de indexação descentralizadas e não proprietárias em suas futuras atividades de pesquisa e formação editorial, a ABEC Brasil poderá não apenas fortalecer a posição dos periódicos brasileiros no cenário global – especialmente diante de possíveis transformações nos papéis dos indexadores no ecossistema dos periódicos –, mas também contribuir para a construção de um sistema de comunicação científica mais inclusivo, transparente, sustentável e relevante.

REFERÊNCIAS

AMARO, Bianca; CAMPOS, Fhillipe; BOAS, Raphael V. **Manuelzão e Miguilim**: iniciativas do Ibict para os editores e revistas científicas brasileiras. *In*: ABEC MEETING LIVE 2022, 6., 2022. DOI: https://doi.org/10.21452/abecmeeting2022.148. Disponível em: https://ojs.abecbrasil.org.br/abec/article/view/148/158. Acesso em: 11 fev. 2025.

CASADEVALL, Arturo; CLARK, Lorraine F.; FANG, Ferric C. The changing roles of scientific journals. **mBio**, v. 15, n. 6, e02479-24, 2024. DOI: https://doi.org/10.1128/mbio.02515-24. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11559086/. Acesso em: 7 fev. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOTEZ, Peter J. Mounting antiscience aggression in the United States. **PLoS Biology**, v. 19, n. 7, p. e3001369, 28 Jul. 2021. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pbio.3001369. Disponível em: https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.3001369&_scpsug=crawled,11658,en_63dfac8980407a7f831beb0e0f29809fadc405841b8aa2d4f1f371f6ed71aff6. Acesso em: 09 jun. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2008.

KNOTH, Petr; ZDRAHAL, Zdenek. CORE: three access levels to underpin open access. **D-Lib Magazine**, v. 18, n. 11/12, nov./dez. 2012. DOI: 10.1045/november2012-knoth. Disponível em: https://www.dlib.org/dlib/november12/knoth/11knoth.html. Acesso em: 11 fev. 2025.

LAWLOR, B. The use of blockchain technology in the scientific research workflow. **Information Services & Use**, v. 43, 2023. DOI: 10.3233/ISU-230225. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376160499_The_use_of_blockchain_technology_in_the_scientific_research_workflow. Acesso em: 11 fev. 2025.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUC, J. G. Y. *et al.* Does tweeting improve citations? One-year results from the TSSMN prospective randomized trial. **The Annals of Thoracic Surgery**, v. 111, n. 1, p. 296–300, 2021. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0003497520308602. Acesso em: 11 fev. 2025

MANGHI, Paolo *et al.* The OpenAIRE Research Graph Data Model. **Zenodo**, version: 1.3, 17 abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.2643198. Disponível em: https://zenodo.org/records/2643199. Acesso em: 11 fev. 2025.

RAFOLS, Ismael; MEIJER, Ingeborg; MOLAS-GALLART, Jordi. Monitoring Open Science as transformative change: towards a systemic framework. **F1000 Research,** v. 13, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.12688/f1000research.148290.1. DOI: https://f1000research.com/articles/13-320/v1. Acesso em: 11 fev. 2025.

RIBEIRO, Raimunda Araujo; OLIVEIRA, Lídia; FURTADO, Cassia. A rede social acadêmica ResearchGate como mecanismo de visibilidade e internacionalização da produção científica brasileira e portuguesa na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 4, out./dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5344/2937. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pci/a/MJcJDsjnxBqjb3WdrsB8mHJ/. Acesso em: 7 fev. 2025.

VAN BELLEN, Simon; ALPERIN, Juan Pablo; LARIVIÈRE, Vincent. The oligopoly of academic publishers persists in exclusive database. **arXiv**, 25 jun. 2024. DOI: https://doi.org/10.48550/arXiv.2406.17893. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2406.17893. Acesso em: 11 fev. 2025.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

MANCA, Stefania; RANIERI, Maria. ResearchGate and Academia.edu: Academic social networks or social media? **British Journal of Educational Technology**, v. 47, n. 5, p. 902–915, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275171306_ResearchGate_and_Academiaedu_Academic_Social_Networks. Acesso em: 7 fev. 2025.

MORALES-ALARCÓN, Cristian H. *et al.* Blockchain and its application in the peer review of scientific works: a systematic review. **Publications**, v. 12, 2024. DOI: https://doi.org/10.3390/publications12040040. Disponível em: https://www.mdpi.com/2304-6775/12/4/40. Acesso em: 08 jun. 2025.

SILVA, Maria de Lourdes Gomes da; GALLOTTI, Monica Marques Carvalho. **Redes sociais acadêmicas como fontes de informação para a comunicação científica**. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UFRNAT, 24., maio 2019, Rio Grande do Norte, Natal. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340233949_REDES_SOCIAIS_ACADEMICAS_COMO_FONTES_DE_INFORMACAO_PARA_A_COMUNICACAO_CIENTIFICA. Acesso em: 7 fev. 2025.

SOBRE OS PALESTRANTES

Gildenir Carolino Santos é bacharel em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-Campinas), Mestre (2002) e Doutor (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde atuou como Diretor Técnico de Serviços por 18 anos. Realizou pós-doutorado em Divulgação Científica pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo e concluiu uma especialização em Desenvolvimento Gerencial em Instituições Públicas, ambos na Unicamp. Com ampla experiência em Biblioteconomia e Ciência da Informação, dedica-se à editoria científica, indexação e preservação digital. Desde 2014, é responsável pelo Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp, além de organizar projetos para criação de bibliotecas e periódicos digitais.

Luisa Vera de Sandes-Guimarães possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) e realizou estudos na Université de Montréal, na área de Gestão de Informação Digital. É Mestre em Administração Pública e Governo pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (EAESP-FGV), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e Doutora em Administração pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), com tese sobre o impacto da pesquisa interdisciplinar em políticas públicas. Concluiu o pós-doutorado em Educação no Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP). Atualmente, é professora na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), onde integra os programas de pós-graduação em Administração e em Inovação no Ensino Superior em Saúde.

SOBRE O RESENHISTA

Carlos Herold Junior é Doutor em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com período sanduíche na Universidade de Estrasburgo. Foi professor na Unicentro Estadual do Centro Oeste – Campus Santa Cruz (Unicentro) e atuou na pós-graduação da UFPR. Desde 2013, leciona na Universidade Estadual de Maringá (UEM), integrando os programas de pós-graduação em Educação Física (PEF) e Educação (PPE). Suas pesquisas abordam a história da educação, corporalidade e práticas formativas, com foco na educação corporal no movimento escoteiro e nudo-naturista. É editor-chefe do Journal of Physical Education (desde 2018) e da Editora Eduem (desde 2022), além de integrar a diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), desejando contribuir para o avanço da comunicação científica e da atuação de editores.

https://orcid.org/0000-0001-7962-274X
chjunior@uem.br

A qualidade da publicação requer pessoas qualificadas e motivadas

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.3

Lia Machado Fiuza Fialho

As palestrantes **Heloisa Junqueira Fleury** e **Oriana Holsbach Hadler** ministraram conjuntamente uma sessão denominada **Compartilhando Experiência**, com a temática **A qualidade da publicação requer pessoas qualificadas e motivadas**[1], com o mote de socializar a experiência de editoria na Revista Brasileira de Psicodrama (RBP). Como editoras-chefe da RBP, elas objetivaram proporcionar um espaço de diálogo e troca de experiências sobre os desafios no processo de qualificação de periódicos científicos abordando o caso do referido periódico, todavia, sem perder de vista a interrelação das especificidades da RBP, bem como as necessidades análogas aos demais periódicos brasileiros, com foco em garantir a composição articulada da comissão editorial, a atuação dos pareceristas e autores, a visibilidade e a acessibilidade dos artigos publicados e a indexação.

A importância de compartilhar experiências exitosas decorre do fato de que outros editores, independente da área do conhecimento, que vivenciam desafios e dificuldades semelhantes, podem se atentar para o investimento na humanização de suas equipes à luz do trabalho realizado pelas editoras Heloisa e Oriana. Ademais, compartilhar saberes possibilita uma troca de conhecimentos e ideias que retroalimentam aprendizagens no campo editorial, estimulando novas maneiras de desenvolver o trabalho editorial qualificado.

A RBP foi fundada em 1993 como periódico oficial e vinculado à Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap). Seu foco é nas áreas da Sociometria, da Sociodinâmica e da Sociatria, com subespecialidades na Psicoterapia de Grupo, no Psicodrama e no Sociodrama, contudo, também se dedica aos temas das ciências correlatas às mencionadas, por serem de interesse da comunidade psicodramática. O periódico oferece acesso livre ao seu conteúdo, seguindo o princípio da gratuidade e democratização do acesso público ao conhecimento científico mediante adoção da licença Creative Commons Atribuição CC BY 4.0, de modo que os direitos autorais são reservados aos autores, permitindo-se baixar, distribuir, reproduzir e reutilizar o conteúdo das publicações para novas pesquisas, desde que atribuído o devido crédito autoral.

Ao adotar a rota diamante, a RBP não cobra taxas para submissão, processamento ou publicação dos artigos recebidos em português, inglês ou espanhol. O periódico é financiado

[1] FLEURY, Heloisa Junqueira; HADLER, Oriana Holsbach. **A qualidade da publicação requer pessoas qualificadas e motivadas**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Sessão]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/heloisa_junqueira_fleury_e_oriana_holsbach_hadler.pdf. Acesso em: 09 jan. 2025.

pela Febrap, instituição que também lhe confere credibilidade junto aos seus leitores, autores, avaliadores e editores. Os principais objetivos do periódico são:

> Publicar pesquisas que sejam representativas de toda a comunidade de pesquisa, evidenciando a crescente diversidade entre os pesquisadores, enriquecendo a capacidade de encontrar soluções para os desafios da pesquisa e para além dela; aumentar a publicação de pesquisas que estudem as relações étnico-raciais, as questões interseccionais e as desigualdades enfrentadas pelas populações vulnerabilizadas; cuidar de temas de ciências correlatas de interesse da comunidade psicodramática (Revista Brasileira de Psicodrama, 2025).

Para assegurar o cumprimento desses objetivos, conforme informações disponibilizadas publicamente no *site* do periódico, o comitê editorial é composto por três editoras-chefe e 21 editores de seção, todos pesquisadores afiliados a instituições de ensino e pesquisa. Desses, 11% são oriundos de entidades internacionais e 89% de instituições brasileiras, com predominância de afiliados às instituições do Estado de São Paulo (cerca de 31%), sem, contudo, desconsiderar a representação dos demais estados federados. No entanto, o maior diferencial da RBP é justamente a composição de um corpo editorial proativo considerado um coletivo plural e humanizado, no sentido de se constituir uma comunidade diversa comprometida com a produção de conhecimento científico, integrando seus saberes locais, geopolíticos, culturais e sócio-históricos com respeito e interação diferenciados.

Munida de atenção às diferenças e comprometida com a equidade e inclusão, a editora Oriana Hadler destacou que a ideia da produção de sentidos comuns fortalece o trabalho editorial em grupo. Como exemplo, mencionou que, nos dois últimos anos, houve investimento nas relações com parceiros latino-americanos, bem como a entrada de dois novos integrantes na condição de editores de seção: um chileno e um mexicano.

As três editoras-chefes, sensíveis para aumentar a diversidade e reconhecendo as barreiras que editores, autores e avaliadores pertencentes a minorias enfrentam na publicação, centram esforços em: evitar discrepâncias no quantitativo de artigos aceitos, promovendo o aumento da diversidade; minorar o risco e o impacto de vieses nas decisões durante a avaliação, identificando processos para mitigar vieses; e adotar padrões para cultura inclusiva. Já os editores de seção são motivados e orientados a colaborar para majorar a diversidade na escolha dos pareceristas, estimular os autores a adotarem práticas mais inclusivas de citações e promover a linguagem inclusiva.

Dessa maneira, agregando diferentes saberes e pessoas de diferentes territórios, explora-se a potencialidade geopolítica, assumindo-se o compromisso com os princípios Diversidade, Equidade, Inclusão e Acessibilidade (DEIA). Afinal, integram-se as práticas alinhadas aos valores contemporâneos de uma abordagem ético-política da produção de conhecimento científico, visando à ampliação do conhecimento e melhoria da condição

humana, desmistificando desigualdades e preconceitos sistêmicos, promovendo oportunidades equitativas para autores e um ambiente inclusivo, que representa a ampla gama de pessoas que o psicodrama envolve e para qual ele serve.

O intuito é fazer com que as pessoas com deficiências, integrantes da comunidade LGBTQIAPN+ (lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexual, pansexual, não binário e demais pessoas de outras orientações sexuais e variações de gênero), negras, indígenas e quilombolas sintam que o periódico também é delas, possibilitando a adoção de práticas que estão diretamente alinhadas com a democratização da produção de conhecimento. Desse modo, interseccionando a questão de raça e gênero, essas pessoas passam a produzir conhecimento enquanto autores, participando como avaliadores, mas também como integrantes da comissão editorial. Desse modo, essa abordagem ético-política – esse compromisso com os princípios DEIA – repercute em uma ciência que faz sentido para diferentes núcleos, comunidades e grupos.

Após apresentarem o periódico com seus principais objetivos e o compromisso com os princípios DEIA, as palestrantes realizaram uma espécie de enquete para levantar o que a plateia espera de um bom autor, avaliador e editor. Essa ação também é realizada com o coletivo do periódico, com o objetivo de conhecer expectativas, articular a equipe, alinhar metas e envolver os participantes dessa atividade em um esforço conjunto de compromisso com o periódico.

No que diz respeito às expectativas dos autores, a plateia relatou que, quando estão nessa condição, esperam que o periódico ganhe progressivo reconhecimento, amplie a indexação e índice de citação, possua uma equipe engajada e proativa, assegure velocidade na avaliação e publicação, mantenha uma comunicação humanizada nos pareceres, não cobre para publicar, mantenha uma boa comunicação para tirar dúvidas e divulgue conhecimento que promova transformação social. Salienta-se, ainda o fluxo rápido da triagem até a publicação como o aspecto mais enfatizado.

Sobre os avaliadores, espera-se que: seja disponibilizado tempo suficiente para elaborar os pareceres; os artigos enviados estejam de acordo com meus interesses de pesquisa; haja diretrizes claras de avaliação; exista a possibilidade de serem remunerados por essa atividade; recebam certificado de agradecimento e tenham seu trabalho reconhecido pela comunidade. Nesse caso, o reconhecimento do avaliador, seja por meio de remuneração financeira, de certificação ou outras maneiras, foi o tópico mais mencionado.

Relativo aos anseios dos editores, os principais relatos recaíam sobre: a necessidade de apoio institucional para o exercício da função; contar com bons avaliadores que devolvem avaliações dentro dos prazos; possibilidade de realizar o trabalho em parceria com colegas comprometidos que formem uma equipe articulada de trabalho; reconhecimento do editor; métrica ascendente do periódico; bons trabalhos recebidos; valorização institucional; pontuação em editais e possibilidade de teletrabalho. Todavia, contar com bons pareceristas e apoio institucional foram os aspectos mais destacados.

Esse exercício de escuta coletiva, realizado na sessão Compartilhando Experiência, serviu como um pequeno ensaio de uma grande ação realizada pela RBP. Isso porque o periódico se reúne periodicamente e utiliza essa técnica para fazer com que os sujeitos – editores, avaliadores e leitores – sintam-se parte do periódico, reflitam a importância que eles têm para a sustentabilidade do periódico em termos de coletividade, bem como para contribuir com a área de conhecimento.

As editoras admitiram que o reconhecimento financeiro aos editores e aos avaliadores se torna difícil diante do parco apoio institucional, com efeito, diante dessa impossibilidade, é relevante refletir sobre o que o corpo editorial pode fazer para que esses colaboradores tão importantes se sintam pertencentes ao periódico e reconhecidos. A partir dessa reflexão, uma série de movimentações, incluindo encontros semestrais, foi desenvolvida – não necessariamente em resposta a uma demanda dos indexadores, sempre subjacente, mas com o intuito de tornar o trabalho contributivo com o periódico mais prazeroso.

Heloisa e Oriana mencionaram o compromisso da RBP para com a mudança de uma cultura que centraliza o trabalho editorial em uma única pessoa, por meio do estabelecimento de metas e desenvolvimento de estratégias operacionais para a formação permanente da equipe editorial, com o objetivo de torná-la mais atuante e colaborativa. Para isso, são realizados encontros periódicos com foco na produção e revisão de documentos orientativos – como um guia para os editores e avaliadores –, na promoção de seminários temáticos de atualização da equipe e no fortalecimento do compromisso com os princípios DEIA e Ciência Aberta.

Como possibilidades de ações, pormenoriza-se a descrição das ações mencionadas da seguinte maneira: 1) Encontros periódicos – o corpo de coeditores da RBP busca organizar encontros semestrais com a equipe editorial, com o intuito de discutir, sistematicamente, as políticas editoriais ; 2) Seminários Temáticos – para identificar e antecipar questões atuais sobre as diretrizes de publicação, com seminários ou encontros enquanto espaços de debate e discussão entre a equipe editorial para formação continuada; 3) Produção de materiais – atuando sob uma ótica da filosofia psicodramática, a equipe editorial almeja explorar, constantemente, novas ferramentas e tecnologias que aproximem mais a equipe enquanto coletivo, inclusive, incluindo autores e avaliadores para que possam trabalhar para o compartilhamento do conhecimento científico (Fleury; Heredia, 2022).

O *Guia de Atuação para editoras/es da RBP* está elaborado em três partes e disponibilizado em três idiomas – português, inglês e espanhol. A primeira seção fala do papel do editor, descrevendo as funções exigidas para este posto, bem como as obrigações para manter a qualidade. A segunda parte explicita todos os aspectos considerados necessários para o trabalho do avaliador. Nessa seção há uma explicação sobre o fluxo avaliativo e uma série de tópicos a serem considerados na avaliação da submissão, considerando suas tipologias – artigo original, artigo de revisão, relato de experiência e resenha de livro. Por fim, a terceira trata dos fluxos no processo editorial e os prazos.

Acerca do papel do editor, adota-se um sistema de rodízio para atribuição de editor de seção, buscando não sobrecarregar nenhum desses colaboradores. Orienta-se ao editor

de seção realizar uma leitura inicial do artigo e observar se ele se sustenta em termos de qualidade para, em seguida, ser encaminhado para os avaliadores. Entrando em avaliação, cabe a ele acompanhar o retorno ao prazo para conclusão da avaliação, inclusive, enviando lembretes sobre o tempo para a conclusão do parecer ou inclusão de novos avaliadores no caso de declínio, desempate ou ausência de resposta do *ad hoc*. De posse dos pareceres, o editor realiza uma leitura cuidadosa deles e os envia pontuando os aspectos a serem repensados ou alterados pelos autores, sempre buscando incentivar o processo de escrita, construção coletiva do conhecimento e a melhoria do artigo. Por fim, após os autores enviarem a nova versão com os ajustes solicitados, também é tarefa dos editores de seção a verificação se o artigo está apto a ser aprovado e publicado ou se haverá a necessidade de uma segunda rodada de avaliação pelos avaliadores.

Para o trabalho do avaliador, salienta-se o caráter didático, ou seja, aquele que busca uma avaliação criteriosa, justa e informativa. Dessa maneira, evitam-se críticas excessivamente incisivas e propõe-se a escrita de sugestões que possam melhorar a qualidade do trabalho com respeito ao autor. Também se explicita que, como o periódico possui o serviço de correção linguística e normalização, o foco deve ser na qualidade do conteúdo da submissão, seu mérito científico, de modo que problemas de redação não devem ser considerados motivos para a rejeição. Para deliberar se a submissão será recomendada à aprovação, à ressubmissão com melhorias ou rejeição também se analisa a conformidade ética consoante às Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, bem como a consistência metodológica.

O fluxo e tempo de avaliação são didaticamente explicados no organograma da Figura 1, facilitando a compreensão dos autores, avaliadores e editores.

Figura 1 – Fluxo de avaliação dos artigos com delimitações temporais

Fonte: Revista Brasileira de Psicodrama (RBP) ([2024], p. 4).

A partir da Figura 1, percebe-se que a conferência de similaridade é a primeira ação realizada após a chegada do texto do autor na RBP; posteriormente, constatada esta conformidade, ele segue para um editor de seção que vai realizar uma leitura do texto e analisar a pertinência do envio para avaliação, se constatada aderência ao foco, escopo e regras de confecção do manuscrito. Após uma ou duas rodadas de avaliação, com respectivos envios de solicitações de ajustes, caso necessário, encaminha-se a decisão do editor. Todo esse fluxo, segundo as editoras, tem levado em média apenas três meses:

> Gente, para vocês terem uma ideia, a gente está com uma média entre a recepção do artigo, da chegada no sistema, da entrada no sistema, passa por relatório de similaridade, todo o processo aquele, ver se está dentro das normas, enfim, para o editor de seção, para encaminhar para os pareceristas, para os revisores e retorno aos autores, de três meses. Em três meses o autor está com o artigo de volta, essa é a média (Hadler, 2024).

Interessa esclarecer que foi disponibilizado um *template* para os avaliadores, assim como sugestões de respostas padrão para as decisões editoriais, com o objetivo de otimizar o fluxo e estabelecer diretrizes que otimizem o processo, sem torná-lo rígido. Oriana destacou que o *Guia de Atuação para editoras/es da RBP* contribuiu significativamente para a compreensão dos papéis desempenhados, possibilitando maior agilidade nos retornos e fluxos da avaliação, além de promover maior homogeneidade nos pareceres e favorecer a qualificação e aprimoramento dos processos editoriais.

A palestrante Heloisa enfatizou, durante sua fala sobre o Projeto *Revista Viva*, o surgimento, os objetivos e a forma de desenvolvimento da iniciativa. Esta proposta partiu do desafio de incentivar os autores da RBP a acessarem e utilizarem, em suas pesquisas, os artigos publicados no próprio periódico, para além das tradicionais citações de autores clássicos e livros consagrados na área. Desse modo, a equipe editorial propôs a elaboração de uma roda de conversa, reunindo autores, pareceristas, editores de seção, leitores e até membros da comunidade em geral. Segundo Heloisa, no meio dessa roda de conversa, as editoras comentaram: "Nossa! A revista está viva!" E essa percepção nomeou o Projeto, *Revista Viva*, nascido em agosto de 2020.

Revista Viva possui o objetivo de dar visibilidade a todos os atores do processo de avaliação e publicação dos artigos. Ele é desenvolvido a partir de duas modalidades de ação: a apresentação e discussão dos artigos; e as entrevistas com autores dos artigos mais acessados. A primeira é denominada de *Roda de Conversa*, onde se convida os autores de determinado artigo publicado na Psicodrama, de um número atual, para dialogar sobre essa produção e os seus demais trabalhos publicados. A segunda se chama *Entrevista com o Autor*, na qual o editor de seção e os pareceristas conversam com o autor de um artigo específico, em geral os mais acessados nas bases de dados. Ambas as atividades permitem a divulgação de textos publicados pelo periódico, envolvendo e engajando a comunidade psicodramática.

Destacou-se que as rodas de conversa proporcionaram uma avaliação aberta após a publicação, uma vez que os participantes começaram a ler, com antecedência, os artigos indicados para discussão com os autores dos estudos. Inclusive, esse foi o assunto do trabalho elaborado pelas precursoras Heloisa Fleury e Leila Kim (esta última falecida recentemente) e publicado no *ABEC Meeting* em 2020, com a denominação de *Ciência Aberta em entrevistas e em sociodramas – a Revista Brasileira de Psicodrama torna-se REVISTA VIVA*.

Assim, no final do ano de 2024, a RBP já contabilizava 36 encontros. Além de engajar todos os atores do processo de avaliação e publicação dos artigos, ao abrir os bastidores desse fluxo de produção de conhecimento, conseguiu chamar atenção de outras entidades mundo afora. Como exemplo, pode-se citar a Associação Americana de Psicoterapia de Grupo Psicodrama – que pediu licença para copiar o projeto – e a Federação Europeia de Psicodrama – que também começou a fazer eventos semelhantes, com o objetivo de valorizar a pesquisa e a publicação de sua comunidade.

Como resultados desse Projeto, de acordo com dados apresentados pela palestrante Heloisa, foi possível averiguar que, no período do seu lançamento, os acessos ao *website* da RBP tiveram um aumento de 31% (Fleury; Kim, 2020). Para além disso, constatou-se que as rodas de conversa incentivaram novas pesquisas em psicodrama, bem como as entrevistas ampliaram a percepção dos bastidores da escrita, dos recortes das pesquisas realizadas e do processo de avaliação, estimulando novas submissões.

Encerrando a apresentação, Heloisa mencionou que o atual desafio a ser vencido pela RBP é a indexação. Dessa maneira, busca-se que o periódico continue melhorando sua avaliação e ampliando o atendimento aos critérios de indexadores internacionais, com o objetivo de ser incorporado em novas bases.

A explanação dialogada possibilitada pela ABEC Brasil, na ocasião do *ABEC Meeting 2024*, na sessão Compartilhando Experiência, foi importante não apenas para divulgar o trabalho qualificado desenvolvido na RBP, mas, especialmente, para socializar experiências bem-sucedidas no campo editorial que podem ser adaptadas por outros editores em suas revistas e comunidades. O objetivo é promover um processo mais humanizado, dinâmico e interativo na avaliação, no *feedback* aos autores e no engajamento destes, de modo que os atores do processo editorial possam se sentir ouvidos e participantes ativos, compreendendo o periódico como um produto construído coletivamente.

A experiência compartilhada – além de ressaltar a importância da adoção dos princípios DEIA e da Ciência Aberta para tornar a editoria científica mais diversa, equitativa, inclusiva, acessível, transparente e democrática – tratou de maneira minuciosa sobre o fluxo editorial de um periódico, destacando a importância de cada um dos sujeitos envolvidos nesse processo para o sucesso do periódico: editores, avaliadores, autores e leitores. Destarte, foram elucidadas as tarefas e papéis desenvolvidos por cada um deles, bem como a necessidade de valorizar esses colaboradores e fornecer uma orientação clara sobre o que se espera de cada um, a fim de obter um *feedback* e um engajamento qualificado.

Por fim, com o relato do Projeto *Revista Viva*, ressaltou-se a necessidade de articular todos os partícipes envolvidos no processo editorial e sinalizou-se para ações simples – como entrevistas e rodas de conversas – que podem fortalecer a humanização na divulgação científica, aproximar os atores editoriais da comunidade em geral e ampliar a visibilidade das pesquisas e dos sujeitos envolvidos. Essas ações repercutem em uma maior difusão do conhecimento científico, gerando mais leitura e utilização dos textos publicados nos periódicos, seja para elaboração de novas pesquisas, seja para contribuição para uma vida social mais qualificada.

REFERÊNCIAS

FLEURY, Heloisa Junqueira; HEREDIA, Ana. A barreira linguística como parte das políticas editoriais de diversidade e inclusão. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 30, p. e3022, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.606_PT. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/FTdXndNm3ZsWFMSMcssPrVR/. Acesso em: 09 jan. 2025.

FLEURY, Heloisa Junqueira; KIM, Leila Maria Vieira. Ciência aberta em entrevistas e em sociodramas: a Revista Brasileira de Psicodrama torna-se Revista Viva. *In*: ABEC MEETING LIVE 2020, 2021, Botucatu, SP. **Anais eletrônicos** [...]. Botucatu, SP: ABEC, 2021. Disponível em: https://ojs.abecbrasil.org.br/index.php/abec/article/view/88. Acesso em: 09 jan. 2025.

HADLER, Oriana Holsbach. **A qualidade da publicação requer pessoas qualificadas e motivadas**. [Transcrição via inteligência artificial da fala da palestrante]. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Sessão]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA (RBP). **Foco e escopo**. São Paulo, SP, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/focoeescopo. Acesso em: 09 jan. 2025.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA (RBP). **Guia de Atuação para editoras/es da RBP**. São Paulo, SP, [2024]. (Documento de uso interno do periódico)

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

FIALHO, Lia Machado Fiuza. Ciência Aberta, uma compreensão inicial. *In*: COMISSÃO DE ÉTICA E PESQUISA DA ANPED. **Ética e pesquisa em educação:** subsídios, v. 3, 2023. Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educacao_volume_3_2023_1.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do; COSTA, Maria Aparecida Alves da. Rede Ibero-Americana de Editores Científicos de Educação (RIECE): internacionalização, indexação e aderência à ciência aberta. **Ciência da Informação**, v. 53, n. 3, 2024, DOI: https://doi.org/10.18225/ci.inf.v53i3.7244. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/7244. Acesso em: 09 jan. 2025.

FONTES, Ilda. **Competências do editor-chefe de periódico científico**: gaps e tendências. FGV EAESP - MPGC: Mestrado Profissional em Gestão para a Competitividade, 2021. Disponível em: https://hdl.handle.net/10438/30207. Acesso em: 27 jul. 2024.

KUNSCH, Waldemar Luiz. O editor científico. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**, São Bernardo, v. 1, n. 1, p. 1–5, 2004. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/wp/wp-content/uploads/2020/06/o-editor-cientifico.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

MORAIS, Ana Marlene; RODE, Sigmar de Melo; GALLETI, Silvia (org.). **Desafios e perspectivas da editoria científica**: memórias críticas do ABEC Meeting Live 2021. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2022. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/Desafios_e_perspectivas_da_editoria_cientifica_2021.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

SOBRE AS PALESTRANTES

Heloisa Junqueira Fleury é psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Mestre em Ciências: Fisiopatologia Experimental pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Sua principal atividade profissional é a psicoterapia. Fez vários cursos de formação e aprimoramento profissional, com destaque para a Formação no Instituto Sedes Sapientiae, onde foi professora do Curso de Especialização em Psicodrama e coordenadora geral do Departamento de Psicodrama. É Editora-chefe da Revista Brasileira de Psicodrama e presidente da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP), onde recebeu o Título de Fellow e exerceu a função de tesoureira. É tesoureira da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil). Foi presidente da Federação Brasileira de Psicodrama (biênios: 1999-2000 e 2001-2002), membro da International Society of Sexual Medicine, da American Group Psychotherapy Association e da European Association of Science Editors.

Oriana Holsbach Hadler é Professora Adjunta no Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É integrante do Núcleo de Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação (Núcleo E-politcs). Doutora

em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, com Doutorado Sanduíche na University of Westminster, em Londres. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), psicóloga graduada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e pós-graduada na Goldsmiths College – University of London, Inglaterra. Psicodramatista pelo IDH-RS. Coeditora-chefe da Revista Brasileira de Psicodrama. Atua principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, políticas públicas, práticas narrativas, sociopsicodrama, juventudes e processos de subjetivação.

SOBRE A RESENHISTA

Lia Machado Fiuza Fialho é Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidad de Cádiz – Espanha. Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO). Editora do periódico Educação & Formação e do periódico Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Pesquisadora produtividade CNPq. Vice-presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil, 2020-2024) e secretária da ABEC Brasil (2024-2026). Atua principalmente na área de história da educação de mulheres, formação de professores e editoria científica.

http://orcid.org/0000-0003-0393-9892
lia_fialho@yahoo.com.br

A inteligência artificial brasileira na prática

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.4

Edna Frasson de Souza Montero

A Amazônia IA é uma empresa brasileira inovadora, fundada pela WideLabs (2025), com um foco especial na criação de soluções de Inteligência Artificial (IA) que atendam às necessidades específicas do mercado brasileiro. A Amazônia IA tem se destacado por sua capacidade de desenvolver tecnologias avançadas que são ao mesmo tempo acessíveis e eficazes. Sua missão gira em torno de democratizar o acesso à IA, tornando-a uma ferramenta essencial para empresas de todos os tamanhos e setores. A empresa trabalha no desenvolvimento de algoritmos e modelos de IA que possibilitem ser aplicados em diversas áreas, desde saúde e educação até finanças e logística.

Um dos grandes diferenciais da Amazônia IA é seu compromisso com a inovação sustentável. A empresa investe em pesquisa e desenvolvimento para criar soluções que visem uma melhoria na eficiência e na produtividade, proporcionando um impacto positivo no meio ambiente e na sociedade. Isso inclui o desenvolvimento de tecnologias que ajudem na preservação da biodiversidade e na promoção de práticas sustentáveis.

O idealizador da Amazônia IA, CEO da WideLabs, **Nelson Leoni**[1], reinventou-se profissionalmente, após ferimento grave em combate no Haiti, trabalhando em comunicação digital no Exército Brasileiro e em algumas empresas. No Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), atuou como chefe da comunicação digital da Unicef Brasil e engajamento digital global com base em Nova Iorque, liderando projetos com impacto global.

Ao se apresentar, o palestrante expressou sua honra em participar do *ABEC Meeting 2024*, encontro de elevada relevância. Destacou ainda a sua conexão com a Fundação Getulio Vargas (FGV), onde já havia atuado como professor convidado em alguns cursos, ressaltando a satisfação de retornar a um ambiente acadêmico.

Ele apresentou a WideLabs, empresa de IA que, orgulhosamente, tem um quadro de mais de 50% de sua equipe composta por cientistas e acadêmicos brasileiros, incluindo doutores, mestres, mestrandos e graduandos. Embora a IA esteja em evidência atualmente, a empresa se distingue pelo seu compromisso com a “paixão humana”.

[1] LEONI, Nelson. **Inteligência artificial, paixão humana**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Conferência]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/nelson_leoni.pdf. Acesso em: 30 abr. 2025.

O palestrante enfatizou a importância do propósito na criação de novas tecnologias e compartilhou a filosofia de sua equipe: mais do que uma empresa de IA, a WideLabs se preocupa com o impacto social e humano de suas inovações. Ele também destacou duas parcerias estratégicas fundamentais: NVIDIA e Oracle. Ambas, apesar de serem empresas estrangeiras, têm uma forte presença de profissionais brasileiros, o que fortalece a colaboração.

Como exemplo do reconhecimento internacional alcançado pela empresa, ele mencionou um evento recente em Las Vegas, onde apresentou uma tecnologia inovadora desenvolvida no Brasil. Essa inovação chamou a atenção da mídia global, sendo noticiada em 172 veículos de comunicação. O destaque foi o desenvolvimento de um *Large Language Model* (LLM) brasileiro, capaz de competir com grandes modelos como ChatGPT, Yammer e Gemini. Além de seu desempenho, esse LLM se diferencia por seu profundo conhecimento da cultura e do idioma português.

A apresentação incluiu também a participação da Widelabs no Oracle Cloud World, um evento com quase 30 mil participantes e 125 estandes. O estande da empresa brasileira ficou entre os mais visitados, perdendo apenas para o do piloto de Fórmula 1, Max Verstappen. Além disso, foram exibidos prêmios internacionais conquistados pela empresa, que já somam 18 reconhecimentos globais.

O palestrante ressaltou o impacto da IA generativa e seu papel na disseminação do conhecimento. Ele mencionou sua experiência como professor e como essa formação influencia sua abordagem na tecnologia. Nelson salientou ainda, que o avanço da IA ocorreu de forma extremamente rápida, muitas vezes sem uma avaliação prévia dos riscos e consequências, o que torna fundamental uma abordagem educacional e consciente.

Entre os projetos apresentados, destacou o “Amazônia”, nome dado à IA desenvolvida pela Widelabs. O nome foi escolhido para representar a riqueza e a identidade brasileira. Além disso, o Amazônia é o único LLM do mundo 100% abastecido por energia renovável, sem o uso de fontes nucleares ou termelétricas.

O Amazônia foi lançado durante a 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia (CNCT), em 30 de julho de 2024. Para inaugurar a IA, a Ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) Luciana Santos, foi convidada a fazer a primeira pergunta. Fugindo das expectativas, em vez de um questionamento técnico, ela solicitou uma receita de rapadura típica do Nordeste. O Amazônia não apenas respondeu corretamente, mas ainda sugeriu acompanhamentos tradicionais, como a cachaça. Em seguida, a ministra fez um teste mais desafiador, solicitando nomes de mulheres negras expoentes da história do Brasil. Enquanto o ChatGPT havia listado apenas uma, o Amazônia apresentou 17 nomes e ofereceu a possibilidade de organizá-los por estado.

O palestrante explicou que a motivação para desenvolver o LLM veio de lacunas observadas em outros modelos globais, que frequentemente apresentam uma visão enviesada da história e cultura brasileira. Como exemplo, citou um episódio em que o ChatGPT indicou os irmãos Wright como os inventores do avião, sem mencionar Santos Dumont. Isso demonstrou

a necessidade de um modelo que priorizasse o conhecimento local e respeitasse os direitos autorais, garantindo que a cultura e a ciência brasileiras fossem devidamente representadas.

Além de sua capacidade linguística e cultural, o Amazônia está sendo aplicado em diversas áreas, como atendimento ao cliente e suporte médico. Um dos exemplos apresentados foi o uso da IA em hospitais, proporcionando um atendimento mais eficiente e humanizado, com assistentes virtuais capazes de responder rapidamente a dúvidas médicas e gerenciar processos burocráticos.

Encerrando a apresentação, a IA Amazônia foi apresentada ao público com um discurso próprio, ressaltando sua identidade brasileira e sua missão de contribuir para a inovação e o desenvolvimento do país. A iniciativa representa um avanço significativo para a IA nacional, consolidando o Brasil como um dos poucos países no mundo a desenvolver sua própria tecnologia nesse setor.

Outra aplicação inovadora foi a criação de um sistema de IA – o bIAGrapher (2025) – para auxiliar pacientes com Alzheimer por meio da terapia de reminiscência, ajudando-os a preservar memórias e melhorar sua qualidade de vida.

Um aspecto fundamental, diretamente relacionado ao trabalho do bIAgrapher, é a gestão do conhecimento. Um exemplo relevante é a Raízen, uma grande empresa que possui um vasto volume de documentos, totalizando *pentabytes* de informação. No entanto, a organização enfrenta dificuldades para gerenciar esse acervo, pois muitas normativas entram em contradição ao longo do tempo. Como resultado, decisões podem ser tomadas com base em documentos conflitantes, afetando processos internos.

Para solucionar esse problema, foi desenvolvida uma IA especializada no conhecimento da empresa, atuando como assistente na tomada de decisão. Essa IA verifica documentação, auxilia no preenchimento de relatórios e permite que os profissionais foquem em análises estratégicas e decisões criativas, em vez de lidar com tarefas repetitivas e manuais. O sistema também conta com diferentes níveis de acesso para garantir a segurança das informações, alertando os gestores em caso de tentativas de acesso indevido.

Outro ponto relevante é a contribuição da IA na área jurídica, otimizando processos como análise e resumo de documentos, transcrição de audiências e depoimentos, localização de endereços para oficiais de justiça, preenchimento automático de documentos e pesquisas sobre jurisprudência. A automação desses processos proporciona mais agilidade, segurança e eficiência no sistema judiciário.

No Ministério Público do Rio Grande do Sul, onde a solução foi implementada, há um compromisso rigoroso com a precisão e confiabilidade, dada a responsabilidade envolvida. O grande volume de informação e a necessidade de tomadas de decisões rápidas tornam essencial a utilização da IA para analisar e resumir processos que podem conter milhares de páginas.

No contexto da produção editorial acadêmica, a IA também desempenha um papel relevante. Muitas vezes, a tecnologia é vista como um risco ou uma solução absoluta, mas,

na realidade, é apenas uma ferramenta cujo impacto depende de seu uso. Questões como diretrizes éticas para publicações acadêmicas, transparência no uso da IA e a segurança de dados devem ser cuidadosamente estabelecidas.

O uso de IA generativa estrangeira, como o ChatGPT, também levanta preocupações. Ao subir documentos em plataformas externas, há o risco de essas informações serem incorporadas ao treinamento do modelo, comprometendo a privacidade e o sigilo dos dados. Para evitar esse problema, empresas como a Raízen e o bIAgrapher implementam soluções que garantem o controle sobre as fontes de informação e a segurança dos dados.

Na área da educação, a IA pode contribuir para otimizar processos como a correção de redações, permitindo que professores se concentrem na avaliação qualitativa. O palestrante citou como exemplo a correção das redações no Enem. Em países como a China, métodos automatizados já são utilizados para corrigir aspectos gramaticais, enquanto a análise do conteúdo criativo fica a cargo dos docentes. Isso garante maior eficiência e justiça no processo de avaliação.

Outro ponto de discussão é a regulamentação da IA. O Projeto de Lei nº 2.338/2023 (Brasil, 2023), que trata da regulação do uso de IA no Brasil, destaca a importância de estabelecer regras claras para seu uso no Legislativo. A IA pode ser uma ferramenta valiosa para a elaboração de leis, desde que utilizada de forma transparente e supervisionada. Entretanto, o uso indiscriminado sem verificação pode comprometer a precisão das informações e gerar problemas jurídicos.

A verificação de originalidade e plágio é outro aspecto em que a IA pode auxiliar. Ferramentas avançadas permitem detectar o uso indevido de IA em publicações acadêmicas, garantindo a integridade do conhecimento produzido.

A tecnologia RAG (*Retrieval-Augmented Generation*) surge como uma solução segura para consultas em bases de dados controladas. Diferente de modelos genéricos, que podem fornecer informações imprecisas, a RAG permite que a IA acesse exclusivamente dados validados, garantindo maior confiabilidade nas respostas.

Empresas já estão implementando a IA para otimizar processos e reduzir custos operacionais. Um exemplo citado pelo palestrante é uma grande farmacêutica que anteriormente analisava documentação de apenas quatro fornecedores por ano devido ao tempo demandado para revisão de informações. Com a IA, esse processo foi reduzido de 125 dias para 15 minutos, permitindo que a empresa ampliasse sua rede de fornecedores sem comprometer a qualidade da análise.

A inovação é essencial para o progresso, mas deve ser conduzida com responsabilidade. A IA não substitui o pensamento humano, mas complementa processos, otimizando tempo e aumentando a precisão das análises. No Brasil, existem soluções prontas para serem implementadas, e a integração entre tecnologia e conhecimento acadêmico pode potencializar ainda mais os avanços no setor.

Para aqueles que desejam saber mais sobre a tecnologia da Amazônia IA (2025), o QR Code ficou disponível na apresentação, direcionando para a plataforma. Além disso, os interessados também podem acessar o *site* amazoniaia.com.br para explorar mais detalhes sobre essa inovação.

O palestrante agradeceu a oportunidade de compartilhar essas informações e encerrou sua fala referindo que a ciência brasileira e a democratização do conhecimento são fundamentais para o avanço da sociedade. Ele enfatizou que a tecnologia é uma aliada nesse processo.

Em resumo, a Amazônia IA representa um expoente da inovação brasileira em IA, combinando tecnologia de ponta com um forte senso de responsabilidade social e ambiental.

Destaca-se a sua contribuição prática na área da saúde, com o programa para pacientes portadores de Alzheimer, facilitando a rememoração de conhecimento da própria história e melhorando a qualidade de vida. Acrescente-se, ainda, a contribuição da IA na área jurídica, otimizando o fluxo dos processos com a automação, proporcionando mais agilidade, segurança e eficiência no sistema judiciário.

Com um olhar voltado para o futuro, a Amazônia IA continua a expandir suas operações e a estabelecer parcerias estratégicas com outras empresas e instituições de pesquisa. Entretanto, há que se reconhecer a relevância do papel humano na curadoria das informações e da sua utilização.

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA IA. 2025. Disponível em: https://amazoniaia.com.br/#o-projeto. Acesso em: 07 jun. 2025.

bIAGrapher. 2025. Disponível em: https://www.baigrapher.com/#/. Acesso em: 07 jun. 2025.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 2.338, de 2023**. Dispõe sobre o uso da Inteligência Artificial. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233. Acesso em: 07 jun. 2025.

WIDELABS. 2025. Disponível em: https://www.widelabs.com.br/. Acesso em: 07 jun. 2025.

SOBRE O PALESTRANTE

Nelson Leoni comandou, em 2005, um pelotão na Missão de Estabilização das Nações Unidas, no Haiti, onde foi gravemente ferido em combate. Após dois anos no hospital, tornou-se atleta paraolímpico e passou a dar palestras motivacionais. Aos 30 anos se reinventou profissionalmente, trabalhando em comunicação digital, criando as redes sociais do Exército Brasileiro e liderando a estratégia digital em empresas como o Banco do Brasil, Nivea e Unilever. Na Unicef, foi o chefe da comunicação digital da Unicef Brasil e responsável pelo engajamento digital global com base em Nova Iorque, liderando projetos com impacto global. Ele tem orgulho de ter proferido mais de 400 palestras motivacionais em vários países e de ser sócio em uma empresa que visa impactar e inspirar a vida das pessoas.

SOBRE A RESENHISTA

Edna Frasson de Souza Montero é Professora Associada Livre-Docente do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar da Escola Paulista de Medicina (EPM) na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) – 2024-2026, 2.ª Tesoureira nas gestões de 2020-2021 e 2022-2023. Pertence ao corpo editorial dos periódicos científicos: Acta Cirúrgica Brasileira, como editora-chefe; Revista da Associação Médica Brasileira, como editora-associada da Área Cirúrgica; Brazilian Journal of Transplantation, como editora-associada. Membro da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP – Câmara CONEP).

https://orcid.org/0000-0003-1437-1219
edna.montero@fm.usp.br

Aplicação de inteligência artificial generativa na comunicação de pesquisas com ênfase em periódicos

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.5

Juliana Maria de Souza Pinto
Eli Lopes da Silva

O *workshop* **Aplicação de inteligência artificial (IA) generativa na comunicação de pesquisas com ênfase em periódicos** teve a finalidade de trazer uma abordagem da relevância e da inexorabilidade do uso de IA generativa na comunicação de pesquisas. A expectativa foi trazer aos participantes a compreensão sobre seu uso da IA, seja no desenvolvimento de competências ou infraestruturas institucionais para a publicação de periódicos. O moderador do *workshop*, **Abel Laerte Packer**, fez a abertura, destacando o objetivo de informar e qualificar os participantes para que sejam capazes de começar projetos de aplicação de IA em seus periódicos.

Para Abel, o fluxo de comunicação científica é uma contínua geração de novos textos. Diante disso, ele destacou a importância de aplicar a IA já existente, especialmente para esse propósito. Abel também ressaltou que, com o apoio político, o Brasil tem se projetado para se tornar um grande editor *Publisher*, não apenas produzindo para periódicos estrangeiros. Nesse contexto, o domínio da IA será fundamental, e por isso é preciso vencer as resistências sobre o tema.

Dando sequência ao *workshop*, Abel convidou **Flávio Soares Corrêa da Silva**, que falou sobre **O que é um LLM?**[1]. Flávio trabalha com pesquisa na área de IA há bastante tempo. Ainda assim, afirmou ser um tema que provoca inquietação, pois, muitas vezes – segundo ele – tratamos dessas questões sem conhecer o assunto com profundidade. Isso gera dois problemas: o primeiro é como as expectativas com relação à IA são construídas, o que pode levar à frustração, já que sistemas inteligentes, raciocínio automatizado e aprendizado de máquina não são capazes de atender tais expectativas; em segundo, questiona-se sobre o que vem sendo construído, que é notável tanto do ponto de vista científico quanto tecnológico, e que muitas vezes acaba perdido em uma névoa de entendimento. Deriva de tais expectativas perguntas como: O que é um modelo de linguagem? O que é IA generativa e quais temas estão diretamente relacionados a ela? O que é, afinal, a IA?

Flávio utilizou uma metáfora relacionada aos batimentos cardíacos. Ele explicou que todos temos um coração que deve estar batendo e que funciona com alguma regularidade,

[1] SILVA, Flávio Soares Corrêa da. **O que é um LLLM?** *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [*Workshop*]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/flavio_soares_correa_da_silva.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

mas que o padrão de batimento de cada pessoa é tão único quanto uma impressão digital. Segundo ele, podemos ser identificados pela maneira como nosso coração bate. No entanto, há um aspecto curioso: os batimentos cardíacos não se repetem exatamente, o que torna esse padrão ainda mais singular. O coração nunca vai bater duas vezes exatamente da mesma forma. Por outro lado, existem regularidades que têm sido estudadas e trazem muita informação de natureza médica, o que é importante e relevante sobre os mais diferentes aspectos da saúde física, mental, psicológica e que, por meio de padrões, podem ser identificados, tanto pelo eletrocardiograma quanto por outras medidas. A metáfora utilizada mostra que, assim como em um eletrocardiograma – que leva alguns minutos para ser realizado – permite coletar uma quantidade significativa de dados e extrair informações relevantes, algo semelhante que ocorre com os sistemas de aprendizado de máquina: eles analisam grandes volumes de dados para identificar padrões e gerar conhecimentos.

Flávio disse ainda que existem informações de classificação e de discriminação. Desse modo, um padrão de eletrocardiograma diferente do esperado, com determinadas características, pode indicar uma possível patologia. Assim, ele serve para classificação ou para geração. No âmbito da tecnologia, a IA generativa trata da geração. Se tem um padrão típico e uma quantidade de dados suficiente para capturar a regularidade dos batimentos cardíacos, é possível enxergar como esses batimentos devem prosseguir, assim, consegue-se gerar batimentos cardíacos futuros a partir de dados já estabelecidos. Com esses dados futuros é possível fazer análises que geram outras análises e assim por diante. Ele afirmou que é disso que se trata tudo que precisamos saber a respeito da IA: o que são os sistemas de aprendizado de máquina, os modelos de linguagem, tais como ChatGPT etc.

Em seguida, ele questionou o que um sistema de informações pode fazer. Seria capaz de pegar dados previamente existentes e projetá-los, segundo um padrão, similar ao existente, nunca diferente? Ou, com os dados existentes, poderia identificar quando algo desvia do comportamento esperado? Posteriormente, ele apresentou um exemplo de um problema de processamento de sinais, que à primeira vista parece mais complexo: a manutenção de tubulações, um desafio típico da engenharia.

O palestrante lembrou que existem muitas tubulações no fundo do oceano, como cabos de *internet*, cabos de comunicação e dutos de tubulação para petróleo, entre outros. Apontando para um gráfico em sua apresentação, ele esclareceu que um navio para sobre um ponto desejado, recolhe o material que tem que ser observado, realiza a manutenção necessária e depois devolve ao fundo do mar. No entanto, o navio não permanece completamente parado – ele está sujeito ao movimento das ondas do mar. E o que é a superfície oceânica? É como se fosse um eletrocardiograma, um batimento cardíaco – mas não de uma única pessoa. Temos que imaginar todos os nossos corações batendo ao mesmo tempo, e a informação de todos eles fossem enviados de uma vez para um único aparelho no centro. Esse aparelho, nesse caso, é a superfície oceânica. Capturar as regularidades da superfície oceânica não é necessariamente

diferente de capturar padrões de batimentos cardíacos que visam identificar patologias ou conseguir gerar batimentos futuros. No entanto, trata-se de um problema complicado do ponto de vista do sinal. Por ser mais complicado, esse processo requer mais dados, maior capacidade de processamento e, possivelmente, algoritmos mais ágeis para que tudo possa ser feito com a devida rapidez e os resultados fiquem prontos em um tempo razoável. Esse desafio ajuda a explicar os avanços que observamos atualmente no processamento de linguagem.

Flávio questionou, então: por que falar de ondas do mar e batimentos cardíacos para falar de linguagem? Ele explicou que estudos linguísticos por décadas observam que, independentemente do significado transmitido pelo discurso, a linguagem tem ritmo sintático, por exemplo. As sentenças apresentam um tipo de sequência: sujeito + predicado + sujeito + predicado. Mesmo que seja uma linguagem, em um discurso muito linguisticamente sofisticado, existe um ritmo. Esse ritmo, comparado com as ondas do mar, é mais sofisticado ainda. Então, para que consigamos "capturar o batimento cardíaco de um texto", desse fenômeno linguístico, precisamos de uma significativa quantidade de dados e algoritmos igualmente sofisticados e ágeis para uma análise apropriada.

O mesmo processo e os mesmos fenômenos conhecidos para a análise de um eletrocardiograma podem também ser utilizados para uma análise de linguagem, processo atualmente viável devido a quantidades enormes de dados linguísticos e de textos disponíveis para capturar esses padrões. Esses padrões podem ter um longo período de ocorrência, e a abordagem para lidar com eles é semelhante com a que usamos com os batimentos cardíacos: classificação ou geração. Nesse contexto, por exemplo, podemos utilizar a classificação para discriminar temas, tópicos e público-alvo, a partir dos padrões repetitivos e das frequências de oscilação dos fenômenos linguísticos observados, sem jamais adentrar no significado, conteúdo ou contexto do que está sendo analisado –apenas observando essas oscilações e frequências. O palestrante ressaltou que esse aspecto é importante, pois envolve questões de natureza ética para serem consideradas. Em termos de geração, por exemplo, a sumarização automática é considerada como um problema relevante e importante.

Para explicar melhor, ele fez uma comparação: seria como se recebêssemos muitos textos extensos, com muitas páginas, e tivéssemos que produzir sumários de forma eficiente, confiável, para que esses resumos possam ser direcionados para o público apropriado e consumidos de uma maneira interessante, como parte de uma revisão sistemática. Flávio finalizou lembrando que trouxe tais considerações para que as demais apresentações desse *workshop* tivessem contexto para prosseguir. Na sequência, Abel convidou **Bruno Caramelli**, com o tema **Apoio de IA na autoria de manuscritos**[2].

[2] CARAMELLI, Bruno. **Apoio de IA na autoria de manuscritos**. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [*Workshop*]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/bruno_caramel.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

Seguindo o tema do palestrante anterior sobre batimentos cardíacos, Bruno contou que, no dia 14 de janeiro de 2023, acordou às 4 horas da manhã com dor no peito. Ele é cardiologista e professor na área, e relembrou que isso aconteceu em uma região charmosa da Itália, Toscana, a 100 metros de onde seu pai nasceu e viveu a maior parte de sua vida. Embora ele não acredite que tenha sido influência da emoção, o fato é que enfartou às 4 horas da manhã, necessitando de internação. No dia 23 de janeiro, ele fez um percurso de trem com o seu filho, da cidade de Firenze até Roma para, em seguida, voltar ao Brasil. No trem, olhando coisas pela *internet*, ele encontrou um artigo criticando o uso do ChatGPT e da IA em editoria científica, iniciando nesse momento sua história com a IA. Segundo ele, trata-se de um assunto de grande fascínio, apesar de não ser mais editor desde 2013. Há 15 anos ele leciona uma disciplina, 100% em inglês, na faculdade de Medicina. Trata-se de um guia de sobrevivência para futuros autores sobre dicas e uso de ferramentas para escrever artigos científicos na área da saúde.

Assim, a IA, na forma do ChatGPT, entrou em sua vida em 2023. Durante a viagem de trem, ele foi lendo artigos e se fascinando com o que era o ChatGPT e o que esse tipo de ferramenta poderia trazer para muitas pessoas.

Bruno citou um trabalho publicado em 2017, por Mattew Harris, autor principal do Imperial College, que escreve muito sobre o Brasil, sobre temas como eleição, situação política etc. O autor selecionou quase 350 médicos no Reino Unido, em atividade de prática clínica, e dividiu em quatro grupos, utilizando como base o periódico New England Journal of Medicine, que na época (2015-2017) tinha fator de impacto de 72 e o Journal of Community Medicine and Health Education, considerado um periódico com fator de impacto baixo (hoje é maior que 9).

Esses dois periódicos de referência dividiram os quatro grupos e elaboraram um Grupo Controle (GC) responsável por entregar os *abstracts* em duas ondas. Na primeira onda, eles diziam que o artigo era proveniente de um grupo que poderia vir de alguns lugares como: Oxford ou de Freiburg (Alemanha), Addis Abeba (Etiópia), Mzuzu (Malawi que é um país não desenvolvido na África) ou Harvard (Estados Unidos). Os artigos foram enviados pelos periódicos com um intervalo de um mês, com a suposição de que os médicos não se recordariam do conteúdo lido. No entanto, nenhum dos participantes apresentava demência, uma vez que a ausência de condições cognitivas comprometidas era um requisito essencial para a participação no estudo. Foram enviados quatro *abstracts*: 1) um estudo que envolvia tratamento farmacológico para tuberculose, portanto, algo que interessa países em desenvolvimento; 2) um estudo sobre transmissão vertical de HIV materna em criança, que também interessa a países em desenvolvimento; 3) um típico estudo da farmacologia, ensaio clínico, típico de patrocínio da indústria farmacêutica; e 4) sobre o uso de metadona em indivíduos usuários de drogas. A maior parte dos médicos era formada por homens nascidos no Reino Unido. Apenas uma minoria possuía título de doutorado, embora um terço atuasse em pesquisa e

buscasse constante atualização. Alguns, inclusive, tinham papel de avaliadores de artigos científicos. Além disso, quase todos tinham aproximadamente cerca de 20 anos de formados.

Sobre os resultados, Bruno apresentou o *abstract* número 1, sobre tuberculose: exemplificando que um artigo tem 2,5 vezes mais chances de ser aceito para publicação se o autor for de um país desenvolvido, em comparação com um autor de um país como o Malawi ou a Etiópia. Ainda, caso o trabalho tenha relação com a indústria farmacêutica, sua chance de publicação sobe para oito vezes mais que os demais.

O palestrante destacou que a maior parte das pessoas manifesta preocupação ou até culpa ao utilizar IA, por receio de estar fazendo algo eticamente errado. No entanto, ele afirmou ter vindo ao *workshop* com o intuito de livrar a todos dessa culpa. Além disso, apontou outros desafios relevantes, como a pressão para publicação e a barreira linguística, especialmente para pesquisadores que não são falantes nativos da língua inglesa.

Bruno comentou das possibilidades de se usar IA para tarefas administrativas ou classificatórias e geração de dados. Ele ainda comentou que as IAs generativas são as que geram maior preocupação ética, como a questão da culpa, comentada anteriormente. Ao mesmo tempo, tais ferramentas podem ser utilizadas por jovens que estão começando na carreira, representando uma ajuda valiosa. Ele ainda indagou: De onde vem a ética? A ética, em primeira análise, é aquilo que a sociedade, ou a sua maioria, considera e faz. No entanto, o mais importante é o que pensamos sobre isso, e é aqui que entra a culpa, associada com a percepção de que certas ações podem ser antiéticas.

Segundo Bruno, se um brasileiro submete um artigo a editoras como a Elsevier ou Taylor & Francis, é provável que essas empresas, ou outras a elas vinculadas por convênio (como a Editage ou AJE), ofereçam serviços de suporte ao autor, conhecidos como "*author services*". Vale destacar que, até recentemente, esses serviços mencionavam explicitamente o uso de IA e isso ocorreu há apenas quatro meses. Ele mencionou, ainda, que "dessa vez foi difícil eu encontrar, mas isso não significa que eles não usem, eles estão escamoteando a informação, mas eu peguei". Existem periódicos que usam IA e cobram 1.500 dólares para o autor, enquanto ele gasta 20 dólares na IA do ChatGPT na sua assinatura – ressaltando que o valor pago não indica que o trabalho vai ser aceito. Isto significa que, uma minoria, 160 mil *papers* desde 2004 – 4 milhões de artigos por ano sendo publicados –, e os que não são publicados – 100 milhões – que são rejeitados, usam um *author service*.

O palestrante opinou que o uso de IA pode ser uma das maiores fontes de renda de editoras. Sem nenhum complexo de culpa, usam constantemente, de forma que possuem um *profit margin* que beira 40%, mais do que o Google. Por quê? Segundo ele, estamos dando dinheiro para as editoras melhorarem os nossos artigos usando IA, algo que poderíamos fazer perfeitamente se não estivéssemos ocupados sentindo culpa É como se os autores pagassem alguém para fazer o "serviço sujo" por ele, resguardando sua consciência limpa. Bruno terminou sua apresentação expondo que, em sua opinião, na editoria e na autoria

de trabalhos, a IA representa a mais democrática ferramenta para a redução de iniquidades culturais e econômicas na redação técnico-científica.

Em seguida, Abel passou a fala para o pesquisador **Wellington Dias de Queiroz,** que abordou o tema **O que significa treinar uma IA para a gestão de periódicos**. Wellington, no início da sua abordagem, disse que a IA vem evoluindo rapidamente, e que há saltos de evolução difíceis de se prever. Há artigos que mostram que estamos produzindo máquinas e algoritmos mais inteligentes do que as pessoas mais inteligentes que temos, então, há uma certa preocupação e várias discussões sobre esse assunto. O palestrante, assim como outros grandes pesquisadores, argumentou que a questão não é mais se um determinado momento vai chegar, mas sim quando isso ocorrerá, pois, mesmo na comunicação científica, essa substituição só não aconteceu ainda por haver muita resistência. Essa resistência, conforme ele pontuou, vem diminuindo a partir do "estourar" de bolhas. As pessoas vão sendo desmitificadas, os riscos mitigados. Inicialmente, não se poderia confiar plenamente em uma ferramenta de IA. Havia questões subjacentes, como problemas éticos, e o receio de que a IA se tornasse uma espécie de "idiota eloquente", ou seja, ela preencheria lacunas de conhecimento gerando conteúdo que não é necessariamente verdadeiro. E ela o faz com grande competência, levando as pessoas a acreditarem, pois o que é apresentado contém "meias-verdades", como ocorre na política: ao pegar um contexto e passar por um *pipeline*, o conteúdo é aceito, mesmo por especialistas. Desse modo, é natural que haja uma resistência inicial, mas, aos poucos, ela vai sendo superada.

Por outro lado, ele afirmou que precisamos muito das ferramentas. O volume de publicações é absurdo e, diante da "fome com a vontade de comer", as pessoas acabam cedendo, ou seja, vão se sentindo mais seguras e acessando ferramentas automatizadas, que não necessariamente tiram o controle da pessoa, mas ajudam. E isso é interessante. O pesquisador defendeu que: "a resistência vai diminuindo, porém, o tempo de resistência pode fazer a pessoa perder feio. Resistir é normal, faz parte do processo, mas se a pessoa resistir por muito tempo, ela não estará atrasada, mas perderá o bonde".

Wellington explicou que existem várias abordagens: pode ser um LLM pronto, um modelo pronto, treinar do zero uma ferramenta ou mesmo uma abordagem híbrida. Um primeiro exemplo é o do *Large Language Model* (LLM) pronto. Os LLMs prontos são os mais conhecidos, sendo ChatGPT um dos mais famosos e mais utilizados. Existem as versões como GPT-T3, o GPT-4. Mesmo que os engenheiros dominem o algoritmo, eles ainda se assustam com alguns resultados, pois são modelos bastante avançados.

O LLaMA veio para combater e tentar tirar a monopolização do ChatGPT, que vem disparando na frente. Existem outros como Gemini Google, sendo o Google BERT um dos algoritmos mais antigos de modelo de linguagem, de processamento de linguagem natural. O palestrante citou ainda o CLAUDE, que as pessoas vêm cada vez mais usando, mas são propósitos diferentes.

Wellington pontuou sobre as vantagens do LLM pronto: é rápido, está treinado, partiu de milhões de *tokens* e, no caso do ChatGPT, chegou a 15 trilhões de *tokens* – treinado até hoje –, além de ter infraestrutura absurda. Foram anos de treinamento e evolução contínua, o que é muito importante e interessante. Sua forma de uso acontece da seguinte maneira: a pessoa baixa o modelo e executa nos seus recursos computacionais (com o processamento necessário), sem limites, ou seja, faz quantas consultas quiser, retreinamento, treino, criação de dimensões.

O Gemini é outro grande modelo da Google, que surgiu como Google BERT e vem evoluindo constantemente, embora ainda esteja longe dos demais, no sentido de treinamento de novas dimensões. Ou seja, o modelo pronto possui vantagens, mas também limitações, especialmente por ser muito genérico e ter um grande volume de conhecimentos em várias áreas. Para quem quer criar um assistente especialista em periódicos, então, o modelo fica grande e custoso de rodar. Ele cria lacunas na hora de responder uma pergunta específica sobre um periódico específico, e preenche essas lacunas com a eloquência. Wellington defendeu que devemos usar essa ferramenta com cautela, como um assistente, mas que não devemos ir contra o ChatGPT. O interessante é aliar-se a ele, ensinar a usar. Por outro lado, ele pode ser muito genérico e isso é um problema. Aplicabilidade? É útil para respostas gerais como perguntas sobre um periódico ou determinado tema.

Wellington lembrou que o LLM pronto também permite uma parametrização. A pessoa pode ficar treinando a engenharia de *prompt*. A forma como a pessoa pergunta e conduz o LLM é muito importante. Ele pode ser mais ou menos assertivo, de acordo como a pessoa parametriza: "Por isso que a gente vê aqueles absurdos de jornais e periódicos que copiam e colam do ChatGPT e vem o começo do *prompt*".

Ele explicou que existe a abordagem do treinamento do zero, que é bastante interessante, pois a pessoa tem controle absoluto e pode treinar seu modelo especificamente para publicações científicas. Todo recurso computacional disponível será aplicado a isso, sem gastos com tempo ou processamento para outras tarefas. A pessoa passa as informações do periódico para o LLM, que passa a agir como um especialista naquele título e, muitas vezes, saberá responder mais rápido do que um ser humano. Ele ganha uma especificidade muito grande, ganha conhecimento vertical, mas perde horizontal. No entanto, há um limite para esse treinamento: é necessário um conteúdo gigantesco de dados para treinar.

Wellington explicou que criar algo do zero significa ter que colocar algoritmos eficientes e inteligentes. Não basta pegar a biblioteca de *Natural Language Processing* (NLP) ou usar o próprio ChatGPT para gerar. É preciso acurácia, porque se for genérico, vai demorar muitos anos ou depender de muito poder computacional para criar um modelo eficiente. Então, existe aí um grande problema: é demorado e de alto custo. É preciso uma equipe de desenvolvimento capacitada e razoavelmente grande para desenvolver isso. "Para fazer de qualquer jeito, bastam três pessoas. Fazer bem-feito é muito caro. A aplicabilidade é recomendada só

se o periódico precisa de muita especificidade, o que exige tempo e dinheiro para isso". Outro exemplo, destacado pelo pesquisador, é de um projeto de longo prazo, como um desenvolvimento de 10 anos, no qual a pessoa vai treinando o modelo até alcançar um bom resultado. Resumidamente, o treinamento do zero tem as fases de coleta de dados específicos, pré-processamento de dados, modelagem, treinamento inicial e ajustes finais. Não parte de uma base como o ChatGPT, que já tem o processamento de linguagem natural muito bem-feito e um conhecimento mínimo considerável.

Na sequência, o Wellington apresentou a abordagem híbrida, o famoso *fine-tuning* (em português, ajuste fino) de um LLM pronto. Em outras palavras, trata-se de partir de um LLM já pronto – como o ChatGPT ou o LLaMA, que é *Open Source* – e, a partir dele, aprimorar. Isso porque esses modelos são muito genéricos e tendem a adotar uma personalidade de querer impressionar sempre, dar respostas complexas, ser prolixo. Então é necessário parametrizar várias coisas, melhorar a compreensão deles sobre periódicos e adicionar mais uma camada de conhecimento, que chamamos de dimensão de conhecimento específico. Então partimos de um modelo pronto, que não precisa de muitos gastos, pois além de ter uma infraestrutura muito grande, gasta-se apenas com o treinamento. As limitações experienciadas são que, mesmo partindo de um LLM pronto, ainda é necessário um treinamento, para que se possa melhorar e criar essa dimensão. A aplicabilidade é ideal na maioria dos casos, porque o usuário tem um equilíbrio muito interessante disso e, no mínimo, um bom ponto de partida. Como Wellington afirmou, "eu preciso do meu modelo, só o meu modelo, com recursos próprios e recursos computacionais específicos para fazer o melhor especialista, e não um especialista mais ou menos porque eu quero economizar. A pessoa parte desse e volta para o caso do treinamento do zero". Resumidamente, a abordagem híbrida inclui as etapas de iniciar com um LLM pronto, preparação dos dados para o *Fine-Tuning*, realização do *Fine-Tuning* e obtenção do modelo especialista.

Então, questionou Wellington: "Qual abordagem escolher?". Depende muito do projeto e da necessidade. Mesmo tendendo à abordagem híbrida, que é mais a lógica inicial, todo o projeto precisa de uma análise. Por exemplo, o treinamento do zero tem um alto custo, um tempo de treinamento grande e uma eficiência baixa, mas uma especificidade alta. O híbrido se mostra mais eficiente e com um custo interessante.

Segundo Wellington, as aplicações práticas sobre a IA na gestão editorial são diversas, como: transformação em um especialista para cada periódico, função de assistente virtual para respostas sobre artigos, assistente para sugestão de avaliadores, análise de relevância e preditividade de impacto, assistente de referências e citações, verificação de autenticidade e conformidade ética, revisão preliminar automatizada e avaliação de similaridade e originalidade.

Wellington finalizou dizendo que a IA como parceira estratégica na gestão editorial é possível, legal, interessante e possível ser utilizada com moderação. Ressaltou que a IA é uma assistente, uma ferramenta e não vai tomar empregos. Os benefícios do treinamento específico, criar um assistente, é bastante interessante. A responsabilidade ética e as perspectivas

futuras são saltos muito grandes. Como ele disse, “com a computação quântica e os novos modelos saindo, se hoje está assim, imagina daqui a cinco, dez anos. Daqui a dez anos as coisas estarão muito avançadas”.

Finalizada a apresentação de Wellington, Abel introduziu o **projeto do Projeto do Programa SciELO para a adoção de IA no fluxo de comunicação de pesquisas**[3], seguido de perguntas da plateia. Ele iniciou compartilhando a estratégia do SciELO para desenvolver um modelo de publicação apoiado por IA, com a perspectiva de que a tecnologia se tornará ubíqua na metodologia em 3 a 5 anos. Ele explicou que cada publicação terá um assistente de IA típico, começando com as áreas. No entanto, ele ressaltou que esse é um processo gradual, que exige treinamento intensivo da equipe do SciELO e dos próprios periódicos, para só então ser implementado um a um. Segundo Abel, “tem que ser *affordable* (acessível) porque senão se transformará em um custo muito grande”. A ideia é revisitar as etapas do fluxo de comunicação: preparação do manuscrito, submissão, triagem inicial, avaliação por pares, formatação etc., analisando qual a função, objetivo e resultado esperado de cada etapa. Por exemplo, avaliação por pares, qual a função, objetivo, quais os fatores determinantes que levam ao processo de decisão sobre aquela etapa para seguir em frente? Qual o potencial naquela etapa para aplicação de IA e gestão responsável, cuidado, e boas práticas?

Há muitas áreas nas quais a IA pode auxiliar como a avaliação por pares, a busca, o convite, a seleção, o acompanhamento de avaliadores, a mediação de divergência entre pareceres. Enfim, é necessário detalhar as funções e os resultados esperados. Quais fatores levamos em conta para tomar decisões? Por exemplo, a qualidade científica, metodologia, fundamentação teórica, rigor metodológico, relevância e originalidade da contribuição, qualidade e adequação, recomendação final (como aceitar ou não um artigo). É importante analisar o que nos leva a tomar a decisão. Abel detalhou as diversas aplicações da IA nesse contexto, ressaltando seu potencial para auxiliar o editor na seleção e assistência aos avaliadores, na indicação de pontos fortes e fracos, na verificação de aspectos técnicos e metodológicos. Além disso, a IA poderia confirmar se as recomendações dos avaliadores foram, de fato, incorporadas nas novas versões dos artigos. Ou seja, trata-se de um sistema bastante sofisticado. Os sistemas de processamento já existem, o que precisa é incorporar a presença da IA nesses fluxos.

Por último, o *stewardship* é o cuidado para usar a IA de modo responsável: informar os autores sobre o processo de critérios de IA, métricas de auditoria do uso, trabalhar com confidencialidade. Há uma preocupação quanto ao uso da IA para processar manuscritos, especialmente pelo receio de o conteúdo se tornar público. Nesse caso, Abel sugeriu uma publicação prévia em *preprint*, garantindo a precedência da autoria. Assim, a informação já

[3] PACKER, Abel Laerte. **Projeto do Programa SciELO para a adoção de IA no fluxo de comunicação de pesquisas.** *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [*Workshop*]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/abel_scielo.pdf.

estará disponível publicamente antes de qualquer outra exposição. A ideia é a intervenção humana e retroalimentação de gestores do processo para alimentar a política e gestão editorial do periódico. Essa é a estratégia que será aplicada a 9 ou 10 etapas do fluxo editorial e, ainda tem aspectos como a estruturação XML, a publicação, a revisão etc. Abel destacou que uma maneira de desenvolver tudo isso é a consulta aos periódicos, grupos focais, e as parcerias que estão sendo realizadas para essa implementação. Uma das parcerias é com a Escola Politécnica, para ver se conseguem definir um projeto acessível e dentro do modelo de Ciência Aberta.

Após sua explanação, Abel iniciou as perguntas com o palestrante Flávio sobre a IA brasileira chamada Amazônia, que foi apresentada no *ABEC Meeting 2024*, questionando se o idioma influencia na eficiência da IA. Flávio disse que sim, que cada linguagem, cada idioma tem o seu ritmo e isso é natural. Existem também aspectos universais, assim como qualquer outro fenômeno fisiológico, ou seja, alguns aspectos são gerais e outros são específicos, regionalizados, e dependem de outros que foram se desenvolvendo. Existe uma dependência do idioma para que o processamento de linguagem natural, que é uma "subárea da subárea da subárea" da grande área de IA. Ele afirmou que é diferente ser nacional e ser nacionalizado. Nacionalizado ou regionalizado é pegar algo desenvolvido e construído em algum lugar e traduzir, adaptar e chamar isso de nacional quando, na verdade, foi "nacionalizado". Isso é o que tem sido apresentado, muitas vezes de forma intencional, levando a entendimentos que atendem a objetivos diversificados e variados.

Abel finalizou o *workshop* comentando que, se passamos a ser absolutamente dependentes da tecnologia, temos que analisar os fundamentos e o histórico. Se não estabelecermos controle, mecanismos de auditorias e, principalmente, o entendimento profundo sobre o que é a IA, valerá o provérbio chinês: se nós não mudarmos de direção, vamos chegar aonde estamos indo.

Em nossa análise crítica, como resenhistas, percebemos que o *workshop* trouxe discussões e conceitos técnicos novos e, talvez, mais profundos para algumas pessoas que até então tinham conhecimentos superficiais sobre o tema. O uso de IAs vem sendo amplamente discutido nas escolas, universidades, em eventos de editoria científica, como é o caso do *ABEC Meeting 2024*. O que permeia todos esses espaços de discussão é que o uso de IA é um caminho sem volta. Definitivamente, não podemos fugir dessa realidade tecnológica. Desse modo, cabe aos professores, pesquisadores, autores e editores buscar o entendimento, a compreensão do tema e do uso das ferramentas, uma vez que, tudo evolui e muda rapidamente.

É interessante perceber que a busca do conhecimento sobre IA leva, em alguns casos, a uma quebra de paradigmas. O que inicialmente poderia ser visto como algo que substituiria funções, cargos ou pessoas, atualmente é visto como ferramenta, suporte, apoio e, quando mal utilizada, pode trazer prejuízos para a ciência e para o desenvolvimento. Por outro lado, sendo bem utilizada, traz benefícios e facilita muitas atividades que, antes, demandavam tempo ou tinham um custo muito alto.

Dentro do grande leque de opções de utilização de IAs para a ciência, o destaque foi dado para os periódicos científicos, que podem utilizá-las para ajudar no processo de editoria

científica. Porém, merece atenção para a clareza e detalhamento da informação do periódico sobre sua utilização sem ferir aspectos éticos. As discussões servem para os autores, avaliadores, editores, bibliotecários, enfim, a equipe do periódico, bem como para os leitores.

Muitas discussões ainda precisam ser amadurecidas sobre o uso ético da IA na publicação científica. O fato é que os periódicos e os *publishers* precisam estabelecer políticas sobre o que é ou não permitido. A Elsevier, por exemplo, diz que

> [...]essas tecnologias devem ser usadas apenas para melhorar a legibilidade e a linguagem do trabalho e NÃO para substituir tarefas-chave de autoria, como produzir *insights* científicos, pedagógicos ou médicos, tirar conclusões científicas ou para fornecer recomendações clínicas. Os autores são, em última análise, responsáveis pelo conteúdo do trabalho (Elsevier, 2024, tradução nossa).

Já para a Nature (2024, tradução nossa), "o uso de um LLM deve ser devidamente documentado na seção Métodos (e se uma seção Métodos não estiver disponível, em uma parte alternativa adequada) do manuscrito." Polêmicas à parte, o fato é que as tecnologias, desde sempre, potencializaram tanto as novas e melhores formas de fazer as coisas quanto às más práticas, antiéticas e ilegais. Isso não é diferente em relação às IAs, que também são tecnologias. As escolhas são nossas em relação ao que essas ferramentas potencializam.

Assim, considera-se que o *workshop* Aplicação de IA generativa na comunicação de pesquisas com ênfase em periódicos foi rico de conhecimentos e aprendizagens, e certamente é um tema que será resgatado em eventos futuros, tendo em vista que as transformações são constantes e as atualizações e discussões também devem seguir essa evolução.

REFERÊNCIAS

ELSEVIER. **The use of generative AI and AI-assisted technologies in writing for Elsevier**. [2024]. Disponível em: https://www.elsevier.com/about/policies-and-standards/the-use-of-generative-ai-and-ai-assisted-technologies-in-writing-for-Elsevier. Acesso em: 13 fev. 2025.

NATURE. **Artificial Intelligence (AI)**. 2024. Disponível em: https://www.nature.com/nature-portfolio/editorial-policies/ai. Acesso em: 7 ago. 2024.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

INTERNATIONAL COMMITTEE OF MEDICAL JOURNAL EDITORS. **Recommendations for the Conduct, Reporting, Editing, and Publication of Scholarly Work in Medical Journals**. Vancouver: ICMJE,2023. Disponível em: https://www.icmje.org/icmje-recommendations.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

JACKSON, Jill *et al.* Orientação CSE sobre ferramentas de aprendizado de máquina e inteligência artificial. **Science Editor**, v. 46, n. 2, p. 72–72, 2023. DOI: https://doi.org/10.36591/SE-D-4602-07. Disponível em: https://www.csescienceeditor.org/article/cse-guidance-on-machine-learning-and-artificial-intelligence-tools/. Acesso em: 07 jun. 2023.

SAMPAIO, Rafael C.; SABBATINI, Marcelo; LIMONGI, Ricardo. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa**: um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2024. *E-book*. Disponível em: https://prpg.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/livro-diretrizes-ia-1.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

SCIELO. **GUIA para uso de ferramentas e recursos de Inteligência Artificial na comunicação de pesquisa no SciELO.** [2023]. Disponível em: https://25.scielo.org/wp-content/uploads/2023/09/2-Susan-Guide-to-the-Use-of-AI-tools-and-resources-20230914-EN.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

SPINAK, Ernesto. Inteligência Artificial e a comunicação da pesquisa [online]. **SciELO em Perspectiva**, São Paulo, 30 ago. 2023. Disponível em: https://blog.scielo.org/blog/2023/08/30/inteligencia-artificial-e-a-comunicacao-da-pesquisa/. Acesso em: 13 set. 2023.

SOBRE OS PALESTRANTES

Abel Laerte Packer é diretor do Programa Scientific Electronic Library Online (SciELO), vinculado à Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). É também Coordenador de Projetos da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (FapUNIFESP) e ex-Diretor da BIREME – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde. Possui graduação em Business Administration e é Mestre em Library Science pela University of Syracuse, NY.

Flavio Soares Correa da Silva é Professor Livre-Docente no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (USP), desde 2000. Ele possui graduação em Engenharia de Produção pela USP (1984), Mestrado em Engenharia de Transportes pela Escola Politécnica da USP (1989) e Doutorado em Inteligência Artificial pela University of Edinburgh (1992).

Bruno Caramelli é Professor Associado Nível III do Departamento de Cardiopneumologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). É diretor da Unidade Clínica de Medicina Interdisciplinar em Cardiologia do Instituto do Coração (UnMic) do Hospital das Clínicas da FMUSP e presidente do Departamento de Cardiologia Clínica da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Fellow of the European Society of Cardiology through the Scientific Excellence category. Foi editor-chefe da Revista da Associação Médica Brasileira de 2006 a 2013 e editor-associado da Revista Plos One. É divulgador de ciência, pesquisa e ativista no combate a *fake news* sobre ciência nas mídias sociais: com 665 Tweets e 3.815 seguidores. Atualmente, é bolsista de Produtividade de Pesquisa CNPq Nível 1C.

Wellington Dias de Queiroz é empresário na área de tecnologia e possui três empresas no portfólio. Atualmente, também atua como pesquisador no laboratório de BigData e Ciência de Dados da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), é bolsista TTV pela Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia (FDTE), desempenhando funções como pesquisador especialista em ciência de dados e engenheiro de *software*. Desde fevereiro de 2021, participa de grandes projetos e auxilia as aulas de graduação da disciplina de Ciências de Dados, no curso de Engenharia Elétrica da POLI-USP. Tem pós-doutoramento em *Data Science* na University of Tennessee (2015) e Livre-docência pela Universidade de São Paulo (2017).

SOBRE OS RESENHISTAS

Juliana Maria de Sousa Pinto é graduada em Fisioterapia pela Universidade de Fortaleza (Unifor), Mestre em Educação em Saúde pela Unifor e Doutora em Avanços e Pesquisa sobre Deficiência pela Universidade de Salamanca, Espanha. É docente do Curso de Fisioterapia da Unifor, coordenadora do Grupo de Estudo RespiraFisio (Curso de Fisioterapia), diretora do Conselho Superior de Editoração da Unifor, coordenadora Pedagógica do Curso de Pós-graduação em Fisioterapia em UTI Adulto. Atua também como membro do Conselho Fiscal da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e responsável técnica da Companhia do Médico. Possui experiência na área de Fisioterapia Cardiorrespiratória e Saúde Coletiva com ênfase em Reabilitação Pulmonar, DPOC e Educação em Saúde.

https://orcid.org/0000-0002-7918-1654
jumsp@unifor.br

Eli Lopes da Silva é Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação e Bacharel em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). É coordenador de Publicações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, professor do IFSC no Campus Caçador. Foi membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) no período de 2020-2024.

https://orcid.org/0000-0002-2950-8938
eli.lopes@ifsc.edu.br

Integração dos identificadores persistentes: gestão dos IDs

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.6

Heloisa Junqueira Fleury

Capacitar os participantes do *ABEC Meeting 2024* a entender a importância da criação, atualização dos identificadores digitais de autor (ORCID, Lattes ID, Scopus Author ID, ResearcherID e Google Scholar ID), suas aplicações específicas e como integrá-los eficazmente em sistemas de publicação foi o objetivo do *workshop* **Integração dos identificadores persistentes: gestão dos IDs**.

A palestrante **Ligiana Clemente do Carmo Damiano**[1] explorou a integração e a gestão de identificadores persistentes (IDs) no contexto das publicações científicas, apresentando estratégias práticas para assegurar a consistência e a interoperabilidade dos IDs, garantindo a integridade e a acessibilidade aos dados. Compartilhou, ainda, a experiência de apoio ao pesquisador nesta jornada, apresentando uma oportunidade estratégica e eficaz para gerenciamento dos diversos perfis.

A metodologia disponibiliza um roteiro desenvolvido pela equipe da Divisão de Biblioteca (DIBD) da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), segundo diretrizes da Agência de Bibliotecas e Coleções Especiais (ABCD). Em sua fala, apontou alguns itens críticos a serem observados no processo de atualização dos identificadores digitais.

A palestra se iniciou com a exibição de um vídeo sobre o tema e questões que identificaram as principais dificuldades sobre a prática da atualização dos IDs acadêmicos, destacando, ao final, o impacto promissor deste trabalho de apoio nas métricas dos pesquisadores brasileiros e das instituições para uma maior visibilidade nacional e internacional.

Neste cenário, a atuação profissional da palestrante apoia as práticas de consistência dos metadados, assessorando docentes e demais pesquisadores da ESALQ/USP na manutenção de seus IDs. Compartilha-se da premissa de que a Inteligência Artificial (IA) ainda não soluciona problemas relacionados aos IDs, sendo a intervenção humana indispensável para assegurar os dados fidedignos.

Para ilustração da função do ORCID, que transforma o nome do pesquisador em um número único, seu "CPF" na ciência que elimina ambiguidades causadas por erros de citação, variações de grafia ou mudanças de sobrenome, Ligiana sintetizou explicando que este perfil funciona como um currículo internacional, permitindo que pesquisadores sejam identificados

[1] DAMIANO, Ligiana Clemente do Carmo. **Integração dos identificadores persistentes:** gestão dos IDs. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [*Workshop*]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/ligiana_damiano.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

e conectados às suas contribuições em nível global, enquanto o Lattes atua apenas como um currículo em âmbito nacional. Sem um perfil ORCID atualizado, o pesquisador perde significativamente sua visibilidade internacional.

Desse modo, os principais identificadores persistentes apresentados foram:

a) **ORCID:** Open Researcher and Contributor ID;
b) **Researcher Profile:** perfil do pesquisador na base de dados Web of Science, da Clarivate;
c) **Scopus Author ID:** perfil do pesquisador na Scopus, base de dados de referências e resumos de artigos para jornais e periódicos acadêmicos, mantida pela Elsevier;
d) **Google Scholar ID:** perfil do pesquisador na plataforma Google Scholar (ou Google Acadêmico, em português);
e) **Lattes ID:** sistema nacional de currículos, grupos de pesquisa e instituições no Brasil.

A integração do ORCID aos demais IDs garante interoperabilidade e facilita a gestão dos dados. O ORCID opera como uma "página inicial" e conecta as plataformas, reduzindo erros de transposição. Ainda, além do ORCID individual, há também o institucional. A exemplo da USP, o ORCID Institucional reúne Instituições-membro no Brasil, com pesquisadores dessas organizações que devem vincular seus perfis pessoais ao ORCID Institucional por meio do *e-mail* institucional. Essa integração beneficia não apenas as métricas dos autores, mas também a visibilidade internacional da organização.

Apesar dos avanços, desafios técnicos ainda persistem, como a impossibilidade de migração automática de dados da plataforma Lattes para o ORCID devido às limitações tecnológicas.

Ligiana explicou que enquanto o Google Scholar permite exportações em formatos compatíveis (arquivos de texto), a Plataforma Lattes ainda não o permite e requer, manualmente, inserções de métricas de citações. Grande parte do processo retroativo de atualização é de publicações apenas no formato impresso; demonstrando a urgência em alcançar meios de melhorar esta integração via plataforma.

Erros na grafia de nomes de autores e instituições são muito comuns e afetam a recuperação completa das informações. Em relação aos nomes das instituições, a padronização recomendada consta da tabela do International Standard Name Identifier (ISNI). A correta grafia do nome da instituição é definida pela escrita por extenso, em letras maiúsculas e minúsculas e sem tradução, assegurando buscas precisas para coleta de dados mais consistentes.

Um roteiro com algumas dicas e estratégias para integração dos Identificadores Digitais de Autor foi brevemente apresentado, reforçando as principais etapas do processo.

Conexão ORCID X Lattes: o primeiro passo é inserir o ORCID no Lattes ID, acessando a aba "Identificação / Outros identificadores", confirmando o ORCID e conectando-o ao servidor. Em ORCID, inserir manualmente o *link* fixo do Lattes ID na seção "*Websites and Social Links*". Essa integração manual conecta o currículo nacional (Lattes) ao internacional (ORCID).

Outros *websites* pessoais – como LinkedIn, BV Fapesp, *sites* do departamento, do periódico, etc. – também podem ser adicionados em *Websites and Social Links*.

Durante a apresentação, Ligiana trouxe várias estratégias e recomendações para facilitar o processo de integração, explicando que o Lattes continua sendo uma referência do pesquisador, instituição e programas de pesquisa. Entretanto, as métricas das plataformas Scopus, Web of Science e Google Scholar devem estar corretamente atualizadas antes do processo de conexão ao ORCID.

Integração ORCID X Scopus Author ID: deve-se localizar todas as entradas do nome/sobrenome do autor, checar a filiação, conferir se todas as publicações são de fato do mesmo autor e proceder à unificação dos perfis. Antes da validação, é necessário resolver problemas de homônimos, por exemplo, validando a autoria das publicações.

Efetuar as buscas na base de dados Scopus/Authors e, após identificar todas as ocorrências, clicar em "*Request to merge authors*", solicitando acesso ao suporte, se necessário. Após consolidar o perfil Scopus Author ID, conectar o perfil ao ORCID.

A integração transfere automaticamente as publicações da Scopus para o ORCID, porém as próximas publicações indexadas em Scopus exigirão um comando para inserção em ORCID futuramente. Publicações avulsas ou "perfis órfãos" devem ser identificados e incluídos periodicamente ao perfil principal de Scopus Author ID, ou seja, conectar ao ORCID para sincronização automática, autorizando a troca de dados após o término do processo garante que todas as publicações do autor estejam unificadas em um único perfil naquela data, porém novas ocorrências de entradas devem ser monitoradas em Scopus.

Scopus Author ID é gerado automaticamente somente a partir da primeira publicação em uma revista indexada, não sendo possível criá-lo manualmente. Ou seja, o ideal é ter um *login* em Scopus vinculado ao *e-mail* institucional.

Integração ORCID X Researcher Profile: é preciso conectar-se à plataforma, efetuar as buscas na aba "*Researchers*", unificar os perfis (se duplicados, triplicados etc.), verificar todas as publicações, filiação, variações do nome/sobrenome do autor e solicitar correção ou unificação de perfis. Somente após a finalização desta consistência, deve-se habilitar a aba de integração com o ORCID (Em *Edit*), sincronizando a troca de metadados entre as plataformas automaticamente.

Atualização ORCID X Google Scholar ID: é necessário organizar o perfil no Google Scholar, corrigindo duplicações e erros e exportar os dados no formato BibTeX para importação no ORCID. Em relação às configurações do Google Scholar, Ligiana ressaltou sobre a importância de efetuar o bloqueio das atualizações automáticas.

A instrução é interromper a adição automática de publicações pelo Google para prevenir erros (homônimos, trabalhos irrelevantes etc.), editar as referências manualmente (títulos, volumes, autores etc.) antes da exportação, unificar publicações duplicadas e configurar as notificações para gerenciamento de novas adições.

O fluxo de trabalho inclui atualizar, corrigir e consolidar informações em arquivos BibTex, importar esses arquivos em lote para ORCID, evitando entradas manuais e, ao repetir o processo para novos dados, cuidar para não ocorrer duplicações de registros.

A palestrante ainda apresentou outras recomendações, descritas a seguir.

Conexão ORCID X Crossref e DataCite: ambas as plataformas automatizam a inclusão de publicações quando conectados ao ORCID. Ao atribuírem DOI às publicações cadastradas, elas são automaticamente inseridas ao perfil ORCID, sendo necessário conectar ORCID apenas uma única vez às bases, permitindo rastrear trabalhos não indexados em outras bases de dados, como Scopus e Web of Science, por exemplo.

Integração ORCID X Meu Gov: trata-se de uma orientação da CAPES, vincular quatro IDs (ORCID, Researcher Profile, Scopus Author ID e Lattes ID) ao sistema Meu Gov - CAPES MEUS DADOS. A interoperabilidade entre os sistemas está disponível, porém, antes de integrar os IDs ao CPF do autor, é necessário conferir as plataformas de origem e garantir que não haja perfis duplicados do mesmo ID.

Ligiana recomendou fortemente a consistência periódica dos metadados. Para tanto, orientou sobre o uso contínuo do mesmo nome/sobrenome em citações, evitando múltiplos perfis que tornam difusa a contagem das métricas. Sugeriu aos pesquisadores brasileiros o registro do perfil ORCID em inglês, facilitando a visibilidade internacional.

A integração total ou parcial entre as plataformas ORCID, Scopus, Web of Science, Lattes e Google Scholar é essencial para consolidar a produção intelectual e facilitar a gestão das métricas acadêmicas. Para pesquisadores iniciantes, ter pelo menos Lattes ID e Google Scholar ID atualizados é fundamental. A palestrante alertou, porém, que a plataforma Lattes não tem interoperabilidade com as demais plataformas.

Rotina recomendada: 1. Manter a atualização do currículo Lattes paralelamente às demais bases; 2. Manter perfis únicos e consistentes; 3. Criar um fluxo de trabalho para inserção retroativa e manutenção das plataformas logo após as novas publicações.

Em relação às publicações antigas que constam na plataforma Lattes, após importar as publicações automaticamente, sugeriu-se a conferência final das listas em Lattes X ORCID, identificando possíveis lacunas.

A inserção manual de dados em ORCID é recomendada em último caso, apenas se a referência não estiver disponível em alguma base de dados. Para estas exceções, como publicações impressas em décadas passadas, deve-se consultar catálogos de bibliotecas que permitem exportação dos dados para ORCID no formato compatível.

Os processos exigem atenção e diversas tarefas iniciais de organização, mas facilitam significativamente a gestão das métricas e a visibilidade acadêmica em longo prazo.

Para os periódicos e *publishers*, algumas sugestões de melhorias nas plataformas foram apontadas, como sincronizações mais assertivas, especialmente no caso de Scopus, Lattes e Google Acadêmico, cujos procedimentos de interligação ainda apresentam pontos críticos para os quais também recomenda-se estabelecer uma rotina de verificação dos perfis, evitando o retrabalho e a digitação manual das informações por parte do autor.

O *workshop* apresentou uma abordagem ampla e detalhada sobre a importância da integração dos diferentes identificadores persistentes (IDs) no contexto acadêmico, ressaltando a aplicação prática que garante consistência, visibilidade e interoperabilidade dos dados do autor.

A abordagem da palestrante baseou-se em sua experiência na USP e sensibilizou pesquisadores, bibliotecários e editores científicos quanto à adoção do ORCID, que se apresenta como o principal currículo internacional do pesquisador.

Finalmente, Ligiana enfatizou que a interoperabilidade entre as plataformas deve ser aprimorada, com sugestões de ajustes técnicos, especialmente em Lattes, Scopus e Google Scholar.

A análise crítica do tema revela avanços tecnológicos significativos, porém há lacunas estruturais e operacionais que ainda exigem esforços metódicos e coordenação cuidadosa das partes envolvidas. A dependência de atualizações manuais entre plataformas, como Lattes X ORCID, limita a eficiência do sistema e se apresenta com um grande desafio.

O foco na consistência dos perfis acadêmicos sublinha a relevância desses identificadores como ferramentas indispensáveis para gestão de métricas e fortalecimento da visibilidade acadêmica, tanto individual quanto institucional, principalmente no cenário internacional.

A principal mensagem do *workshop* foi a constatação de que as barreiras técnicas são óbvias, porém as perspectivas de maior interoperabilidade e comunicação demostram que, com um esforço de organização coletiva, a exemplo desta força-tarefa dos bibliotecários da Divisão de Biblioteca da ESALQ/USP de apoio à gestão dos dados acadêmicos, certamente facilita-se e amplia-se a projeção de pesquisadores, periódicos e instituições, com resultados promissores nas avaliações de âmbito nacional e em *rankings* internacionais.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

MEJIAS, Gabriela; GOULD, Maria; CARDOSO, Ana. **PIDs and Open Science**: building community in Latin America. *In*: PERSISTENT IDENTIFIERS (PIDS) AND OPEN SCIENCE IN LATIN AMERICA (#PIDsLATAM23), 18 abr. 2023, Buenos Aires, AR. ORCID, 9 maio 2023. Disponível em: https://tinyurl.com/yce64bxu. Acesso em: 20 jan. 2025.

DAMIANO, Ligiana Clemente do C. ORCID para autores e as Bibliotecas USP. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (SNBU), 22., Eixo 5: Ciência Aberta, 28 nov.–01 dez. 2023, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis, SC: ABEC, 2023 Disponível em: https://portal.febab.org.br/snbu2023/article/view/3047. Acesso em: 20 jan. 2025.

DAMIANO, Ligiana Clemente do C. Integração dos identificadores persistentes: gestão dos Ids. **YouTube,** Biblioteca ESALQ, 31 out. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9NSN696Vl98. Acesso em: 20 jan. 2025.

ORCID**. ORCID for research organizations**. [2025]. Disponível em: https://orcid.org/organizations/research-orgs. Acesso em: 20 jan. 2025.

SOBRE A PALESTRANTE

Ligiana Clemente do Carmo Damiano é bibliotecária de referência, com graduação em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Especialização em Gestão e Tecnologias da Qualidade pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Atua na divisão de biblioteca da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP), nas atividades de atendimento e capacitação para uso dos serviços de descoberta em informação científica, com ênfase em pesquisa avançada na *web*, estrutura de trabalhos acadêmicos e gerenciadores de citações e referências. Tem experiência em temas relacionados à gestão de bibliotecas universitárias, mapeamento dos processos de rotina, coordenação das bibliotecas setoriais do *campus* e desenvolvimento dos canais de comunicação e disseminação de serviços e produtos da divisão de biblioteca: *website*, redes sociais e eventos. Na área de Ciência da Informação, desenvolve atividades de *information literacy* por meio de treinamentos personalizados em bases de dados nacionais e internacionais de acesso aberto ou restrito, apoio ao pesquisador na detecção de similaridades ou plágio e integração dos identificadores digitais de autor. Colabora em disciplinas oferecidas na USP/ESALQ, a convite dos docentes responsáveis, oferecendo suporte a alunos de graduação, pós-graduação e demais pesquisadores.

SOBRE A RESENHISTA

Heloisa Junqueira Fleury é psicóloga clínica, Mestre pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Editora-chefe da Revista Brasileira de Psicodrama e da Springer Nature Series Psychodrama in Counselling, Coaching and Education. Para além disso, é tesoureira da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e presidente da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP).

https://orcid.org/0000-0001-5084-8390
hjfleury@gmail.com

Inteligência artificial e a responsabilidade na editoria científica

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.7

Sigmar de Mello Rode

Este painel teve como objetivo discutir as responsabilidades éticas e as práticas associadas ao uso de Inteligência Artificial (IA) na editoria científica. Os especialistas convidados abordaram os impactos da IA na tomada de decisões editoriais, os desafios éticos que emergem com a automação, e as melhores práticas para garantir que a IA seja utilizada de maneira responsável e transparente no processo editorial.

Ricardo Limongi França Coelho, em sua apresentação **IA sem maturidade: a ética é humana**[1] explorou o papel do pesquisador como responsável pela ética no uso da IA em processos editoriais. Embora a IA ofereça eficiência e automação, necessita de supervisão, sendo o pesquisador o responsável por garantir a responsabilidade, transparência e rigor, assegurando que a tecnologia seja uma aliada na tomada de decisões editoriais éticas.

Ricardo chamou a atenção para o fato de que os autores ainda estão muito mais concentrados efetivamente no impacto de suas pesquisas, do que na real possibilidade de contribuição para a sociedade. Para ilustrar melhor esse aspecto, o palestrante utilizou algumas palavras-chave em uma análise bibliométrica, identificando a frequência de uso desses termos e destacando algumas principais. Primeiramente, em relação à preocupação ética, ele questionou se este seria o momento ideal para, de fato, estabelecermos uma cultura de uso responsável da Inteligência Artificial na academia, apesar de alguns desafios. Em segundo lugar, Ricardo entende que tal discussão não deve ser proibida. De acordo com as principais editoras – principalmente internacionais e algumas nacionais, com periódicos de ponta –, a ênfase está na transparência do uso de IA nas produções acadêmicas. Ricardo ressaltou que, nas discussões presentes na literatura, além da transparência, há uma preocupação com o potencial do uso da IA em inspirar outros pesquisadores. Efetivamente, um periódico que não tem políticas editoriais claras sobre o tema, os autores podem ter receio de, ao explicitar o uso de IA, terem seus artigos rejeitados.

Outra dúvida abordada foi sobre qual ferramenta utilizar, o que na opinião do palestrante é um grande erro, pois a ferramenta é somente um processo. Tecnicamente, o autor deve se concentrar na real contribuição ao trabalho, ineditismo e na construção de um texto mais claro e relevante.

[1] COELHO, Ricardo Limongi França. **IA Sem Maturidade**: a ética é humana. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/ia_abec_2024.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

Para o editor, Ricardo afirmou que o foco central do periódico é a contribuição ao conhecimento, a IA é somente um processo que está em constante evolução. Muitos editoriais estão sendo escritos sobre a utilização responsável da IA na Ciência e fica claro que os autores querem uma diretriz de como e quando utilizar a IA, com orientações claras e simples. Para além disso, salienta-se a importância do papel das instituições de ensino e pesquisa na criação de uma cultura no processo.

Ricardo chamou a atenção para uma perspectiva binária, com pensamentos contrários (a favor e contra) ao uso de IA, bem como a falta de uma política clara, o que leva a uma grande dúvida por parte de alunos, docentes e editores. A IA é uma realidade e vai ser usada. A premissa é utilizar de forma correta, mantendo a idoneidade dos dados, sendo necessário uma discussão sobre qual será o impacto da IA em um mundo em evolução.

O AI Scientist foi um exemplo citado pelo palestrante, um algoritmo que permite que se faça toda a pesquisa em IA, com o custo de 15 dólares americanos, e que está vinculado à base científica chamada Semantic Scholar. O autor fez um *briefing* sobre a pesquisa sobre como a plataforma faz uma busca na literatura em pouco mais de 280 milhões de trabalhos científicos a partir de lacunas no assunto. Após a definição da pergunta, buscam-se as informações na literatura, estabelecendo a metodologia, os resultados para posteriores discussões.

Ricardo afirmou sobre a necessidade de um tutor que estabeleça limites no uso da IA, já que ela não tem maturidade nenhuma. Segundo ele "O problema não é a IA. Existe tecnologia para fazer ciência, só que será que eu, enquanto pesquisador, vou fazer ciência dessa forma?". A mesma lógica ocorre no processo de editoria.

Ricardo contou a história do professor Richard Taylor, economista da Universidade de Chicago e vencedor do Prêmio Nobel, que, apesar de seu reconhecimento, inicialmente não conseguiu publicar o artigo na Science. Diante disso, optou por apresentar sua teoria chamada de contabilidade mental nas redes sociais e em conferências. Resumindo, sua proposta tratava de como as pessoas usam artifícios mentais para justificar decisões. Após muita discussão e divulgação, o artigo acabou sendo publicado.

Ricardo questionou: "será que efetivamente a máquina treinada conseguiria aprovar um artigo como esse, uma vez que a IA aprende por repetição? E, como editores, ou até mesmo os avaliadores, podem dar liberdade efetivamente para a máquina? Efetivamente, se nós não nos posicionarmos na publicação científica, daqui a pouco eu dou um passo atrás e deixo a IA criar e avaliar trabalho científico". Desse modo, o grande problema não é IA, mas quem a criou. Trata-se de uma limitação, pois na editoria científica é permitido melhorar o texto, mas não criar. A criação é humana, sem prescindir da IA.

Ricardo ressaltou que: "se eu quero criar uma cultura para operacionalizar o uso de IA na academia, eu tenho que fazer o letramento em IA. E, obviamente, eu estou envolvendo editores, avaliadores e autores ao longo de todo o processo".

Rafael Dias de Araújo, em sua apresentação **Panorama de políticas editoriais quanto ao uso da Inteligência Artificial por autores e editores**[2], reforçou que a IA, apesar de não ser um campo novo da computação, tem experimentado significativa popularização nos últimos anos, especialmente a partir de 2020 com o avanço do Processamento de Linguagem Natural (PLN), conhecido como LLM.

Rafael colocou que a IA engloba diversas subáreas, sendo o LLM uma das mais debatidas. Fundamentalmente, distinguem-se duas linhas principais: predição e geração. A área de geração tem suscitado amplos questionamentos, embora a predição também apresente seus próprios desafios e benefícios. O objetivo desta breve introdução é contextualizar a interseção dessas subáreas, focando no ponto específico que discutiremos.

No âmbito da pesquisa científica, tanto para autores quanto para editores, observa-se uma crescente utilização de ferramentas autodenominadas "IA" nos últimos quatro anos. Apesar da imprecisão da frase "vou criar uma IA", diversas ferramentas têm se popularizado. Além do conhecido ChatGPT, existem outras que auxiliam na ciência, como as voltadas para mapas mentais, sumarização e organização de referências.

Rafael apresentou seis eixos principais nos quais a IA pode contribuir para a ciência: *brainstorming* e planejamento científico; desenvolvimento e estruturação de conteúdo (incluindo a revisão linguística); revisão sistemática; análise e sumarização de dados; edição e apresentação editorial; publicação e comunicação; e considerações éticas. As ferramentas mencionadas anteriormente se enquadram em um ou mais desses eixos.

Contudo, um problema central nas discussões reside na base de conhecimento desses algoritmos, construídos por humanos. Assim, vieses ou estereótipos presentes nos dados de treinamento podem se manifestar nas respostas da IA. Em relação à criatividade, as ferramentas atuais baseiam-se no reconhecimento de padrões, replicando o aprendizado de dados preexistentes. O pensamento crítico, essencial na ciência, envolve análise e avaliação, uma capacidade que, na opinião de Rafael, a IA ainda não possui plenamente.

Segundo Rafael, a explicabilidade representa outro questionamento crucial. A natureza de "caixa preta" de muitos modelos de IA dificulta a compreensão da origem de suas respostas, gerando desconfiança. Por fim, a integridade é afetada pela ocorrência de alucinações e disseminação de f*ake news*. Como exemplo, o palestrante citou um experimento simples que demonstra essa limitação: ao questionar sobre eventos envolvendo uma empresa fictícia, a IA tende a gerar informações coerentes, porém inventadas. Isso ocorre porque sua operação se baseia em probabilidade e estatística dentro de sua base de conhecimento.

Rafael, em uma análise não exaustiva dos *sites* de grandes editoras e da Sociedade Brasileira de Computação, observou as políticas relacionadas ao uso de IA em seus periódicos.

[2] ARAÚJO, Rafael Dias de. **Panorama de políticas editoriais quanto ao uso da Inteligência Artificial por autores e editores**. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/rafael_araujo.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

É importante notar que nem sempre as políticas das editoras são implementadas de forma consistente pelos periódicos. Desse modo, identificam-se três eixos principais de consideração: autoria, geração de conteúdo multimídia e uso por editores e avaliadores.

No que concerne à autoria, há um consenso emergente de que a IA não pode ser coautora de artigos, dada a ausência de responsabilidade da máquina pelo conteúdo. Assim, compreende-se que o uso de IA é aceitável para aprimorar a edição textual, especialmente em idiomas não nativos, mas o conteúdo científico permanece sob a responsabilidade dos autores.

A geração de conteúdo multimídia ainda é um tema controverso, possivelmente devido a questões legais. Muitas editoras não permitem explicitamente o uso de imagens e vídeos gerados por IA, enquanto outras permitem sob diretrizes de uso responsável e ético, geralmente vinculando a geração à representação de dados específicos.

Para editores e avaliadores, existem diversas possibilidades de uso da IA, embora nem sempre explicitadas. Tarefas administrativas e editoriais podem se beneficiar da IA, mas sua utilização para análise automática e decisão editorial é geralmente vedada. Questões de direitos autorais também emergem ao considerar o uso de PDFs de artigos em ferramentas de IA para auxiliar na avaliação, levantando preocupações sobre o uso desses dados para treinamento dos modelos.

Rafael questionou que, em inúmeras vezes, enviou artigos para um periódico internacional e recebeu questionamentos como: "É necessário fazer um *proper reading*?" e "O idioma precisa ser revisado por um *native speaker*?". Ele ressaltou que, em revisões sistemáticas – que são complexas devido ao grande número de artigos e dados a serem analisados – a IA pode auxiliar, desde que devidamente treinada para essa função.

Rafael afirmou que, em consonância com o debate anterior, a transparência emerge como um ponto crucial. É fundamental que as políticas sobre o uso de IA sejam claras e acessíveis a todos os envolvidos no processo de publicação científica, promovendo segurança e entendimento.

Em conclusão, Rafael reconheceu o grande potencial da IA no contexto científico e editorial: "Em nossa revista, com um volume crescente de submissões, a IA poderia auxiliar em tarefas como a triagem inicial (*desk reject*), pré-revisão editorial (escopo), análise de dados (gestão e tomada de decisão), aprimoramento do *feedback* dos avaliadores, gerenciamento de metadados e detecção de plágio". Embora esta lista não seja exaustiva, ilustra as diversas oportunidades de aplicação da IA.

Amanda Bullio Monteiro, em sua palestra **Publicando com confiança e integridade na era da IA**[3], apresentou ferramentas práticas que podem nos auxiliar neste período de adaptação à integração da IA no processo editorial.

[3] MONTEIRO, Amanda Bullio. **Publicando com confiança e integridade na era da IA**. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/ithenticate.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

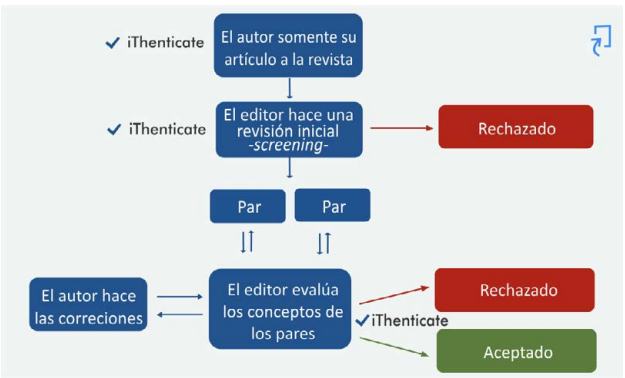
A ferramenta que Amanda trouxe foi o iThenticate. Para os associados ao Crossref, como a ABEC Brasil, é possível utilizar o iThenticate com ótimas vantagens. Os membros com prefixo da ABEC têm direito a 100 verificações gratuitas por ano, sendo que o volume que ultrapassar essa quantidade é cobrado com taxas reduzidas. Trata-se de uma grande vantagem para a detecção de conteúdo gerado por IA.

No entanto, Amanda ressaltou que o foco principal é discutir como publicar com confiança e segurança no século XXI, em meio à crescente influência da IA. Um ponto crucial, em consonância com o que já foi abordado, é o fato de que autores, editores, avaliadores e, também, professores e orientadores permanecerem no centro da produção científica, independentemente do avanço das IAs e de ferramentas como o ChatGPT. Sua capacidade criativa, pensamento crítico e conhecimento científico são insubstituíveis, agregando valor à ciência de maneiras que uma IA generativa, com o potencial destrutivo – como os que vimos em filmes de ficção – jamais alcançaria.

Amanda citou que, ao avaliar as ferramentas ao nosso dispor, devemos também estar atentos àquelas que podem mais atrapalhar do que ajudar. A preocupação não deve ser qual ferramenta utilizar, mas sim a validade e a relevância da nossa produção científica para o avanço do conhecimento. Nesse contexto, o iThenticate, a LearnBase e a Editage têm como foco principal oferecer a segurança e a confiança necessárias para publicações com integridade acadêmica nas editoras, periódicos e instituições educacionais durante todo o processo de produção científica e editorial.

Amanda apresentou ainda um esquema ilustrativo sobre o iThenticate, conhecido por muitos através do Crossref como Similarity Check. Essa ferramenta atua desde a escolha do tema da pesquisa pelo autor até a publicação do artigo. O autor submete o artigo ao periódico e pode utilizar o iThenticate para verificar o índice de similaridade. Aqui, é fundamental ressaltar: não falamos em plágio quando nos referimos a essas ferramentas. Elas são, na realidade, ferramentas de detecção de similaridade.

Figura 1 – Esquema de utilização do iThenticate



Fonte: Turnitin LLC (©2021).

Segundo Amanda, essa distinção é crucial. O plágio só pode ser determinado por um ser humano, por uma comissão de integridade acadêmica, por um editor-chefe ou por uma instituição científica. As ferramentas atuais detectam apenas a similaridade entre textos. Portanto, o autor, durante o processo de escrita, pode utilizar o iThenticate para identificar possíveis similaridades em seu trabalho, verificar a correção de citações e referências e, inclusive, detectar se a ferramenta identifica trechos gerados por IA.

O editor, ao receber o artigo, realiza uma primeira revisão utilizando o iThenticate. Ele pode analisar o índice de similaridade para decidir se rejeita o artigo ou o encaminha para a revisão por pares, passando posteriormente para o editor final que tomará a decisão de aceitação ou rejeição para publicação.

Para Amanda, um diferencial significativo de ferramentas – como o iThenticate – é a extensão de sua base de dados. As similaridades são confrontadas não apenas com o conteúdo atual da *internet*, mas também com páginas arquivadas – sabemos que nada é realmente deletado da *internet* – e com páginas de acesso menos facilitado. Estamos falando de cerca de 50 milhões de páginas da *internet* atuais e arquivadas, além de mais de 40 bilhões de páginas consideradas inativas, e trabalhos de alunos de diversas instituições que utilizam a ferramenta. Isso significa que, se pesquisadores em Oxford ou Harvard estiverem produzindo um artigo sobre o mesmo tema que vocês, e esse artigo ainda não tiver sido publicado, mas estiver indexado na base de dados do iThenticate (respeitando a proteção de dados), vocês poderão identificar essa produção em andamento. Essa capacidade de identificar similaridades praticamente em tempo real facilita enormemente o processo de escrita e o processo editorial.

Amanda citou que, atualmente, 95% dos 10 mil periódicos acadêmicos mais citados priorizam a publicação de conteúdo original, e 95% desses já integram a base de dados do iThenticate, sendo periódicos virtuais on-line. Além disso, muitas instituições utilizam a ferramenta internamente, integrando todo o conteúdo publicado em seus periódicos à base de dados. Diariamente, cerca de 20 milhões de páginas da *internet* são adicionadas à base de dados do Turnitin auxiliando na identificação de similaridades com o que vocês estão escrevendo.

Amanda, ao apresentar o detector de IA do iThenticate, informou que atualmente funciona para inglês e espanhol, idiomas com crescente volume de conteúdo desde 2015. O espanhol já ultrapassou o chinês em número de publicações, ficando em segundo lugar, enquanto o português se encontra em uma posição inferior. Segundo a palestrante: “a implementação do detector de IA para o português pode levar algum tempo, mas aproveito para ensinar vocês a detectar conteúdo gerado por IA sem essa ferramenta específica”.

Amanda explicou que ao analisar um trabalho na plataforma, surgirá uma porcentagem de similaridade geral. É crucial entender que esse índice não é um número absoluto. A interpretação é fundamental, pois citações diretas, por exemplo, apresentarão 100% de similaridade, o que não configura um problema de integridade se adequadamente citadas e

referenciadas. A ferramenta também indica a origem da similaridade: *internet*, periódicos, jornais, trabalhos de alunos etc., otimizando a análise inicial do artigo.

Amanda mostrou que, além do índice de similaridade, o iThenticate oferece o detector de IA. Um texto gerado 100% por IA através do ChatGPT apresentou essa detecção completa. O detector foi recentemente atualizado e é capaz de identificar tanto a escrita direta por IA quanto a paráfrase realizada por ela. Ao avaliar essa detecção em um contexto científico e acadêmico, é importante lembrar que ela só é determinante se editores e avaliadores, assim o julgarem. As ferramentas não determinarão a rejeição automática de um trabalho. O detector de IA possui uma acurácia de 98% e foi programado para errar para menos, tornando falsos positivos extremamente raros. Em caso de dúvida sobre a origem de um trecho, a ferramenta não o classificará como gerado por IA.

Amanda salientou que a decisão final sobre a publicação de um trabalho com determinada porcentagem de detecção de IA (por exemplo, 20% ou 15%) é sempre de editores e avaliadores. Não se deve deixar que a ferramenta substitua o trabalho humano de análise crítica. As ferramentas existem para auxiliar, não para substituir.

É importante ressaltar, com base na experiência de Amanda, e em treinamentos sobre as ferramentas da Turnitin, que o ChatGPT e outras IAs podem inventar bibliografias falsas. Portanto, é necessário ter cautela ao excluir a bibliografia diretamente, bem como uma avaliação consistente sobre sua veracidade. Isso porque o iThenticate também oferece opções para filtrar a comparação e excluir seções do trabalho, como a bibliografia e textos citados, para refinar a análise do índice de similaridade.

Ao concluir, Amanda colocou que, assim como aprendemos a utilizar *smartphones*, calculadoras e *notebooks*, sem abandonar ferramentas anteriores, devemos aprender a utilizar as IAs e seus detectores a nosso favor, sempre com cautela e priorizando a ética editorial em todo o processo.

Depois da brilhante exposição dos painelistas, compreende-se que a busca por velocidade na pesquisa científica reflete, em grande parte, uma questão de maturidade em relação às novas tecnologias. Contudo, é crucial reconhecer que a ciência não se desenvolve no ritmo do tempo cronológico, mas sim em um fluxo contínuo de investigação e descoberta.

Embora a IA possa, teoricamente, acelerar etapas do processo de pesquisa, uma preocupação latente reside na possibilidade de que sua utilização seja motivada apenas pela busca de ganho de tempo. A ciência demanda imersão, reflexão e um ritmo próprio para que as ideias amadureçam e se consolidem.

A não incorporação estratégica da IA, em algumas etapas do processo, pode levar a uma defasagem temporal, onde uma pesquisa, que poderia ser concluída em seis meses, estenda-se por muito tempo. Essa lentidão pode impactar a competitividade internacional, expondo os pesquisadores ao risco de que outros já tenham explorado temas similares, dificultando a obtenção de reconhecimento e de oportunidades de destaque.

Ainda existe uma tênue linha que separa o certo do errado, o recomendado do não recomendado no uso da IA na pesquisa. As premissas que norteiam essa discussão não são absolutas, mas sim dependentes da realidade específica de cada contexto editorial e institucional, com diversas variáveis a serem consideradas.

O fluxo de trabalho, a origem dos artigos submetidos aos periódicos e a própria natureza humana dos envolvidos no processo de avaliação editorial são fatores que introduzem variabilidade e complexidade. É fundamental lembrar que, diante do avanço tecnológico e das mudanças culturais e globais em tempo real, a adaptabilidade se torna essencial. Uma abordagem pragmática e rigidamente definida não se alinha mais com a dinâmica do conhecimento.

Assim, essa linha tênue persistirá por algum tempo, influenciada pelas culturas, princípios e valores individuais. No entanto, a discussão aberta e contínua é imprescindível, e se deve preservar a subjetividade e o olhar crítico humano.

A cultura da integridade, portanto, é uma responsabilidade compartilhada por toda a comunidade científica, desde estudantes até editores, que se encontram na etapa final do processo. Embora existam problemas éticos tradicionais como fabricação, falsificação e plágio, a rápida emergência de novos desafios impulsionados pela IA torna espaços de debate e atualização, como este proporcionado nesse painel, cruciais para evoluirmos e respondermos da melhor forma possível a essas questões.

REFERÊNCIAS

TURNITIN LLC. **Advance learning with an AI writing detection solution built for educators**. ©2021 Disponível em: https://www.turnitin.com/. Acesso em: 08 jun. 2025.

SOBRE OS PALESTRANTES

Ricardo Limongi França Coelho é Doutor em Administração na linha de Estratégias de *Marketing* pela Fundação Getulio Vargas (FGV/SP), com estágio doutoral na Cornell University. É pós-doutor em Economia Comportamental aplicada ao *Marketing* pela Universidade de Brasília (UnB) e em *Machine Learning* aplicado ao *Marketing* pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também é Professor Adjunto na Universidade Federal de Goiás (UFG), Professor Visitante na Universidade Santiago do Chile (USACH) e na Mona University (UWIMONANA), na Jamaica. É Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Administração na UFG e Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É editor-associado na Revista de Administração Mackenzie - RAM, PLOS One e Pretexto.

Rafael Dias Araújo é Professor Adjunto na Faculdade de Computação (FACOM) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atual diretor substituto da FACOM e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação (PPGCO/UFU). É Bacharel, Mestre e Doutor pela mesma instituição. Atualmente, é editor-chefe da Revista Brasileira de Informática na Educação (RBIE, 2022-2024). É membro do Comitê Gestor da Comissão Especial da Informática na Educação (CEIE) e foi membro do Comitê Gestor da Comissão Especial de Sistemas de Informação (CESI) da Sociedade Brasileira de Computação (SBC). Integra o Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (BASis) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) e coordena projetos junto ao Ministério da Educação (MEC) e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) por meio do Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais (NEES/UFAL).

Amanda Bullio Monteiro é Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-graduanda em Educação Moderna pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), atua como Desenvolvedora Sênior de Soluções para o Cliente na Learnbase, com especialização em Ferramentas de Detecção de Plágio e Integridade Acadêmica, além de ser Consultora de Treinamentos e Desenvolvimento de Habilidades.

SOBRE O RESENHISTA

Sigmar de Mello Rode possui graduação em Odontologia pela Universidade de São Paulo (USP), é Mestre em Clínicas Odontológicas (Prótese Completa) e Doutor em Odontologia (Dentística), ambos pela USP. É Livre-Docente em Dentística pela Faculdade de Odontologia da USP e Titular pela Faculdade de Odontologia de São Jose dos Campos da Universidade "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Exerce a função de ex-presidente da Região Latino-Americana da International Association for Dental Research (IADR) e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO) e foi presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) gestões: 2012-2013, 2014-2015, 2020-2021 e 2022-2023. Foi editor científico da Brazilian Oral Research e é editor de área da CLINICS e da Acta Cirúrgica Brasileira. Coordena o Escritório de Ética do SciELO.

https://orcid.org/0000-0002-4261-4217
sigmar.rode@unesp.br

Desempenho do periódico: indicadores de impacto

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.8

Natalino Perovano Filho

Desde o início dos processos de editoria científica, um dos principais questionamentos esteve e está relacionado acerca do desempenho do periódico: a busca por formas de verificação sobre como o periódico está sendo visto, lido e acessado. Tal questionamento tem suscitado diferentes modelos e métodos de análise a fim de obter os dados de forma mais precisa e fidedigna.

Diante desses dados obtidos, a equipe editorial de um periódico pode determinar se há necessidade de alteração ou ajuste de foco, de temáticas abordadas, da própria política editorial do periódico ou, ainda, sobre as necessidades de indexação do periódico em indexadores que possam contribuir para o desenvolvimento dele, e, por conseguinte, ampliar o desempenho dentro de suas respectivas áreas.

A análise do desempenho tem se tornado cada vez mais necessária em virtude da ampliação de metodologias e de parâmetros de análise dos periódicos existentes no mundo. No Brasil, a análise de desempenho dos periódicos tem sido utilizada para a delimitação de políticas de fomento aos processos editoriais, por meio de agências de fomento, como os editais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além da classificação Qualis periódico. Essa análise consolidou-se como uma ferramenta importante nas avaliações dos programas de pós-graduação, ganhando relevância nesse processo de avaliação, posto que extrapolou outros processos de avaliação acadêmica como, por exemplo, bolsas e promoções na carreira.

Sob a coordenação de Juliana Bonomi Santos, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getulio Vargas (FGV), as painelistas Deborah Dias (da Clarivate), Roberta Cerqueira (da Fiocruz) e Germana Barata (da Universidade Estadual de Campinas e ABEC Brasil) focaram suas discussões sobre como os indicadores de impacto nos processos de análise de desempenho dos periódicos podem contribuir estrategicamente na melhoraria da visibilidade e da relevância dos periódicos. Além disso, o painel analisou como as equipes editoriais podem integrar diferentes métricas para uma avaliação mais abrangente e eficaz do desempenho editorial.

No início de sua fala **Journal citations reports TM: muito além do Fator de Impacto[1], Deborah Dias** apresentou uma questão importante a se pensar nos processos de análise de

[1] DIAS, Deborah. **Journal Citations Reports™**: muito além do Fator de Impacto. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/deborah_dias.pdf. Acesso em: 05 jan. 2025.

desempenho ou de impactos: “Com mais de 48.000 periódicos acadêmicos/científicos que são publicados globalmente, torna-se cada vez mais desafiador o processo de avaliar essas publicações”.

Além disso, a referida painelista ressaltou, para além dessa complexidade já existente, que há um aumento das práticas questionáveis nos processos de publicação e, também, do mal uso da bibliometria, que está criando comportamentos fraudulentos nas publicações científicas. Assim, torna-se necessário o desenvolvimento ou a delimitação de parâmetros ou indicadores de análise de desempenho e de impacto dos periódicos.

Sobre as práticas questionáveis e os comportamentos fraudulentos, a painelista apresentou alguns itens de destaque, tais como:

a) *Salami-slicing:* dividir os dados de um único trabalho para gerar múltiplos artigos;
b) Autocitação inapropriada: adicionar citações indevidas com o objetivo de inflar contagens de citações;
c) *Citation rings*: combinar citações indevidas entre duas ou mais entidades (autores, periódicos etc.);
d) *Citação coercitiva*: pressionar autores para que adicionem citações indevidas;
e) *Paper mills*: produzir e autofabricar manuscritos (fornecendo *peer reviews fakes*);
f) *Predatory publishers*: solicitar manuscritos e cobrar taxas para publicação sem critérios ou *peer reviews*;
g) *Hijacked journals*: copiar título, ISSN e demais características de um periódico legítimo para criar outro fraudulento;
h) *Autor marketplace*: unir interessados que queiram pagar para constar como coautores com aqueles que querem vender coautoria;
i) *Citation marketplaces*: unir aqueles que querem cobrar para fazer citações com aqueles que querem pagar para serem citados.

Diante dessa informação e da indicação da necessidade de indicadores de desempenho, Deborah iniciou uma apresentação sobre o Journal Citation Reports (JCR), trazendo uma questão importante que está relacionada à confusão entre ele e o Fator de Impacto (FI), em que se pensa que o JCR e o FI significam a mesma coisa.

Sobre o JCR, Deborah indicou que se trata de uma base na qual os periódicos são analisados a partir de diversos índices, onde o FI é um deles. A metodologia do JCR foi apresentada na sequência, com uma explanação de outros dois indicadores que são utilizados para o JCR, a saber, o Journal Citation Indicator (JCI) e o Journal Impact Factor (JIF). Também foi reforçado pela painelista que o FI passou a utilizar apenas uma casa decimal, por isso, muitos periódicos acabam por ficarem “iguais” neste indicador, sendo necessária a utilização de outros indicadores para poder diferenciá-los.

Sobre esses outros índices, Deborah apresentou, com demonstrações gráficas, a utilização de alguns desses indicadores que também estão vinculado ao JCR, tais como o índice

de análise da contribuição individual dos artigos publicados, o *citation distribution* (que analisa a média de citações por tipo de documento e quantos não recebem), a análise dos índices de *open access* e a sua visibilidade (por meio das citações), os índices que estão relacionados à análise da vida média das citações recebidas e das que foram feitas (*cited* e *citing half-life*), à análise da interrelação entre os periódicos pelo Journal Citation Relationships, o nível de endogenia e internacionalização (pela análise das contribuições por organizações e por país/região), tal como ao uso do Imediacy Index (que analisa o quão rápido as publicações recebem citações no ano de publicação).

Após isso, Deborah indicou que para um periódico figurar e ter o índice no JCR será necessário cumprir os critérios e ser aprovado para indexação na Web of Science. Além disso, esses critérios devem ser mantidos para que seja continuada sua presença na base dos periódicos deste indexador e que seja mantido ou obtido um novo índice no JCR anualmente.

Deborah ainda pontuou que as análises realizadas, no conjunto ou em cada um dos índices apresentados, devem ser contextualizadas e comparativas, tendo em vista que a análise efetiva do desempenho do periódico dependerá da área e do conjunto de periódicos no qual a análise será realizada. Porém, quanto maior for o número de indicadores melhor será a análise, trazendo uma abordagem do tipo 360 graus, o que gera uma análise mais assertiva.

Iniciando sua fala **Entre artigos e curtidas: a experiência da Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos nas redes sociais**[2], **Roberta Cardoso Cerqueira** fez uma homenagem à Charles Pessanha como um dos grandes incentivadores da Manguinhos e que faleceu no ano de 2023.

Na sequência, a painelista apresentou um breve relato do processo de desenvolvimento da Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, desde sua criação, em 1994, até os dias atuais. Roberta salientou que, ao longo desses 30 anos de existência, a Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos mudou bastante, como também ocorreu com os processos de comunicação científica.

Roberta destacou que o processo de divulgação via redes sociais foi iniciado em 2013, com recursos do edital da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). A partir da aprovação do fomento, Roberta informou que foi iniciado o planejamento de como se daria o processo de "entrada" do periódico nas redes sociais, tendo em vista que a equipe editorial não tinha conhecimento sobre o processo. Assim, após essa etapa, iniciou-se a criação, no primeiro momento, de um *blog*, que teve e tem como foco concentrar os conteúdos do periódico. Posteriormente, foram criados os perfis no Facebook e no X (antigo Twitter).

[2] CERQUEIRA, Roberta Cardoso. **Entre artigos e curtidas**: a experiência da Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos nas redes sociais. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/roberta_cardoso_cerqueira.pdf. Acesso em: 05 jan. 2025.

A painelista indicou que essa metodologia de divulgação atualmente tem sido considerada como um processo de divulgação *vintage*. Além disso, foi ressaltado que naquela época o processo de um periódico de História, de Ciências e da Saúde, buscando entrar em redes sociais, recebeu críticas. Porém, Roberta destacou que, ao longo desses 11 anos do processo de divulgação via redes sociais, ocorreu um impacto, não somente com relação aos resultados para o periódico, mas, principalmente na sua política editorial.

Roberta destacou que, com as mudanças de mídias e das redes sociais, considerou-se a escolha pela existência de um *blog* próprio como algo acertado, visto que garantiu engajamento, algo considerado como orgânico para alguns temas. Com isso, o periódico passou a depender menos das redes sociais, principalmente neste momento em que os algoritmos estão diferentes. Porém, foi indicado que em breve poderá ser visto perfis do periódico no Instagram e na Wikipedia.

A painelista apresentou um gráfico sobre os acessos que um artigo tinha um mês antes do início do processo de divulgação via redes sociais, bem como o quantitativo de acessos no mês seguinte, demonstrando um aumento na circulação.

Roberta ainda trouxe em sua fala a demonstração de alguns artigos de destaque no Altimetric Attention Score, indicando os pontos de informação sobre o desempenho desses artigos frente a diferentes indicadores de impacto que estão disponíveis no Dimensions.

Porém, após apresentar essas informações, que ilustram os dados de altmetria pautadas na busca de alguns termos, Roberta pontuou que essas análises trazem detalhes do acompanhamento, dos artigos ou mesmo do periódico como um todo, seja em relação ao acesso, como também relativo à circulação.

A painelista ainda apresentou uma experiência sobre o uso do *blog*, na qual alguns historiadores da Ciência e da Saúde, de vários estados do Brasil e de outras regiões do mundo, foram convidados para enviarem um ensaio curto, contando como sua cidade, estado ou região estava enfrentando a COVID-19. Essa ação acabou sendo uma experiência para a história do tempo presente e serviu para a abertura de um campo de discussão dentro da história.

Para finalizar sua participação, Roberta apresentou algumas considerações sobre como tem sido pensado o processo de avaliação dos periódicos científicos de História pela Associação Nacional de História (ANPUH). Nela, Roberta trouxe as discussões realizadas pelo Fórum de Editores Científicos de História e indicou como um dos pontos de valorização, a necessidade de os periódicos fazerem a sua própria divulgação, assim como dos artigos publicados por eles como uma forma de prestação de contas do uso do dinheiro público utilizado e da ciência que se faz no país.

Além disso, um dos critérios está relacionado à indexação desses periódicos. Com isso, foi definido um conjunto de indexadores relevantes para a área. Paralelamente, o Fórum avaliou que o processo de avaliação de um periódico deve valorizar os projetos editoriais, bem como deve buscar a valorização de outros formatos de publicação, tais como resenhas, debates e entrevistas.

Nesta terceira parte do painel, **Germana Barata** iniciou sua apresentação, **Altmetria e indicadores de atenção social para revistas científicas**[3], destacando pontos sobre as considerações para uma Ciência Aberta para todos, ressaltando que o acesso aberto não é a única ferramenta utilizada para este objetivo. Para além disso, ela afirmou que há outras ferramentas que podem ser utilizadas como, por exemplo, a infraestrutura, além de outras vozes que podem ser agregadas ao processo, novas formas de conhecimento e de divulgação científica. Nesse ponto, foi destacado que a divulgação científica não é mais o que era no passado, "um *marketing* científico", e que passou a ser uma missão acadêmica de democratizar o conhecimento.

A painelista salientou que a nova avaliação quadrienal (2025–2028) apresenta o foco da avaliação das produções científicas diretamente vinculado aos artigos, e não mais exclusivamente com base nos periódicos publicados. Neste novo processo, foram apresentados os indicadores bibliométricos diretos – como citações, altmetria –, além de critérios qualitativos tanto dos periódicos quanto dos próprios artigos, como sua pertinência e o avanço conceitual que representam.

Um dos procedimentos que utilizam dessa modalidade de análise é a altmetria. Assim, foram apresentados alguns provedores de altmetria, os vínculos de busca de cada provedor ou fontes de informação para a coleta dos dados altmétricos e suas limitações principais. Um provedor de altmetria de destaque, tendo em vista a sua precisão, tem sido o altmetric.com.

Após apresentar um panorama das redes sociais mais utilizadas no Brasil, Germana exibiu uma visualização das áreas do conhecimento e sua relação com as redes sociais, assim foi indicado que as Ciências Naturais se destacaram na maioria das redes sociais, exceto nos documentos de políticas públicas. A Física foi apontada como área de destaque em *blogs* e notícias, mas Imuno e Psiquiatria apareceram mais em documentos de políticas públicas e na Wikipedia. Ainda, salienta-se que a área de Economia performa bem em documentos de política pública.

Sobre documentos de políticas públicas, Germana trouxe dois *slides*: sobre Altmetrics e Overton. Em relação ao primeiro provedor, os documentos de políticas públicas estão basicamente em inglês e são oriundos de organismos internacionais, já no segundo há 224.857 documentos do Brasil.

Visando à melhoria do desempenho dos periódicos, a painelista indicou a atuação de agências de notícia sobre Ciências, como forma de ampliar a disseminação e o acesso aos artigos publicados. O conteúdo chega ao público geral, e, conforme algumas evidências, esse tipo de material das agências tem grande influência sobre o quanto e como a Ciência tem sido distribuída.

Finalizando sua fala, Germana apresentou algumas recomendações sobre a temática, sendo elas: o uso de múltiplas métricas, alimentar bancos e coleções com *blogs*, veículos

[3] BARATA, Germana. **Altmetria e indicadores de atenção social para revistas científicas**. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/germana_barata.pdf. Acesso em: 05 jan. 2025.

jornalísticos e políticas públicas que sejam relevantes para as áreas do conhecimento, a inclusão de indicadores relevantes nas redes sociais que sejam mais eficazes e a ampliação da divulgação de artigos de interesse público e acadêmico, via agências de notícias, instituições e sociedades científicas.

Muito tem sido falado sobre como definir um periódico científico de qualidade, porém há um leque de questões que compreendem o termo "qualidade" quando se analisa um periódico. Muitos relacionam com o número de citações, o bendito ou temido índice H, dependendo de como o periódico performa nele, dentre outras indicações.

Como foi apresentado no painel, em diferentes momentos, não basta um único indicador para definir o desempenho de um periódico, é necessário o uso de um conjunto de indicadores gerando índices que possibilitem a análise comparativa e contextualizada, como afirmado por Deborah.

Além dos indicadores, há o uso de ferramentas que podem auxiliar no aumento dos índices desses indicadores, como por exemplo a indexação em indexadores que contribuam para o processo de análise do desempenho, o uso de redes sociais para a divulgação do periódico, a análise dos processos de altmetria e a divulgação dos artigos e periódicos realizadas por agências de jornalismo científico, auxiliando que a comunicação científica esteja acessível à população.

Porém, o que chama a atenção após as falas das painelistas está relacionado com as atividades da equipe editorial, pois a maioria das ações apresentadas no painel gera uma ampliação dessas atividades, seja pelo fato de que esta equipe tenha de reanalisar sua política editorial, seus indicadores ou o atendimento dos critérios de indexação em indexadores que tenham relevância para a área na qual o periódico esteja inserido; ou, ainda, para o caso de desejar obter o índice no JCR, visto que, para isso, o periódico deve estar indexado na Web of Science.

A necessidade de ampliação das ações da equipe editorial também é notória quando se trata do uso de redes sociais para periódicos. Desse modo, como abordado no painel, é necessário que, antes de se criar perfis nas redes sociais, tenha-se um planejamento de curto, médio e longo prazo, das atividades nessa(s) rede(s). Além desse planejamento de como "entrar" nas redes sociais, deve-se pensar no processo de alimentação e interação com as pessoas que as acessam.

O uso de provedores de altmetria, apesar de apresentar um conjunto de informações e índices, também necessita de mais uma ação da equipe editorial para buscar e analisar esses índices a fim de definir corretamente o desempenho do periódico nas fontes de informação que geram os dados nesses provedores.

Além disso, o processo de divulgação dos periódicos, seja ele considerado *vintage* ou de ponta, demanda mais uma etapa de atuação da equipe editorial, contudo, é um procedimento que auxilia na ampliação da visibilidade e acesso aos artigos e aos periódicos.

Essas atividades, recomendadas nas falas das painelistas, são de extrema importância, porém, a adição de ações extras para a equipe editorial de um periódico traz uma preocupação

sobre o tamanho das equipes. Segundo Germana: “A realidade em muitos periódicos, principalmente aqueles que são vinculados às universidades públicas, é o que tenho chamado de ‘EUquipes’, em que a figura do editor-chefe necessita atuar em várias instâncias do processo editorial, rotineiramente em atuação solo”.

Cabe ressaltar que as recomendações e exemplos apresentados nas falas das painelistas auxiliam nos processos editoriais que visam à melhoria do desempenho dos periódicos, incluindo aqui os indicadores de impacto. Para isso, há a necessidade de reversão desse quadro de “EUquipes”, com ampliação do quadro da equipe editorial e a distribuição das atividades editoriais, com o devido planejamento.

Desse modo, nos casos em que já há uma equipe editorial com essa devida distribuição, faz-se necessário que a equipe esteja atenta às recomendações do painel, inclusive buscando as estratégias apresentadas. Não podemos perder o foco no qual cada periódico tenha um processo editorial, visando sempre obter melhores índices nos indicadores de impacto dos periódicos existentes, demonstrando assim o seu desempenho na área que esteja relacionado.

SOBRE AS PALESTRANTES

Deborah Dias é graduada em Arqueologia, Engenharia de *Software* e Administração de *Marketing,* possui mais de 30 anos de experiência em suporte e treinamento, atuando desde 2007 na Clarivate Analytics. Participa de conferências e simpósios na área de bibliometria e análise de produção científica.

Roberta Cardoso Cerqueira é Doutora em História das Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), é Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e é graduada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Em sua pesquisa de doutorado, analisou a história da publicação científica no Brasil em período mais recente, com ênfase no modelo de publicação científica em acesso aberto e na criação do projeto Scientific Eletronic Library Online (SciELO). É editora-executiva do periódico História, Ciências, Saúde – Manguinhos, publicação científica da COC/Fiocruz. É membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS), do Fórum de Ciência Aberta da Fiocruz e do Núcleo de Ciência Aberta da COC/Fiocruz. Tem interesse pelos seguintes temas de pesquisa: história do periodismo científico, história do acesso aberto nas publicações científicas, história digital, divulgação científica, história pública.

Germana Barata é jornalista de Ciência e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Coordena o Laboratório de Inclusão na Comunicação e na Ciência (LabinCC), que coloca a divulgação científica como parte protagonista da Ciência Aberta. É membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e da Associação Latino-Americana de Editoração Científica (ALAEC), bolsista produtividade em divulgação científica do CNPq e membro do comitê científico da rede internacional Public Communication of Science and Technology (PCST).

SOBRE O RESENHISTA

Natalino Perovano Filho possui graduação em Química pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialização em Ensino de Química e Biologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), é Mestre em Química e Biotecnologia pela UFAL e Doutor em Biologia e Biotecnologia de Microrganismos pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Atualmente, é técnico universitário da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando na Coordenação do Portal de Periódicos da UESB. Atua como avaliador de periódicos e de projetos de fomento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco. É membro do corpo editorial de periódicos. Atuou como editor-chefe do Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE) de 2017–2023. É membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil).

https://orcid.org/0000-0001-5269-3820
npfilho@uesb.edu.br

Periódicos predatórios: impactos e estratégias de combate na comunidade científica

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.9

Silvia Regina Galleti

A disseminação do conhecimento científico enfrenta desafios cada vez mais complexos, e um dos mais preocupantes é a proliferação dos chamados periódicos predatórios. Essas publicações, que operam sem a devida avaliação por pares e sem compromissos com a integridade científica, comprometem a credibilidade da pesquisa, prejudicam a carreira de pesquisadores e enfraquecem o sistema de comunicação científica. Diante desse cenário, torna-se essencial compreender os impactos desses periódicos na comunidade acadêmica e discutir estratégias eficazes para combatê-los.

Este painel reuniu especialistas de instituições-chave no combate às publicações predatórias, como o Directory of Open Access Journals (DOAJ), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e o Scientific Eletronic Library Online (SciELO), para explorar essa problemática sob diferentes perspectivas. Foram abordados os critérios utilizados na identificação de periódicos confiáveis, as políticas institucionais e internacionais que visam fortalecer a qualidade da publicação científica e os desafios enfrentados na conscientização e na capacitação de pesquisadores e editores. A troca de experiências e conhecimentos entre os palestrantes e o público contribuiu para reforçar as boas práticas editoriais e para fortalecer a integridade e a credibilidade da produção científica global.

Gimena del Rio Riande, embaixadora do DOAJ na América Latina, abordou o tema **DOAJ y las revistas cuestionables: un estado del arte**[1]. Inicialmente, deixou claro que usa a expressão "revistas ou periódicos questionáveis" ao invés de periódicos predatórios e explicou que o DOAJ é um índice, um diretório de periódicos em acesso aberto, de qualidade e que praticam avaliação por pares, independente da disciplina, da geografia ou do idioma. Destacou que há uma distribuição geográfica muito ampla nos periódicos do DOAJ e que isso faz a temática do painel ser ainda mais relevante.

Um dos objetivos do DOAJ é compartilhar o mito de que publicar fora dos periódicos do Norte Global é sinônimo de periódico predatório, ideia que por muito tempo fez parte dos mitos da publicação científica. Por isso, parte do que consideram que define periódicos de qualidade são os critérios de transparência e boas práticas, que são os que caracterizam o DOAJ.

Gimena tem trabalhado durante muitos anos nos critérios de transparência e de boas práticas, colaborando com o Committee on Publication Ethics (COPE) e com a World

[1] RIANDE, Gimena del Rio. **DOAJ y las revistas cuestionables:** un estado del arte. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/gimena_del_rio_riande.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

Association of Medical Editors (WAME). Assim, tem atuado tanto na questão dos periódicos que são questionáveis, quanto do lado oposto, dos periódicos de qualidade que seguem normas transparentes e éticas, e isso não tem sido algo simples.

O DOAJ tem uma longa história, desde os princípios dos anos 2000. Até 2013, um dos problemas do DOAJ era a quantidade de periódicos na lista de participantes e a necessidade de modificar os critérios de inclusão dos periódicos. A palestrante destacou que Estados Unidos, Brasil e Índia eram os três países que tinham mais periódicos considerados questionáveis pelo DOAJ.

Uma das questões foi revisar os critérios da submissão ao DOAJ e aumentar a quantidade de perguntas do formulário de 17 para 58, que são utilizadas atualmente, com questões que fazem parte do filtro para garantir que, quando um periódico entra no DOAJ, tenha a qualidade que estão procurando.

Gimena explicou que estruturaram um processo de manejo de casos de editoras que eles chamam de questionáveis, com critérios para decidir diferentes ações, com base em padrões de comportamento encontrados nos perfis dos periódicos dessas editoras. Foram elaborados critérios de proibição para voltar a submeter ao DOAJ, segundo os casos encontrados, variando entre um, dois e três anos, dependendo do tamanho das editoras e da quantidade de periódicos questionáveis identificados.

Foram preparados relatórios e diferentes modelos para documentar as evidências de cada caso dentro do DOAJ. Por se tratar de uma investigação interna, os dados não são publicados ou abertos. Inicialmente, foram analisados 132 periódicos de 53 editoras, no ano de 2013. Desde então, o DOAJ criou uma equipe especialmente dedicada a investigar, anualmente, aproximadamente 270 casos de periódicos com práticas editoriais suspeitas ou questionáveis.

Gimena informou que este ano esse número está subindo para quase 300 casos. Ela destacou a diferença entre periódicos de baixa qualidade, periódicos predatórios e periódicos questionáveis. Para o DOAJ, esses conceitos não são equivalentes. Os periódicos de baixa qualidade são os que desconhecem ou não seguem boas práticas editoriais. O termo "revista predatória" não é utilizado pelo DOAJ, pois acreditam que foi um conceito cunhado por Beall (2010) e teve muito impacto na comunidade científica, mas pertence a uma abordagem que categoriza os periódicos de forma negativa, criando uma lista de periódicos considerados predatórios. O DOAJ prefere o termo "publicação questionável" para descrever publicações de baixa qualidade, que omitem elementos essenciais dos processos editoriais padronizados, como *copyediting* e avaliação por pares.

Desde a sua definição, os periódicos questionáveis, segundo o DOAJ, exploram oportunidades de publicação em acesso aberto sem proporcionar serviços editoriais adequados. Na maioria dos casos, cobram taxas dos autores e não oferecem nenhuma avaliação por pares. Além disso, apresentam valores de produção muito deficientes e tempos de publicação extremamente rápidos.

Gimena explicou que esses periódicos são identificados pelo DOAJ e que prestam muita atenção nas avaliações, para determinar se pertencem a editoras questionáveis ou se são apenas de baixa qualidade, mas que podem ser acompanhados para melhorias. O que revisam? Primeiramente, os títulos dos periódicos, que, em muitos casos, têm nomes de publicações já

existentes. Em diversos casos, os ISSNs são copiados. Há periódicos com escopo muito amplo e muitos deles afirmam falsamente estar indexados em serviços como PubMed ou no próprio DOAJ.

A palestrante alertou para sempre comunicar casos suspeitos ao DOAJ, pois isso facilita rapidamente na detecção. Para além disso, pode-se perceber frequentemente a ausência de informações claras de contatos nesses periódicos, bem como o envio de *e-mails* com convites suspeitos e erros de redação para pesquisadores.

Outro ponto abordado foi a endogenia editorial, ou seja, a publicação recorrente de autores em um mesmo periódico, o que dificulta distinguir entre periódicos questionáveis e de baixa qualidade. Esse é um problema grave e que precisa ser trabalhado.

Gimena também destacou que os periódicos questionáveis prejudicam a Ciência, pois minam a confiança no sistema científico. Ressaltou que esse problema não afeta apenas os periódicos de acesso aberto, mas também os de modelo *paywall*. Ela mencionou que um estudo feito por um dos embaixadores do DOAJ mostrou que, em 2016, os países com mais periódicos desse tipo eram, principalmente, da Ásia, com grande destaque para a Índia, além de um crescimento na América do Sul. Reforçou, ainda, que o DOAJ desenvolveu recursos importantes para combater publicações questionáveis, como sua "lista branca", em oposição à *blacklist* de Beall, que representa um diretório curado de periódicos de qualidade. Além disso, os princípios de transparência e boas práticas do DOAJ foram aprimorados ao longo do tempo e impactam diretamente na indexação dos periódicos ao índice.

Gimena mencionou também a ferramenta ThinkCheckSubmit, que auxilia pesquisadores na escolha de periódicos confiáveis para publicação. Além disso, o DOAJ mantém um *ChangeLog* aberto, que lista os periódicos que foram removidos do diretório por não aderirem às boas práticas editoriais.

Ao final de sua fala, Gimena destacou a importância do compromisso da comunidade científica na denúncia e no combate às publicações questionáveis, garantindo que apenas periódicos que seguem padrões editoriais éticos e transparentes sejam reconhecidos e utilizados para disseminação do conhecimento científico.

Em seguida, **Sigmar de Mello Rode**, antes de iniciar, declarou não ter conflito de interesse com o conteúdo da apresentação, e dedicou sua fala a duas pessoas que faleceram e cuja ausência sente profundamente: o professor Charles Pessanha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-presidente da Associação Brasileira de Editores Científico (ABEC Brasil), e a professora Eloísa Príncipe, do Ibict e membro da diretoria e conselhos da ABEC por algumas gestões. O palestrante ressaltou que, durante suas gestões como presidente da ABEC Brasil, ambos tiveram um papel fundamental — não só para ele pessoalmente, mas também para a Associação.

Sigmar deu início à sua apresentação, **Desmistificando revistas com características predatórias**[2], fazendo o seguinte questionamento: periódicos com indícios de práticas editoriais

[2] RODE, Sigmar de Mello. **Desmistificando revistas com características predatórias**. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/sigmar_mello_rode.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

predatórias são um problema? Ele respondeu que sim, mas destacou que essas publicações existem porque são utilizadas. Se não fossem utilizadas, não existiriam. O problema, então, reside nos autores que enviam seus artigos para esses periódicos, independentemente do motivo: necessidade de publicação rápida ou desconhecimento. Pior ainda são as instituições que avaliam e aceitam essas publicações.

O palestrante continuou sua fala afirmando que os autores têm liberdade para enviar seus artigos para onde desejarem, seja por pressa ou pela necessidade de melhorar seus currículos para concursos. No entanto, o erro ocorre quando membros das bancas desses concursos aceitam essas publicações em periódicos predatórios ou quando instituições de ensino e fomento os consideram válidos. Muitas vezes, a linha entre falta de conhecimento e má-fé é tênue, o que torna essencial discutir a integridade e confiabilidade da produção científica.

Sigmar apresentou um *slide* mostrado na reunião de coordenadores de pós-graduação em odontologia, em setembro, por Andrea Vieira, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Esse *slide* exemplificou como as pessoas podem ser enganadas. Ele destacou que entre os periódicos mais utilizados por professores de pós-graduação em odontologia entre 2017 e 2020, está o Research Society Development, onde 192 pessoas publicaram, incluindo ele próprio. Ele mencionou que o periódico foi erroneamente classificado como A3 em um Qualis intermediário, o que resultou em uma corrida por publicações. No entanto, quando percebeu o equívoco, já havia enviado um artigo para o periódico.

Ele mostrou como o periódico apresentou prazos irrealistas: um artigo foi recebido em 9 de janeiro, revisado no mesmo dia, aceito em 10 de janeiro e publicado em 10 de março. Essa rapidez irrealista deveria ter sido um alerta, e concluiu afirmando que a falta de uma análise criteriosa levou a publicar em um periódico predatório.

Sigmar deu continuidade à sua fala comparando a rapidez da publicação no periódico Clinics, da qual é editor. Ele apresentou um editorial que enviou para a Clinics e que foi publicado em 22 dias. Isso demonstra que rapidez na publicação pode ser legítima, desde que o processo de avaliação por pares e o editorial sejam conduzidos adequadamente. Ele também mencionou outro editorial submetido a um periódico indexado no SciELO, onde o processo levou um mês apenas para informá-lo sobre um documento faltante. Muitas vezes, a lentidão na publicação não é apenas culpa dos avaliadores, mas do próprio processo editorial.

Em seguida, Sigmar citou uma matéria da revista Pesquisa FAPESP, que mantém uma seção de boas práticas e está disponível on-line gratuitamente. A matéria, publicada por Fabrício Marques em 2022, revelou que mais da metade dos pesquisadores que publicaram em periódicos predatórios o fizeram apenas uma vez, evidenciando que muitos foram enganados. No entanto, há aqueles que publicaram repetidamente, tornando-se um comportamento deliberado. Ele enfatizou que hoje não se importa apenas com a qualificação do periódico, mas realiza uma análise detalhada antes de escolher onde submeter um artigo.

Sigmar compartilhou uma experiência pessoal ao submeter um artigo sobre síndrome de Down para um periódico europeu com Qualis bom e indexado na Web of Science. Ao analisar

mais detalhadamente, percebeu que o periódico era um clone da publicação original, criada para enganar pesquisadores. Ele alertou sobre a necessidade de verificar bases de indexação, editoras e fatores de impacto falsos, que podem ser comprados em bases predatórias.

Ele destacou que somente a Clarivate pode conceder fator de impacto legítimo e mencionou um estudo que avaliou 169.742 cientistas que publicaram entre 2004 e 2021 em periódicos questionáveis. Ele comparou isso a golpes telefônicos: assim como ninguém clica em *links* suspeitos para evitar fraudes, deve-se ter o mesmo cuidado com periódicos predatórios.

Sigmar continuou a sua fala mencionando um artigo publicado no *blog* do SciELO sobre *paper mills*, fábricas de artigos científicos falsos. Ele alertou sobre editoras que tentam comprar periódicos legítimos, transformando-os em veículos para artigos fraudulentos. Essas compras são feitas com base na indexação dos periódicos na Web of Science, Scopus e SciELO. Ele estima que um periódico brasileiro bem indexado pode valer entre 800 mil e 1 milhão de dólares, tornando-se alvo dessas editoras predatórias.

Sigmar relatou um caso em que um periódico indexado no SciELO publicava cerca de 100 a 150 artigos por ano, mas, de repente, começou a publicar um volume muito maior. Ao questionar os editores, descobriu que o periódico havia sido adquirido e estava operando como uma fábrica de artigos. Ele agradeceu sua equipe de suporte do SciELO, que o ajudou a identificar e retirar esse periódico da coleção.

O palestrante encerrou sua apresentação destacando a importância da vigilância contínua para combater periódicos predatórios e manter a integridade da publicação científica.

A terceira apresentação deste painel foi feita pela **Denise Aparecida Freitas de Andrade** do Ibict, com o tema **Resultados parciais do mapeamento das revistas com indícios de práticas editoriais predatórias**[3].

Denise iniciou sua apresentação informando que os resultados parciais do mapeamento dos periódicos com indícios de práticas editoriais predatórias são frutos da pesquisa que vem desenvolvendo há um ano no Ibict. Em seguida, apresentou a equipe envolvida na pesquisa, composta por Bianca Amaro e Washington Segundo, coordenadores do projeto, além de Priscila Sena, Fhillipe Campos e Juliana Sousa.

Antes de detalhar os resultados, ela ressaltou uma iniciativa recente do Ibict: uma tentativa de definição sobre práticas editoriais predatórias, realizada na última Conferência Lusófona de Ciência Aberta (ConfOA), em Portugal. Esse debate contou com a participação do Ibict e da ABEC Brasil em um *workshop* intitulado “Boas práticas editoriais e práticas editoriais predatórias: um debate essencial para a comunicação científica” (ConfOA, 2024). O evento teve a presença física de cerca de 60 participantes, além de outros que acompanharam on-line.

[3] ANDRADE, Denise Aparecida Freitas de. **Resultados parciais do mapeamento das revistas com indícios de práticas editoriais predatórias**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/denise_aparecida_freitas_de_andrade.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

Durante o *workshop*, utilizou-se a ferramenta Mentimeter para coletar respostas dos participantes sobre o que consideravam práticas editoriais predatórias. Entre as principais respostas estavam: aproveitamento do trabalho de outros, falta de transparência, agressividade no contato, falsos comitês científicos, inexistência de avaliação por pares, falsificação de *sites* e ISSN, cobranças abusivas, entre outros. A partir dessas respostas, a equipe utilizou a inteligência artificial (ChatGPT) para consolidar uma definição preliminar sobre práticas editoriais predatórias. Essa definição ressaltou que tais práticas envolvem um conjunto de ações antiéticas, incluindo cobrança indevida de taxas, falta de transparência e falsificação de informações, caracterizando um modelo de exploração acadêmica.

Sobre a pesquisa desenvolvida pelo Ibict, a palestrante destacou que os resultados preliminares foram apresentados no *ABEC Meeting 2023*, realizado em Foz do Iguaçu (PR). A metodologia consistiu na coleta de *e-mails* de 140 mil pesquisadores brasileiros entre agosto e setembro de 2023, obtidos por meio da Plataforma Lattes e listas de editores do Ibict. Os pesquisadores foram incentivados a encaminhar *e-mails* recebidos de periódicos potencialmente predatórios para um endereço específico ou responder a um formulário do Google Forms. A coleta permanece ativa e, até setembro de 2024, a pesquisa acumulou cerca de 10.487 *e-mails*, 5.402 respostas diretas e um total de quase 16 mil contribuições.

A análise inicial concentrou-se na extração de informações como título do periódico, *e-mail*, *site* e ISSN. Com base nesses dados, foram identificados 645 periódicos, 59 editoras e 25 possíveis eventos predatórios. A pesquisa também analisou a origem geográfica dessas publicações, com os Estados Unidos liderando a lista. O Brasil apareceu em terceiro lugar, com 66 periódicos identificados. No total, foram mapeados 81 países, porém sem possibilidade de saber a origem de 58 periódicos por não possuírem ISSN registrado.

Em relação aos periódicos brasileiros, a pesquisa identificou quatro principais fatores de alerta: cobrança de taxas de processamento, identidade da instituição editora, tempo de processamento e periodicidade. Dos 66 periódicos brasileiros analisados, 62 cobravam taxas de publicação, variando entre R$100 e R$1.000, com maior frequência em torno de R$290. Alguns periódicos adotavam modelos diferenciados de cobrança, permitindo publicação gratuita, mas com cobrança para processos acelerados.

Quanto às instituições editoras, 21 eram comerciais e editavam 51 periódicos, enquanto sete estavam ligadas a universidades e institutos de pesquisa. Três periódicos não informavam sua vinculação institucional. Além disso, 16 periódicos apresentavam informações divergentes entre seus *sites* e os registros de ISSN, e 18 utilizavam nomes similares a instituições de pesquisa reconhecidas, uma estratégia frequentemente associada a práticas predatórias.

Sobre o tempo de publicação, três periódicos informavam prazos extremamente curtos, de até 10 dias, enquanto 24 estipulavam 30 dias. Outros cinco indicavam prazos de até 60 dias, dois informavam 120 dias, e 32 periódicos não especificavam seus tempos de processamento. Em termos de periodicidade, 22 periódicos declaravam publicação mensal, quatro eram bimestrais e sete apresentavam publicação irregular ao longo do ano.

Denise concluiu a apresentação ressaltando que o mapeamento das práticas predatórias é um trabalho contínuo, necessário para a proteção da integridade científica. O objetivo é aprimorar a identificação dessas publicações e promover um ambiente acadêmico mais transparente e ético.

Com o encerramento das apresentações ficou a certeza de que a proliferação de periódicos predatórios representa uma ameaça crescente à integridade da comunicação científica, afetando autores, avaliadores, editores, instituições e políticas de avaliação acadêmica. O painel Periódicos predatórios: impactos e estratégias de combate na comunidade científica promoveu um debate abrangente sobre esse fenômeno, reunindo contribuições de diferentes frentes de atuação no enfrentamento a práticas editoriais antiéticas. As apresentações destacaram tanto o esforço internacional pela promoção de boas práticas editoriais quanto as iniciativas nacionais de mapeamento e conscientização sobre os riscos que envolvem essas publicações.

O painel, de maneira geral, também evidenciou a complexidade e a gravidade do problema dos periódicos predatórios e apresentou diferentes estratégias de enfrentamento – desde o fortalecimento de diretórios confiáveis e a imposição de critérios rigorosos, até a mobilização da comunidade científica para denunciar e mapear práticas duvidosas. A articulação das diferentes iniciativas como o DOAJ, SciELO e o Ibict revela-se essencial para promover a integridade na comunicação científica e oferecer respostas efetivas aos desafios impostos por esse fenômeno.

REFERÊNCIAS

BEALL, Jeffrey. “Predatory” open-access scholarly publishers. **Charleston Advisor,** v. 11, p. 10–17, 15 Feb. 2010. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/11886760. Acesso em: 15 abr. 2025

CONFOA. Boas práticas editoriais & práticas editoriais predatórias (*Workshop* 1). **YouTube**, 3 out. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eXt8Vt_WuiI&list=PLUO_vqW7V56OnhiSPOyQ47ZSnLeHaDOrg&index=5. Acesso em: 15 abr. 2025.

SOBRE OS PALESTRANTES

Gimena Del Rio Riande é Doutora em Filologia Românica pela Universidad Complutense de Madrid. É pesquisadora associada do Instituto de Investigaciones Bibliográficas y Crítica Textual (IIBICRIT-CONICET, Argentina) e professora da Universidade de Buenos Aires. Tem experiência na área de Letras.

Sigmar de Mello Rode possui graduação em Odontologia pela Universidade de São Paulo (USP), é Mestre em Clínicas Odontológicas (Prótese Completa) e Doutor em Odontologia (Dentística), ambos pela USP. É Livre-Docente em Dentística pela Faculdade de Odontologia da USP e Titular pela Faculdade de Odontologia de São Jose dos Campos da Universidade "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Exerce a função de ex-presidente da Região Latino-Americana da International Association for Dental Research IADR e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO) e foi presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) gestões: 2012-2013, 2014-2015, 2020-2021 e 2022-2023. Foi editor científico da Brazilian Oral Research e é editor de área da CLINICS e da Acta Cirúrgica Brasileira. Coordena o Escritório de Ética do SciELO.

Denise Aparecida Freitas de Andrade é Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como bibliotecária e pesquisadora no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), nas áreas: Ciência Aberta, periódicos científicos e acessibilidade digital.

SOBRE A RESENHISTA

Silvia Regina Galleti é graduada em Biologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Biotecnologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora científica no Instituto Biológico da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Coordena a Comissão de Integridade Científica do Instituto Biológico. Atua na área de Editoria Científica como editora-chefe dos Arquivos do Instituto Biológico (AIB) e é editora do SciELO *Preprints* na área de Agrárias. É membro suplente do Conselho Consultivo do SciELO Brasil, representando a área de Agrárias. Certificada pelo Council of Science Editors no Programa de Capacitação em Publicação Científica (ProCPC) (2021). Foi membro da Diretoria da ABEC Brasil por três gestões (2010 a 2015), presidente do Conselho Deliberativo (gestões 2020 a 2023) e, atualmente, é presidente do Conselho Fiscal (gestão 2024-2025).

https://orcid.org/0000-0002-0745-5716
silvia.galleti@sp.gov.br

Periódico de qualidade requer investimento: quem paga?

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.10

Edna Frasson de Souza Montero

O painel apresentado durante o *ABEC Meeting 2024* foi contextualizado na sustentabilidade dos periódicos científicos, tendo-se em vista a relação entre periódicos de qualidade e investimento. Para alcançar o padrão de qualidade desejável, é necessário investir em serviços, equipes e sistemas de gestão, o que demanda recursos financeiros. Diante desse cenário, o painel teve como objetivo central discutir quem arca com os custos envolvidos na produção de um periódico científico de qualidade. A produção de periódicos é dispendiosa, exigindo investimento financeiro. Neste cenário, a cobrança de taxa de publicação, o financiamento pelas agências governamentais ou mesmo as instituições públicas ou privadas mostram-se como alternativas para a resolução desse desafio.

Com o título **Periódico de qualidade requer investimento: quem paga?**, **Luiz Antônio Pessan**[1] ressaltou a relevância do tema, especialmente para ele, que estava envolvido com a questão dos periódicos científicos há algum tempo, desde sua atuação na diretoria de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), onde coordenava áreas e sempre participava das discussões sobre o tema. Relatou, ainda, ter recebido diversas ofertas para vender periódicos, o que demonstra o interesse de alguns em obter lucro com a publicação científica. Essa realidade tem se apresentado aos editores de periódicos científicos como uma das alternativas para garantir sua sustentabilidade e sobrevivência.

Antes de abordar o tema central do painel, Pessan fez alguns comentários sobre pontos polêmicos relacionados à avaliação de periódicos. Criticou o uso equivocado do Qualis em diversas instâncias, como contratações e promoções, e ressaltou a importância de a comunidade se informar sobre o real propósito do Qualis e como ele é feito. Além disso, reforçou a não existência do "Qualis Intermediário", esclarecendo que o Qualis é uma classificação feita com todas as publicações das áreas no quadriênio anterior e que não tem nenhuma relação com o futuro. Relatou que a Capes está trabalhando nas fichas de avaliação para o quadriênio 2025-2028, e que as mudanças que estão sendo discutidas não poderão ser implementadas imediatamente devido ao Termo de Ajustamento de Conduta com o Ministério Público. Ele mencionou que uma das alterações previstas para a avaliação do quadriênio 2025-2028 é o maior foco no artigo científico, destacando que diversos indicadores bibliométricos poderão

[1] PESSAN, Luiz Antônio. **Periódico de qualidade requer investimento**: quem paga? *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/luiz_antonioi_pessan.pdf. Acesso em: 08 jul. 2025.

ser utilizados – além do fator de impacto, que, segundo ele, varia significantemente conforme a área e da categoria do periódico.

O palestrante explicou que a diretoria da qual ele faz parte é responsável pelo portal de periódicos, mas não os avalia, e que essa avaliação é feita pelas áreas, ou seja, pela comunidade científica. Em relação à produção e divulgação do conhecimento, destacou o crescimento exponencial do número de artigos científicos e os desafios que isso impõe para a gestão, como o volume, a diversidade temática e a internacionalização.

Pessan abordou também as tendências tecnológicas na área de publicação científica, como a Ciência Aberta, os modelos de publicação aberta, a Inteligência Artificial, os *preprints* e o pré-*review* aberto. Questionou se todos têm as mesmas oportunidades de publicar trabalhos de qualidade, destacando a importância da diversidade, equidade e inclusão na produção de conhecimento. Discorreu também sobre os desafios do acesso aberto, como o aumento do número de citações e *downloads*, a democratização do conhecimento, a colaboração científica, o aumento da visibilidade e impacto, e a transparência e a reprodutibilidade dos dados. Ressaltou, no entanto, que o acesso aberto é apenas uma parte da Ciência Aberta, que envolve diversos outros aspectos, como infraestrutura tecnológica, repositórios de dados e outras iniciativas.

Em relação aos modelos de negócio, Pessan mencionou os acordos transformativos de leitura e publicação como uma forma de transição do modelo fechado para o modelo aberto. Explicou que o acesso aberto busca disponibilizar gratuitamente os resultados de pesquisas científicas para qualquer pessoa, mas que isso não significa que não haja custos envolvidos, já que a pesquisa em si é financiada por salários de pesquisadores, orientadores e infraestrutura. Mencionou a exigência da Fundação Bill e Melinda Gates para que as pesquisas sejam publicadas como *preprints*, e a exigência de algumas agências de financiamento, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), para que os dados sejam armazenados em repositórios.

Pessan falou sobre as vias de publicação, bem como sobre o acordo transformativo que está sendo implementado no Brasil, que visa facilitar o acesso aos artigos científicos. Apresentou dados sobre a posição do Brasil em relação ao acesso aberto, mostrando que o país tem avançado nessa área, mas que ainda há desafios a serem superados, afirmando que houve aumento de submissão para periódicos híbridos, em que há o custo para os artigos ficarem em acesso aberto.

O palestrante também apresentou dados sobre o número de artigos cobertos pelos acordos transformativos no Brasil e no mundo, mostrando que essa tendência tem crescido nos últimos anos. Acrescentou sobre o acordo de leitura e publicação com a ACS (American Chemical Society) e o acordo com o SciELO, que visam ampliar o acesso aos artigos científicos e fortalecer a produção científica nacional. Além disso, os acordos transformativos estão em fase de negociação com diversas editoras, como a Elsevier, a Wiley e a The Royal Society. Apresentou dados sobre o orçamento do portal de periódicos, mostrando seu crescimento nos últimos anos, no entanto com uma variação da moeda que pode afetar significativamente o valor disponível. Ainda, apresentou dados sobre o impacto do acordo com a ACS, mostrando que os

benefícios para os pesquisadores de todas as regiões do Brasil, que têm tido a oportunidade de publicar seus trabalhos em periódicos de qualidade.

Em relação ao portal de periódicos da Capes, Pessan destacou o objetivo de fortalecer os programas de pós-graduação e a comunidade científica como um todo, e que o número de acessos ao portal tem crescido significativamente nos últimos anos. Mencionou o orçamento do portal de periódicos, que é um valor expressivo, e ressaltou que a publicação científica é um investimento e não um gasto.

Pessan seguiu com a palestra e apresentou as iniciativas da Capes para discutir o acesso aberto, como *workshops*, um *hotsite* e um questionário sobre o tema. Mencionou a criação de um programa de apoio à publicação de artigos e de um conselho consultivo para esse programa. Além disso, falou sobre o grupo de trabalho de acesso aberto, que reúne representantes de diversas instituições e da comunidade científica, incluindo a ABEC Brasil, bem como sobre outras atividades do portal, como os treinamentos oferecidos.

Em relação ao financiamento do SciELO, informou que é feito por meio de repasses da Capes, Fapesp e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Mencionou o programa editorial CNPq e Capes para publicação de artigos, e explicou que este edital foi alterado para permitir a participação de periódicos que cobram APC (*Article Processing Charge*), desde que isso seja justificado, tendo em vista que a verba não é suficiente para a sustentabilidade deles.

Pessan finalizou sua apresentação com alguns pontos para reflexão e desafios para a comunidade científica, como a questão das licenças de direitos autorais, a necessidade de sensibilização e educação sobre o acesso aberto, o reconhecimento e incentivo à produção científica, a importância da infraestrutura tecnológica, a colaboração internacional, a transparência e integridade na pesquisa, e o financiamento e sustentabilidade da publicação científica.

Vanessa Jorge[2], em sua fala intitulada **Reflexões sobre investimentos em ações de acesso aberto ao conhecimento por instituições de pesquisa: o caso Fiocruz**, mencionou a relevância em participar do debate no âmbito da parceria para governo aberto. Essa iniciativa contou com a presença da Capes, representada por Andrea Carvalho Vieira, além de diversas outras entidades, incluindo a ABEC Brasil, que apresentaram avanços significativos alcançados. Discorreu ainda sobre uma proposta mais prática no embasamento das reflexões sobre o tema, situando-o em um contexto teórico e conceitual, que vem norteando o trabalho da Fiocruz e as discussões com outras entidades, como o plano nacional de governo aberto.

Diante da provocação sobre quem paga os custos da produção científica, Vanessa trouxe a perspectiva de uma instituição de pesquisa, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que possui periódicos científicos e que precisa tomar decisões estratégicas sobre o financiamento da produção científica e da sua divulgação.

[2] JORGE, Vanessa. **Reflexões sobre investimento em ações de acesso aberto ao conhecimento por instituições de pesquisa**: o caso da Fiocruz. *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/vanessa_jorge.pdf. Acesso em: 08 jul. 2025.

A palestrante apresentou a Fiocruz como uma instituição de abrangência nacional, com diversas unidades técnicas e científicas, algumas delas com periódicos científicos, totalizando nove periódicos. Destacou a atuação da Fiocruz nas grandes áreas do conhecimento de Ciências da Saúde e Ciências Biológicas, o que ajuda a entender o movimento dessas áreas na produção científica. Apresentou o ecossistema de Ciência Aberta da Fiocruz, construído ao longo dos anos, como uma proposta que envolve políticas, diretrizes, governança, plataformas, educação, redes e parcerias. Mencionou a aprovação, em 2014, da política institucional de acesso aberto da Fiocruz, que estabelece tipologias mandatórias para o acesso aberto, focando principalmente na via verde, ou seja, o depósito em repositórios institucionais. Relatou que, 10 anos após a aprovação da política, a Fiocruz está em um processo de reflexão sobre o que mudou no cenário da Ciência Aberta, tanto no Brasil quanto no mundo, questionando formas de como atualizar a política institucional. Destacou os avanços alcançados na última década, como a criação de plataformas e repositórios, o aumento do depósito de artigos, teses e dissertações no repositório institucional, e a criação de um indicador de desempenho institucional relacionado ao acesso aberto.

Vanessa mencionou a criação de um grupo de trabalho para analisar o que aconteceu nesses dez anos, o que precisa ser alterado na política e como lidar com a questão do pagamento de taxas de processamento de artigos. Relatou a dificuldade enfrentada pela Fiocruz em lidar com a polêmica do pagamento de APCs, uma vez que muitos pesquisadores buscam recursos para pagar as taxas de periódicos internacionais, considerados os de maior prestígio na área. Ela ainda comentou sobre a dificuldade em construir periódicos científicos de qualidade no Brasil, já que há um incentivo para que os pesquisadores publiquem seus artigos em periódicos internacionais.

A palestrante também apresentou os estudos realizados pelo grupo de trabalho, exemplificando que o acesso aberto precisa ser analisado por um conjunto de questões, como os investimentos em assinatura de periódicos, o pagamento de APCs, a manutenção dos periódicos científicos e a manutenção do repositório institucional. Os dados sobre os custos com assinatura de periódicos no período de 2014 a 2023 revelam que a Fiocruz gastou mais de 1 milhão de reais com essa finalidade, mesmo com o investimento da Capes. Trata-se de uma dificuldade em quantificar os gastos com APCs, já que não há uma fonte única para coletar esses dados, e que as editoras comerciais, muitas vezes, não fornecem informações claras sobre os valores. Vanessa apresentou dados do programa Capes Print, que financia a internacionalização da produção científica, mostrando que a Fiocruz gastou mais de 1,2 milhão de reais com 124 artigos, com uma média de quase R$ 10 mil por artigo.

Destacou a preocupação com os dados do Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAFI), que mostram que a Fiocruz gastou quase R$20 milhões de recursos do Ministério da Saúde com pagamento de taxas de artigos, recursos que poderiam ser utilizados para outras finalidades. Além disso, segundo estimativas anuais, a instituição investe cerca de 3 milhões de reais apenas nos custos relacionados aos nove periódicos da Fiocruz. Apresentou algumas recomendações imediatas para tentar diminuir a demanda por pagamento de APCs, como a

criação de uma lista de periódicos diamante – A1, A2 e B1 do Qualis – para que os pesquisadores conheçam outras opções de publicação. Mencionou ainda que acordos transformativos podem ajudar a suprir parte dos custos com APCs.

Vanessa afirmou que os dados levantados pelo grupo de trabalho serão utilizados para propor novas diretrizes para a atualização da política de acesso aberto da Fiocruz, que será discutida com a comunidade científica. Ao se tentar traçar metas de redução gradual de gastos com APCs, relatou a resistência de algumas áreas, devido à avaliação dos programas de pós-graduação, que leva em conta a publicação em periódicos de alto impacto.

Vanessa finalizou sua apresentação com reflexões sobre o fortalecimento dos periódicos científicos nacionais. Destacou a importância de fortalecer os periódicos científicos brasileiros, para que eles sejam reconhecidos como periódicos de qualidade e possam contribuir para o ecossistema nacional. Enfatizou a importância de debates como esse, em nível nacional, para que se encontrem soluções para os problemas relacionados ao financiamento da produção científica e para que se evitem investimentos duplicados por diferentes órgãos estatais.

Renato Paiva[3] em sua apresentação sobre o tema **Periódico de qualidade requer investimento: quem paga?** enfatizou a necessidade de investimento para que os periódicos atinjam nível de excelência. Para falar sobre investimento em periódicos, ele abordou alguns pontos de uma forma simplificada, começando por definir o que está envolvido em periódicos de qualidade. Destacou pontos como a necessidade de um *website* – que deve ser atualizado e acessível – sistema eletrônico de gerenciamento dos artigos, artigos com identificadores persistentes – como o DOI – avaliação por pares, periodicidade e regularidade das publicações. A publicação em inglês é outro ponto crucial, principalmente na área de Ciências Agrárias, pois é essencial para mostrar a produção científica brasileira, já que vários indexadores não aceitam periódicos publicados apenas em português. A indexação também é importantíssima, havendo uma relação direta entre qualidade e quantidade de indexação em bases de dados. Renato ressaltou a importância de bases de dados relevantes e mencionou a Ciência Aberta, que busca promover a igualdade e a equidade de publicações científicas.

Ele também destacou a importância da formação do editor e mencionou o papel da ABEC Brasil como um fórum de atualização para os editores. Assim, para que tudo isso funcione, há custos evidentes e ocultos. Os custos evidentes incluem a criação e manutenção do *website*, o *software* de gerenciamento, a secretaria (que pode ser virtual, mas envolve custos como papel, caneta, luz, etc.), a tradução de artigos, a revisão da língua inglesa, a diagramação, a detecção de plágio e a divulgação do periódico.

Já os custos ocultos incluem anuidades das associações, treinamento dos editores (que muitas vezes é pago pelos próprios editores), acessórios (como dados do celular), *design* de capa e a dedicação do editor-chefe.

[3] PAIVA, Renato. **Periódico de qualidade requer investimento**: quem paga? *In:* ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/renato_paiva.pdf. Acesso em: 08 jul. 2025.

Renato questionou sobre quem arca com os custos das publicações científicas e mencionou que as instituições de ensino contribuem de maneira integral ou parcial. No caso da universidade em que atua, a contribuição é parcial, com auxílio em infraestrutura e outras coisas. As associações científicas também ajudam, embora cobrem anuidade. As agências de fomento, como CNPq e Fundações estaduais de apoio, também contribuem, mas de forma parcial Além disso, patrocínios representam outra forma de pagamento, embora também sejam, em geral, parciais.

Diante desse cenário, Renato afirmou que os autores também precisam contribuir com o periódico, por meio da taxa de publicação. Ele mencionou que, apesar de ter posição contrária ao pagamento de APC, a situação econômica afetou o periódico e foi necessário aceitar essa realidade. Renato explicou que a APC cobre cerca de 50% dos custos do periódico, e que o restante é coberto por instituições, sociedades, fomento e patrocínio. Na falta de patrocínio, a APC aumenta, o que pode dificultar o pagamento pelos autores. Assim, para diminuir a APC, é preciso cortar custos do periódico, o que pode afetar a qualidade.

Renato mencionou que sua universidade teve um contingenciamento de recursos, o que afetou a editora e o periódico. Diante desse cenário, ele defendeu que o fomento é a solução para diminuir a APC e aumentar a qualidade do periódico. Ele mencionou que o edital do CNPq é fantástico, mas ainda restritivo, e que seria importante que a ABEC Brasil trabalhasse para torná-lo menos restritivo.

Renato apresentou um exemplo de dois periódicos, o Ciência e Agrotecnologia (nacional) e o European Journal of Horticultural Science (eJHS - internacional). Como editor de ambos os periódicos, ele exemplificou algumas diferenças entre eles, como indexadores, CiteScore e classificação no Qualis, ressaltando que ambos são de acesso aberto, permitindo que qualquer pessoa tenha acesso a todos os artigos. Por outro lado, destacou diferenças importantes entre eles. O Ciência e Agrotecnologia se destaca por ter um Qualis A2, sendo considerado um dos melhores periódicos brasileiros na área de Ciências Agrárias. Seus indexadores incluem o JCR 2023, com índice de 1.2, e o CiteScore de 2.1, com APC de R$700,00, um valor considerado acessível. Já o eJHS possui um Qualis A4 e, apesar de ter um CiteScore um pouco menor (1.9), ainda é um periódico relevante na área. Seus indexadores incluem 0.7, e o valor da APC é de 1.500 libras esterlinas, um valor significativamente mais alto que o do Ciência e Agrotecnologia.

Essa diferença de valores reflete sobre os custos de publicação de cada periódico. O eJHS, por ser um periódico internacional com custos mais elevados, justifica a APC mais alta. No entanto, a CABI, *publisher* internacional, que agora gerencia os artigos do eJHS em colaboração com a ISHS, oferece um desconto de 100% da APC para autores de 88 países através do programa Lifefor, tornando a publicação no eJHS mais acessível para pesquisadores de determinadas regiões. Ele explicou que a CABI coloca no papel todos os custos da publicação de um artigo, diferentemente do Ciência e Agrotecnologia.

Por fim, Renato concluiu sua fala afirmando que a APC veio para ficar e que contribui com a sustentabilidade do periódico.

O tema da sustentabilidade dos periódicos científicos brasileiros tem permeado os eventos da ABEC Brasil por vários anos, evidenciando a relevância na manutenção do periódico. Essa sustentabilidade envolve desde a infraestrutura e equipe qualificada para seu bom funcionamento, até a qualificação e indexação em bases de dados de relevância para as diferentes áreas, além de sua internacionalização. Aqui, destaco a necessidade de diferenciar um periódico internacional de um periódico estrangeiro. Em geral, estas denominações se confundem como sinônimos, que não o são. A avaliação da produção científica brasileira – e, consequentemente, dos pesquisadores – ainda se baseia, em grande parte, na publicação em periódicos estrangeiros, desconsiderando ou relegando a um plano secundário os periódicos brasileiros, mesmo aqueles com visibilidade internacional. Essa questão envolve mudanças culturais, exigindo trabalho árduo para que a produção científica nacional publicada nos periódicos brasileiros de qualidade também seja valorizada. Esses periódicos estão em bases de dados importantes para suas respectivas áreas, possuem sistema de submissão eletrônica, avaliação por pares, verificação de similaridade e de plágio, comprometimento com a ética dos artigos, além de terem um fator de impacto. Entretanto, o fator de impacto não é tão alto quanto poderia, pois os artigos de maior peso científico de nossos pesquisadores não são publicados neles, mas sim em periódicos estrangeiros. Os periódicos brasileiros com alcance internacional, em geral, possuem APC que ajudam na sua sustentabilidade. Entretanto, os valores cobrados são muito mais baixos que aqueles dos periódicos estrangeiros.

A ABEC Brasil tem participado dos grupos de trabalho e discussões sobre as cobranças de APC, das ações desenvolvidas pela Capes no que se refere ao Portal de Periódicos, tendo em vista que as decisões tomadas têm impacto em todos os envolvidos no processo de produção e divulgação científica: pesquisadores, autores e editores. Além disso, há alguns anos, a ABEC Brasil também participa do Programa de Editoração do CNPq, procurando defender uma distribuição da verba, de forma a proporcionar condições de profissionalização dos nossos periódicos.

Portanto, ao longo das apresentações, ficou evidente a importância da qualidade dos periódicos para sua indexação, e destacou-se o consenso sobre a necessidade de investimento financeiro para que essas publicações alcancem patamares internacionais de qualidade.

SOBRE OS PALESTRANTES

Luiz Antônio Pessan é diretor de Programas e Bolsas no país pela Capes, professor titular do Departamento de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e coordenador da área de Engenharia II da Capes. Ele também é membro do grupo gestor do Programa Institucional de Internacionalização (Capes-PrInt) da UFSCar, membro do Comitê

Consultivo SciELO e editor-chefe do periódico Materials Research, além de integrar o conselho editorial de diversos periódicos científicos internacionais.

Vanessa Jorge é Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é coordenadora de Informação e Comunicação da Vice-presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC) da Fiocruz, atuando nas diferentes instâncias da área como o Fórum de Ciência Aberta, Fórum de Editores Científicos e Comitê Gestor do Repositório de Dados da Fiocruz (o Arca Dados). Vanessa também é coordenadora executiva do Observatório em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde e do Portal de Periódicos Fiocruz, além de ser membro do Comitê Gestor do Instituto Nacional de Ciência Cidadã.

Renato Paiva é professor titular da Universidade Federal de Lavras (UFLA), na área de Fisiologia Vegetal. Atua na difusão do conhecimento como editor-chefe do periódico científico da universidade, Ciência e Agrotecnologia, e, mais recentemente, como editor-chefe da European Journal of Horticultural Science, um periódico científico internacional da Society for Horticultural Science. É membro eleito do Comitê Consultivo SciELO Brasil, representando revistas da área de Ciências Agrárias, e participa dos eventos da ABEC Brasil há vários anos.

SOBRE A RESENHISTA

Edna Frasson de Souza Montero é professora associada livre-docente do Departamento de Cirurgia da FMUSP, professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Cirúrgica Interdisciplinar da Escola Paulista de Medicina (EPM) na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) – 2024-2026, 2a. Tesoureira nas gestões de 2020-2021 e 2022-2023. Pertence ao corpo editorial dos periódicos científicos: Acta Cirúrgica Brasileira, como editora-chefe; da Revista da Associação Médica Brasileira, como editora-associada da Área Cirúrgica; da Brazilian Journal of Transplantation, como editora-associada. Membro da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP – Câmara CONEP).

https://orcid.org/0000-0003-1437-1219
edna.montero@fm.usp.br

Panorama da publicação científica no Sul Global: desafios e oportunidades

https://doi.org/10.21452/abec.2024.isbn.978-85-93910-07-4.cap.11

Sigmar de Mello Rode

Este painel teve como objetivo discutir o cenário da publicação científica no Sul Global, destacando os principais desafios enfrentados pelas comunidades científicas emergentes para aumentar sua visibilidade e impacto global. Os participantes discutiram as barreiras estruturais, econômicas e tecnológicas, bem como as iniciativas e estratégias que estão sendo implementadas para superar esses obstáculos e promover a inclusão equitativa na produção e disseminação do conhecimento científico, além da complexa tarefa de ser editor nessa região.

Piotr Trzesniak[1], em sua fala sobre o **Associacionismo entre revistas: juntos somos melhores e mais fortes**, apresentou a complexa e árdua tarefa do editor de um periódico científico no Sul Global. Diariamente, esses profissionais se deparam com uma série de desafios que exigem habilidades e conhecimentos múltiplos.

Um dos principais problemas reside na necessidade de "matar um leão por dia". Ou seja, os periódicos do Sul Global precisam constantemente provar sua qualidade e relevância, sob o risco de serem considerados inferiores às publicações do Norte Global.

Essa situação se agrava pelo fato de que, muitas vezes, um único artigo de qualidade inferior é suficiente para prejudicar a reputação de todo um periódico, mesmo que ele tenha publicado diversos trabalhos de excelência.

Diante desse cenário desafiador, é fundamental que os periódicos do Sul Global invistam na melhoria contínua de sua qualidade. Para tanto, é preciso ter uma visão abrangente das diferentes dimensões que compõem a qualidade de uma publicação científica.

Na visão de Piotr, a qualidade de um periódico científico pode ser analisada sob quatro dimensões:

1) *Técnico-normativa*: Refere-se à adequação do periódico às normas técnicas e científicas estabelecidas, como formatação, estrutura dos artigos, uso de citações e referências, entre outros aspectos;
2) *Processo produtivo*: Engloba a gestão editorial e administrativa do periódico, incluindo a seleção de artigos, o processo de avaliação por pares, a diagramação, a publicação e a divulgação;

[1] TRZESNIAK, Piotr. **Associacionismo entre revistas**: juntos somos melhores e mais fortes. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/piotr.pdf. Acesso em: 06 maio 2025.

3) *Produto*: Diz respeito ao conteúdo em si, ou seja, à qualidade dos artigos publicados, sua relevância científica, originalidade, contribuição para o avanço do conhecimento e potencial de impacto;
4) *Mercado*: Refere-se à percepção que os pesquisadores e a comunidade científica têm do periódico, sua reputação, credibilidade, alcance e reconhecimento.

Para fortalecer os periódicos do Sul Global e aumentar sua visibilidade e impacto, é preciso adotar estratégias que contemplem todas as dimensões da qualidade. Nesse sentido, Piotr destacou algumas iniciativas importantes:

a) *Investimento na formação de editores*: É fundamental que os editores dos periódicos do Sul Global tenham acesso à formação e à atualização constantes sobre as melhores práticas editoriais, as normas técnicas e científicas, as ferramentas de gestão e os critérios de avaliação da qualidade;
b) *Fortalecimento do processo de avaliação por pares*: A avaliação por pares é um dos pilares da qualidade científica. É preciso garantir que os periódicos contem com um sistema de avaliação rigoroso, transparente e eficiente, que envolva especialistas qualificados e que garanta a qualidade e a relevância dos artigos publicados;
c) *Adoção de políticas editoriais claras e transparentes*: Os periódicos devem ter políticas editoriais claras e transparentes, que definam os critérios de seleção de artigos, o processo de avaliação por pares, as normas éticas e de conduta, entre outros aspectos;
d) *Promoção da internacionalização dos periódicos:* É importante que os periódicos do Sul Global busquem a internacionalização, tanto através da publicação de artigos em inglês ou outros idiomas estrangeiros, quanto pela participação em redes e plataformas internacionais de indexação e divulgação;
e) *Criação de redes e associações de editores:* A criação de redes e associações de editores é fundamental para o fortalecimento da comunidade editorial do Sul Global, o intercâmbio de experiências e conhecimentos, a promoção de ações conjuntas e a defesa dos interesses dos periódicos.

Nesse contexto, o associacionismo desempenha um papel crucial. A união de esforços entre editores e periódicos permite enfrentar os desafios com mais força e de forma mais eficaz.

A criação da ALAEC (Associação Latino-Americana de Editoração Científica), presidida por Piotr, é um exemplo importante do poder do associacionismo. A ALAEC tem como objetivo ampliar o protagonismo global das pesquisas e dos periódicos latino-americanos, oferecendo treinamento, orientação e materiais para o aprimoramento da qualidade das publicações, assim como já faz a ABEC Brasil.

Além disso, a ALAEC busca promover a visibilidade dos periódicos do Sul Global, através de iniciativas como a criação de um portal de divulgação e a formação de embaixadores que atuem na promoção dos periódicos em eventos internacionais.

Piotr enfatizou que o fortalecimento dos periódicos do Sul Global é um desafio complexo, mas que pode ser superado com a adoção de estratégias adequadas e o engajamento de todos os atores envolvidos. É preciso investir na melhoria contínua da qualidade dos periódicos, fortalecer o processo de avaliação por pares, adotar políticas editoriais claras e transparentes, promover a internacionalização das publicações e fortalecer o associacionismo.

A fala de Piotr abordou diversos pontos cruciais para o futuro dos periódicos científicos do Sul Global. Seus comentários nos levam a refletir sobre os desafios e as oportunidades que se apresentam nesse cenário em constante transformação.

Piotr destacou a complexa função do editor, que se vê sobrecarregado por uma série de tarefas que vão além da avaliação e seleção de artigos. O editor precisa ser um gestor, um divulgador, um articulador, e, muitas vezes, um "caçador de talentos" que busca atrair os melhores trabalhos para o seu periódico.

Essa sobrecarga de trabalho, como mencionado, é ainda mais evidente no Sul Global, onde os periódicos enfrentam dificuldades adicionais para competir com as grandes publicações do Norte. A falta de apoio financeiro e institucional, a dificuldade de atrair autores e avaliadores de ponta, bem como a necessidade de lutar por visibilidade em um mercado dominado por grandes *publishers* são alguns dos obstáculos que os editores do Sul Global precisam superar.

O fim do Qualis, como critério avaliador, e a nova proposta da Capes, devem trazer uma maior valorização dos artigos em detrimento da avaliação dos periódicos. Essa mudança representa uma oportunidade para os periódicos brasileiros se destacarem, desde que consigam atrair e publicar artigos de alta qualidade.

No entanto, essa mudança também traz novos desafios para os editores, que precisarão investir em estratégias de divulgação e comunicação para aumentar a visibilidade de seus artigos e atrair autores de renome. A exigência de oferecer atrativos semelhantes aos dos grandes *publishers*, como a divulgação em mídias sociais e o investimento em altmetria, demandará um esforço adicional dos editores.

Piotr também abordou a questão da igualdade e equidade nas negociações com os grandes *publishers*. Ele mencionou que as propostas apresentadas a países como o Brasil são as mesmas oferecidas a países como a Holanda ou a Alemanha, ignorando as diferenças de realidade e de poder aquisitivo.

Essa é uma luta importante para os periódicos do Sul Global, que buscam condições mais justas e equitativas para competir no mercado global. A valorização da produção científica do Sul Global, o reconhecimento da qualidade de seus periódicos e a busca por acordos mais equilibrados com os grandes *publishers* são desafios que precisam ser enfrentados com união e determinação.

É preciso investir na formação de editores, fortalecer o processo de avaliação por pares, adotar políticas editoriais claras e transparentes, promover a internacionalização dos periódicos e buscar o apoio de instituições e agências de fomento.

Acreditamos que, com trabalho árduo e dedicação, os periódicos do Sul Global podem alcançar o reconhecimento e o impacto que merecem, contribuindo para o avanço da ciência e do conhecimento em nível global.

A apresentação **La importancia del DOAJ en el ecosistema de la Ciencia Abierta en el Sur Global**[2], realizada por **Gimena del Rio Riande**, representante do DOAJ (Directory of Open Access Journals) neste painel sobre o Sul Global, trouxe à tona a importância desse diretório para a democratização do acesso à produção científica e para o fortalecimento da pesquisa nos países em desenvolvimento.

Figura 1 – Distribuição geográfica dos periódicos no DOAJ

Fonte: Ejournal Unand (2023).

O DOAJ se destaca por ser um diretório de periódicos de acesso aberto que valoriza a qualidade, a diversidade e a inclusão. Ele indexa periódicos de todas as disciplinas, regiões geográficas e idiomas, desde que sejam avaliados por pares.

Essa característica inclusiva garante que periódicos do Sul Global, que muitas vezes não têm a mesma visibilidade que as publicações do Norte, sejam encontrados e reconhecidos pela comunidade científica internacional.

Gimena destacou que o DOAJ tem desempenhado um papel fundamental na definição de padrões de qualidade e transparência para os periódicos científicos. Seus critérios de

[2] RIANDE, Gimena del Rio. **La importancia del DOAJ en el ecosistema de la Ciencia Abierta en el Sur Global**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/gimena_del_rio_riande_2.pdf. Acesso em: 06 maio 2025.

submissão, que são periodicamente revisados e atualizados, têm influenciado a forma como diferentes países avaliam e indexam seus periódicos.

Ao adotar os critérios do DOAJ, os periódicos do Sul Global podem aumentar sua credibilidade e visibilidade, além de contribuir para a melhoria da qualidade da comunicação científica em geral.

O DOAJ tem se mostrado um importante aliado dos periódicos do Sul Global, oferecendo apoio e recursos para que eles possam alcançar seus objetivos.

Além de indexar os periódicos, o DOAJ oferece um programa de embaixadores que visa capacitar editores e pesquisadores de países em desenvolvimento, além de promover a visibilidade dos periódicos do Sul Global em eventos internacionais.

O DOAJ também tem se preocupado em facilitar o processo de preservação digital dos periódicos – um aspecto fundamental para garantir o acesso à produção científica ao longo do tempo –, pois não é apenas um diretório de periódicos, mas também uma valiosa fonte de dados para a pesquisa sobre acesso aberto e comunicação científica. Tais dados, que são abertos e acessíveis a todos, podem ser utilizados para analisar tendências, identificar lacunas e entender melhor o panorama da publicação científica no Sul Global.

De acordo com Gimena, apesar dos avanços significativos, o DOAJ ainda enfrenta desafios importantes, como a necessidade de expandir sua cobertura para regiões menos representadas e aprimorar seus mecanismos de avaliação da qualidade dos periódicos. No entanto, tem se mostrado um ator dinâmico e adaptável, que busca, constantemente, inovar e aprimorar seus serviços para atender às necessidades da comunidade científica global.

Desse modo, compreende-se que o DOAJ continuará a desempenhar um papel fundamental no fortalecimento da Ciência Aberta no Sul Global, oferecendo visibilidade, apoio e recursos para que os periódicos da região possam alcançar seu pleno potencial.

A fala da representante do DOAJ e os comentários subsequentes ressaltaram a importância desse diretório para a comunidade científica, especialmente no contexto do Sul Global. Trata-se de um selo de qualidade e transparência para os periódicos científicos. Estar indexado no DOAJ é um reconhecimento de que o periódico segue padrões de qualidade e boas práticas editoriais. Além disso, muitas vezes é um pré-requisito para que os periódicos sejam indexados em outras bases de dados importantes, como o SciELO. Portanto, buscar a indexação no DOAJ é um passo fundamental para aumentar a visibilidade e o alcance do periódico.

Destarte, Gimena trouxe excelentes notícias para a comunidade científica brasileira, como a disponibilização de informações em português e a presença de embaixadores no Brasil. Afirmou ainda ser uma grande oportunidade para que periódicos e pesquisadores brasileiros se aproximem do DOAJ e aproveitem os recursos e o apoio oferecidos pelo diretório.

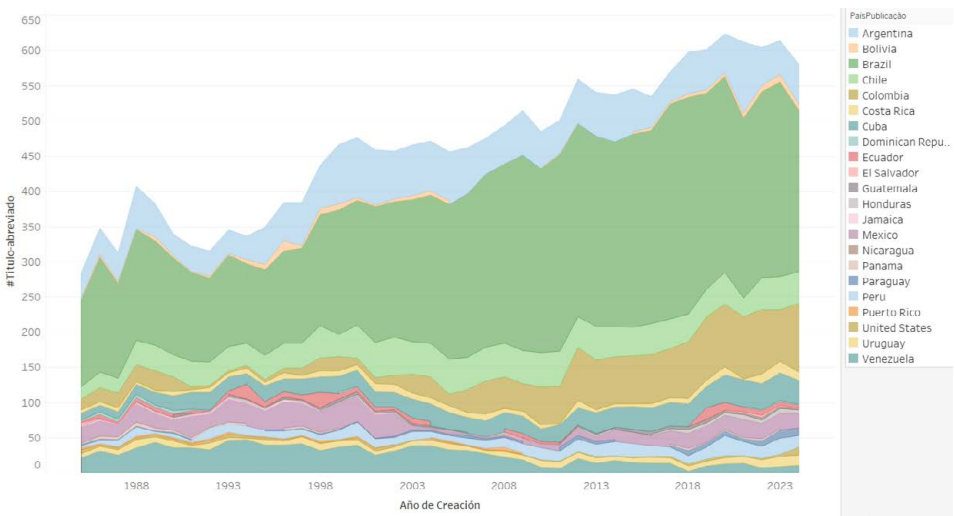
Com um papel fundamental no cenário do acesso aberto, especialmente no Sul Global, como mencionado, a América Latina é responsável por uma parcela significativa da publicação em acesso aberto no mundo, e o Brasil tem um papel de destaque nesse cenário, impulsionado por iniciativas como o SciELO e o Lilacs. Assim, o DOAJ, ao indexar periódicos de

todo o mundo, incluindo os do Sul Global, contribui para democratizar o acesso à informação científica e fortalecer a pesquisa em países em desenvolvimento. Desse modo, diante de tantas oportunidades e de sua importância para a comunidade científica, é fundamental que os periódicos brasileiros busquem a indexação nesse diretório e que os pesquisadores utilizem os recursos oferecidos para encontrar e divulgar seus trabalhos.

Acreditamos que o DOAJ continuará a desempenhar um papel crucial no fortalecimento da Ciência Aberta no Brasil e no mundo, e que a parceria entre o DOAJ e a comunidade científica brasileira trará muitos frutos positivos.

Seguindo com a apresentação **LILACS e seu papel no fortalecimento dos periódicos científicos em saúde da América Latina e Caribe**[3], de **Sueli Mitiko Yano Suga**, supervisora da LILACS, evidenciou-se a importância dessa base de dados para a saúde da América Latina e Caribe. A LILACS vai além de um simples índice de periódicos, atuando como uma plataforma que democratiza o acesso à informação científica e técnica relevante para a região.

Figura 2 – Periódicos por país na LILACS



Fonte: Infometrias da LILACS (Suga, 2024).

Sueli destacou os desafios de garantir acesso à informação científica e técnica na região, como a dispersão da literatura e a falta de visibilidade da produção local. A LILACS se apresenta como uma solução ao reunir e organizar essa produção, tornando-a acessível a pesquisadores, profissionais da saúde e gestores de saúde pública.

[3] SUGA, Sueli Mitiko Yano. **LILACS e seu papel no fortalecimento dos periódicos científicos em saúde da América Latina e Caribe**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/sueli_mitiko_yano_suga.pdf. Acesso em: 06 maio 2025.

Com a diferenciação de uma abordagem inclusiva e contextualizada, sua base indexa periódicos em português, inglês e espanhol, além de outros idiomas, e considera os diferentes contextos culturais, sociais e econômicos da região. Essa característica permite que a LILACS represente a diversidade da América Latina e Caribe, fornecendo informações relevantes para as necessidades específicas de cada local.

A LILACS ainda desempenha um papel importante na cooperação internacional e no impacto global da produção científica da região. A base representa a América Latina e Caribe em iniciativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), como o Global Index Medicus, e sua metodologia é utilizada em outros índices, como o African Index Medicus. Para além disso, a LILACS conta com um comitê de avaliação e seleção de periódicos composto por especialistas de diferentes áreas da saúde. Esse comitê garante que os periódicos indexados na base atendam aos critérios de qualidade e relevância para a região, além de adotar critérios rigorosos de qualidade, recomendando a aplicação de princípios e guias internacionais de boas práticas editoriais. A base também se preocupa com a ética na publicação científica e com a integridade da informação.

Segundo Sueli, essa base de dados promove webinários e atividades de capacitação para editores de periódicos científicos, abordando temas como boas práticas editoriais, acesso aberto e inteligência artificial. Essas iniciativas contribuem para a melhoria da qualidade da comunicação científica na região, disponibilizando a informação científica e técnica por meio de diferentes plataformas, como o Minha BVS, além de interfaces que facilitam o acesso à produção da América Latina e Caribe.

Compreende-se então a LILACS como uma base de dados fundamental para pesquisas na área da saúde, na América Latina e Caribe, especialmente para a realização de revisões sistemáticas. A abrangência da LILACS – que indexa 917 periódicos de quase 30 países – aumenta a chance de encontrar estudos relevantes que podem não estar disponíveis em outras bases de dados, além de realizar um levantamento de dados sobre os periódicos indexados na base, o que permite aos editores realizarem uma autoavaliação e se situarem dentro de sua área temática. Esse perfil também contribui para a identificação de lacunas na pesquisa e para o desenvolvimento de estratégias para fortalecer a comunicação científica na região.

Assim, com a crescente exigência por parte dos periódicos científicos por revisões sistemáticas rigorosas, a inclusão da LILACS como base de dados consultada tornou-se praticamente obrigatória. A base oferece uma cobertura abrangente da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe, incluindo estudos que podem não estar indexados em bases de dados internacionais, como a MEDLINE (National Library of Medicine's).

A LILACS, ao continuar indexando periódicos de países da América Latina e Caribe, contribui para a preservação da memória científica da região e para a superação de desafios como os enfrentados pela Venezuela. A base de dados representa um esforço importante

para garantir que a produção científica da região seja acessível e utilizada para a melhoria da saúde da população.

As discussões neste painel nos levaram a refletir sobre a importância de valorizar e fortalecer os periódicos do Sul Global. Essas publicações desempenham um papel fundamental na disseminação do conhecimento científico produzido na região, na promoção da pesquisa de qualidade e no desenvolvimento de soluções para os desafios locais.

É preciso reconhecer a importância do trabalho dos editores, que se dedicam a manter a qualidade e a relevância dos periódicos, muitas vezes enfrentando dificuldades e obstáculos. É preciso também que os pesquisadores valorizem e publiquem seus trabalhos nos periódicos do Sul Global, contribuindo para o fortalecimento dessas publicações.

Acreditamos que, com o engajamento de todos os atores envolvidos, e indexações adequadas, os periódicos do Sul Global podem alcançar um futuro promissor, consolidando sua posição como importantes veículos de comunicação científica e contribuindo para o avanço da ciência e do conhecimento em nível global.

REFERÊNCIAS

EJOURNAL UNAND. Data collected from DOAJ 2023-03-14 from database created by Ikhwan Arief. **DOAJ Ambassador**, 2023. Disponível em: https://ejournal.unand.ac.id/node/115. Acesso em: 08 jun. 2025.

SUGA, Sueli M. Y. **LILACS e seu papel no fortalecimento dos periódicos científicos em saúde da América Latina e Caribe**. *In*: ABEC MEETING 2024, 8., 2024, São Paulo, SP. [Painel]. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2025. Disponível em: https://www1.abecbrasil.org.br/painel/uploads/www/eventos/01080/sueli_mitiko_yano_suga.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOBRE OS PALESTRANTES

Piotr Trzesniak é Bacharel, Mestre e Doutor em Física, com formação e experiência em sistemas de qualidade, indicadores e administração. Nos últimos 30 anos, também tem trabalhado com publicação científica e ciências da informação, tema sobre o qual publicou diversos artigos e proferiu inúmeras conferências e cursos. Foi o primeiro-secretário, secretário-geral e vice-presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e é o atual Presidente da Associação Latino-Americana de Editoração Científica (ALAEC).

Gimena del Rio Riande é Doutora em Filologia Românica pela Universidad Complutense de Madrid. É pesquisadora associada do Instituto de Investigaciones Bibliográficas y Crítica Textual (IIBICRIT-CONICET, Argentina) e professora da Universidade de Buenos Aires. Tem experiência na área de Letras.

Sueli Mitiko Yano Suga é bibliotecária, supervisora da área de Fontes de Informação Referenciais do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (BIREME) da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) da Organização Mundial da Saúde (OMS), coordenadora da base de dados LILACS. Mestre em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, graduada pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e aluna do MBA sobre Digital Business na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, atua com desenvolvimento de metodologias de gestão da informação em saúde, gestão de bases de dados, boas práticas editoriais de periódicos científicos, avaliação de periódicos e indexação de documentos.

SOBRE O RESENHISTA

Sigmar de Mello Rode possui graduação em Odontologia pela Universidade de São Paulo (USP), é Mestre em Clínicas Odontológicas (Prótese Completa) e Doutor em Odontologia (Dentística), ambos pela USP. É Livre-Docente em Dentística pela Faculdade de Odontologia da USP e Titular pela Faculdade de Odontologia de São Jose dos Campos da Universidade "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Exerce a função de ex-presidente da Região Latino-Americana da International Association for Dental Research IADR e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO) e foi presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) gestões: 2012-2013, 2014-2015, 2020-2021 e 2022-2023. Foi editor científico da Brazilian Oral Research e é editor de área da CLINICS e da Acta Cirúrgica Brasileira. Coordena o Escritório de Ética do SciELO.

https://orcid.org/0000-0002-4261-4217
sigmar.rode@unesp.br

ABEC BRASIL 40 Anos
Associação Brasileira de Editores Científicos

Avançando na qualificação e inovação da editoria científica

CERTIFICAÇÃO DE EDITOR CIENTÍFICO

EaD 360 horas

Para iniciar a **Certificação**, escolha os **cursos** de sua preferência a partir das **trilhas formativas:** Gestão Editorial Científica, Avaliação Editorial Científica e Ferramentas e Tecnologias Editoriais Científicas.

Matrículas abertas em **fluxo contínuo.**

Próximos lançamentos:
Comunicação digital para periódicos científicos (40h)
Editoração de revistas com o OJS 3.3 LTS (40h)
Inteligência artificial na editoria científica (40h)

abeceducacao@abecbrasil.org.br moodle.abecbrasil.org.br

Esta publicação, que registra oficialmente as memórias críticas sobre o *ABEC Meeting 2024*, apresenta uma coletânea das análises elaboradas pelos moderadores dos painéis, mesas-redondas e *workshops*, realizadas a partir das apresentações ocorridas durante o evento. O conteúdo, aqui reunido, reflete o compromisso da ABEC Brasil com a valorização da editoria científica, ao promover a reflexão crítica sobre temas fundamentais para o presente e o futuro da publicação de periódicos.

Entre os principais assuntos discutidos estiveram: o uso responsável da inteligência artificial, a sustentabilidade financeira dos periódicos científicos, o enfrentamento aos periódicos predatórios, a valorização da qualidade editorial e os desafios enfrentados pelos periódicos do Sul Global. Também foram abordadas questões como visibilidade, indexação, diversidade, equidade, inclusão e acessibilidade, além de experiências práticas compartilhadas em minicursos e *workshops* voltados ao aperfeiçoamento da gestão editorial.

Disponível nos formatos digital e impresso, esta obra consolida-se como mais uma importante ação da ABEC Brasil no cumprimento de sua missão de apoiar o desenvolvimento da editoria científica de excelência, fortalecendo redes de colaboração, ampliando o acesso ao conhecimento e contribuindo para a valorização da ciência nacional.

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos
40 Anos

Avançando na qualificação e inovação da editoria científica

ISBN: 978-85-93910-07-4
CDL
9 788593 910074